The background features a collage of historical maps and handwritten notes. On the left, a portion of a topographic map is visible, showing terrain contours and a river network. In the upper right, there are several pieces of paper with handwritten text in cursive, including phrases like "do wander every where, Swifter than the moon's sphere;" and "writing. It's down C to R.C.". The main title is overlaid on a white rectangular area with a dashed border.

Mapa de Intensidades

cartografia de uma
transformação feminina

Renata Barbosa
Porcellis da Silva

Prof^a Dr^a Roselaine Machado Albernaz
orientadora

Prof. Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Júnior
coorientador

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA SUL-RIO-GRANDENSE –
CÂMPUS PELOTAS

MESTRADO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO
E TECNOLOGIA

RENATA BARBOSA PORCELLIS DA SILVA

**MAPA DE INTENSIDADES:
CARTOGRAFIA DE UMA
TRANSFORMAÇÃO FEMININA**

Dissertação para obtenção do grau de mestre apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense do câmpus Pelotas.

Orientadora:

Dra. Roselaine Machado Albernaz

Coorientador:

Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Junior

Linha de Pesquisa:

Linguagens Verbo-visuais e Tecnologias.

Pelotas, RS
2017

S586m Silva, Renata Barbosa Porcellis da.

Mapa de intensidades : cartografia de uma transformação feminina /
Renata Barbosa Porcellis da Silva. - 2017.
208f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Roselaine Machado Albernaz

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2017.

1. Gêneros. 2. Sexualidades. 3. Subjetividade. 4. Singularidade. 5.
Corpo sem órgãos. I. Albernaz, Roselaine Machado. II. Instituto Federal
de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD370.1

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Vivian I. M. Ritta CRB 10/1488

Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

RENATA BARBOSA PORCELLIS DA SILVA

**MAPA DE INTENSIDADES:
CARTOGRAFIA DE UMA
TRANSFORMAÇÃO FEMININA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Educação e Tecnologia no Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense - câmpus Pelotas.

Dra. Roselaine Machado Albernaz
(orientadora - IFSul)

Dr. Donald Hugh de Barros Kerr Júnior
(coorientador - IFSul)

Dr. Alberto D'Ávila Coelho
(MPET - IFSul)

Dra. Paula Regina Costa Ribeiro
(CEAMECIM - FURG)

Pelotas, 10 de março de 2017.

Resumo: A pesquisa propõe um desfazimento da identidade feminina advinda de uma concepção estruturalista do sujeito. Questiona como se dão os processos de desconstrução de um sujeito mulher e como subverter um feminino no encontro de ideias, corpos e intensidades que podem ou não produzirem singularidades. Tem como objetivos: problematizar a ideia de feminino rejeitando as noções essenciais de gênero; questionar um pensamento que produz um jeito único de ser mulher e considerar um modo de vida feminino não subjugado pelo governo do outro, mas que seja uma expressão singular. A partir de pistas do método cartográfico o texto é apresentado através da criação de uma novela onde um narrador relata a trajetória de uma personagem que se transforma ao longo da narrativa. Em um texto que mescla uma história ficcional e conceitos da filosofia da diferença que colocam na berlinda as ideias clássicas de representação, as afecções e atravessamentos da personagem são trazidos pela narrativa e, por vezes, o texto ganha rupturas onde escapam poesias com a voz da personagem que apresenta sua desterritorialização quando se pergunta “o que é ser mulher?”. Partindo das desconstruções e caminhos percorridos pela personagem, transitando pelos pensamentos que ela produziu sobre ser mulher, as ideias sobre identidade feminina e suas problemáticas, possibilitaram a criação de um pensamento sobre subversão de gênero, uma desconstrução do pensamento representacional em relação à mulher. A desconstrução do conceito de gênero e sexualidade é problematizada a partir da ideia de que os corpos são uma produção capitalística de subjetividades e engessados em modelos dicotômicos e heteronormativos, entendendo, desta forma, que ser mulher é uma fabricação. Para romper com a normatividade dos corpos femininos, o conceito de Corpo sem Órgãos desenvolvido por Deleuze e Guattari, vem possibilitar uma ruptura com a organicidade e significância dos órgãos, uma forma de experimentar corpos não generizados, um anúncio de um *corpo por vir*. A pesquisa, por se tratar de uma cartografia, afeta e transforma também a pesquisadora.

Palavras-chave: Gêneros. Sexualidades. Subjetividade. Singularidade. Corpo sem órgãos.

Abstract: The research proposes an unmaking of female identity that comes from a structuralist conception of the subject. It questions how the deconstruction process of a woman subject happens, and how to subvert a feminine in the meeting of minds, bodies and intensities that may or may not produce singularities. The research aims to: discuss the idea of feminine, rejecting the essential notions of gender, to question a thought that produces a unique way of being a woman, and to consider a female way of life not as subjugated by the government of others, but as a singular expression. From tracks of the cartographic method, the text is presented by creating a novel in which a narrator describes the trajectory of a character who undergoes a transformation throughout the narrative. In a text that mixes a fictional history and concepts of the philosophy of difference that put a spotlight on the classical ideas of representation, conditions and crossings of the character are brought by the narrative and sometimes the text breaks where poetry escapes with the voice of the character, who presents her deterritorialization when asking herself “what is a woman?”. Starting from the deconstructions and paths taken by the character, moving through the thoughts that she produced about being a woman, the ideas of female identity and its problems enabled the creation of a thought about gender subversion, a deconstruction of representational thinking towards women. The deconstruction of the concept of gender and sexuality is questioned starting from the idea that bodies are a capitalistic production of subjectivities that are embedded in dichotomous and heteronormative models, understanding in this way that being a woman is a fabrication. In order to break the normativity of female bodies, the concept of the Body without Organs, created by Deleuze and Guattari, makes possible to break the organicity and significance of the organs, a way of experimenting non-gendered bodies, an announcement of a *body to come*. This research, for being a cartography, affects and transforms also the researcher.

Keywords: Gender. Sexuality. Subjectivity. Singularity. Body without organs

Dedico este trabalho ao meu incrível mestre Goy, que me enxergou através de poesias, que me mostrou possibilidades quando tudo não passava de um esboço turvo.

Agradeço

ao meu filho Samuel,
por ensinar-me a lutar contra meus preconceitos.

à minha família,
pelo apoio e paciência quando souberam respeitar meu
isolamento para a elaboração desta cartografia.

aos meus orientadores,
pelo carinho, paciência, generosidade, pelas incansáveis
leituras, por acreditarem, apostarem em minhas ideias, por
me mostrarem caminhos possíveis.

à banca, professor Alberto e professora Paula,
pelas trocas, pareceres, que ajudaram a potencializar esta
dissertação.

à professora Cynthia Farina,
pela paciência em responder todas as minhas dúvidas e pe-
las aulas brilhantes que movimentaram meus pensamentos.

aos colegas do grupo de pesquisa Experimenta,
por ouvirem minhas inquietações, contribuírem com meu
trabalho e acompanharem minhas idas e vindas.

às (ao) colegas do grupo de pesquisa GESE,
pelo acolhimento, dedicação, leitura e preciosas con-
tribuições que me ofereceram.

à amiga Ana Margarites,
pelas nossas “reuniões”, boas discussões e escuta amiga.
E, principalmente, por iniciar-me na arte da encadernação.

à Vivian Madruga e Liader Soares,
por fazerem de minhas ideias um trabalho gráfico possível.

a todas as minhas alunas do programa Mulheres Mil,
por transformarem minha vida.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
------------------	----

PARTE I

1. CRIAÇÃO	25
1.1 UM CORPO CONTAMINADO	40
1.2 UM CORPO PULSANTE	44
2. DESASSOSSEGOS	46
2.1 CORPOS “MULHERES MIL”	59
2.2 CORPOS QUE SE TRANSFORMAM	63
3. ATRAVESSAMENTOS	69
<i>Gritos mudos I</i>	88
3.1 UM CORPO CARTÓGRAFO	91
3.1.1 Princípios do rizoma	95
3.1.2 Agenciamento	99
3.1.3 Criação de mundos	101
4. ATREVIMENTOS	107
<i>Gritos mudos II</i>	120
4.1 CORPOS SUBJETIVADOS	124
4.1.1 Processos homogeneizantes da subjetivação	126
4.1.2 Produção de singularização.....	134

PARTE II

5. O QUE PASSA POR UM CORPO?	142
<i>Gritos mudos III</i>	158
5.1 CORPOS SUJEITADOS PELO GÊNERO E PELA SEXUALIDADE	163
6. REVERBERAÇÕES	179
<i>Gritos mudos IV</i>	187
6.1 O QUE PODE UM CORPO?	190
6.2 <i>UM CORPO POR VIR</i>	204
7. REFERÊNCIAS	214

INTRODUÇÃO

Toma meu corpo um *devir-cartógrafa*. Escrevo esta pesquisa que problematiza questões de gêneros e sexualidades, bem como alguns processos de subjetivação de mulheres no mundo contemporâneo. A pesquisa surge da potência gerada em encontros com minhas alunas em um programa chamado Mulheres Mil, os quais me fizeram questionar sobre questões femininas, estereótipos machistas e sexistas perpetuados na sociedade. Questionei o que seria mais importante ensinar àquelas mulheres, levando-me a perguntar “o que é ser mulher?”. As sensações colhidas desta experiência transbordam nesta cartografia. Para dar conta, crio uma personagem: uma mulher que acolhe as sensações de muitas outras mulheres. E também outras personagens que vão se compondo ao texto, como o narrador. E é assim que a escrevo.

Esta mulher sofre transformações em um processo de desconstrução de sua “identidade feminina”. A proposta de leitura se dá a partir de um narrador, que em forma de novela - narrativa breve que se caracteriza por se concentrar em torno de um número restrito de

personagens - relata a trajetória desta personagem que se transforma ao longo do texto. O narrador relata os atravessamentos e transfigurações que acontecem com a personagem. Em um texto que mescla ficção, arte e conceitos filosóficos, as transformações da personagem são evidenciadas nas falas do narrador e, por vezes, com poesias que interrompem o texto dando voz à personagem. A cada texto poético, que chamo de *gritos mudos*, uma transformação é anunciada, dando nova forma à personagem. Nestas intervenções, revelam-se transformações que afetam a continuidade do texto.

Em páginas lacradas ao longo da narrativa literária, que poderão ser lidas concomitantemente ou ao final da novela, o leitor poderá intervir nas folhas, rasgando, cortando, descosturando e revelando conceitos filosóficos que permeiam, veladamente, o texto literário. Com uma proposta de problematizar conceitos filosóficos através da potência da arte, os textos desnudam perceptos e afectos¹ extraídos dos encontros com as vidas das personagens, que se entrecruzam com os conceitos apresentados. Nesta criação, surge, na potência de afectos, um devir sem rosto, uma figura estética que foi percebida pelo seu criador. Neste texto, é dado ao narrador a potência criadora da personagem.

Dando consistência teórica à pesquisa, se manifesta a ideia que Deleuze e Guattari desenvolvem sobre

1 Conceitos criados por Gilles Deleuze que, em breves palavras explicadas na obra *Conversações* (2004, p.171) exponho para melhor compreensão: “Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro).”

figuras estéticas², entendendo que “A diferença entre as personagens conceituais e as figuras estéticas consiste de início no seguinte: uns são potências de conceitos, os outros, potências de afectos e de perceptos”³. As personagens da novela são aqui consideradas figuras estéticas que, através da potência da arte, fazem vibrar seus desassossegos e, é claro, de minhas próprias inquietações enquanto pesquisadora-cartógrafa. As figuras estéticas, como mencionado, não cumprem a mesma função das personagens conceituais, mas, nesta narrativa reverberam no desenvolvimento de conceitos filosóficos, podendo ajudar a potencializar a pesquisa. O que talvez aconteça é que essas personagens colaborem com o fluxo de meus pensamentos, especialmente a personagem narrador, que é um intercessor de minhas ideias, arrancando-me de uma imagem de sujeito de pesquisa alicerçada no modelo de representação⁴ e me provocando a criar para além do eu/ego/identidade e de todas as formas já dadas de ser. Desta forma, tendo meus pensamentos intermediados pela figura do narrador, sou transformada junto às personagens ao longo da pesquisa. Logo, esta pesquisa trata de formação através dos encontros com a arte, filosofia e educação. Sobre como experiências com outras vidas ressoaram em minha formação e pensamento. Uma forma de

2 Cf. DELEUZE; GUATTARI. 2010.

3 DELEUZE; GUATTARI. 2010, p.86-87.

4 No modelo representacional, ou cartesiano, existe uma única verdade, um único modo de ser e pensar. Para ser verdadeiro é necessário a comprovação da ciência através do método científico desenvolvido por Descartes. Diferentemente do rizomático constituído por linhas que se ramificam e não param de se desfazer e refazer, de se conectar, cruzar, tangenciar formando planos de consistência, mapas em constante atualização e territórios sempre provisórios.

escrita que visa educar o sensível ao abrir espaço para a criação, para a arte, para o pensamento.

Nesse diálogo, apresento conceitos que perpassaram tanto o texto literário como o texto filosófico. Para potencializar este diálogo, a personagem “professorinha”, encarnada em uma figura estética, tem a força de compartilhar suas afecções, que atravessam tanto o narrador, quanto o leitor, permitindo pensar e mostrar a complexidade dos processos de subjetivação na contemporaneidade. Partindo destas ideias, minha estratégia enquanto cartógrafa é conectar os textos literário e acadêmico com a finalidade de problematizar questões de gêneros e sexualidades. Despindo para o público as sensações da professorinha, o narrador desenvolve a problemática em questão e, para isso, se aproxima das filosofias da diferença e de questões feministas, produzindo o mapa da pesquisa. É importante salientar o quão desafiador é para essa personagem narrador lidar com a criação e todos os pensamentos novos que surgem daí, por isso ele participa intensa e ativamente do texto. Criei os personagens narrador e professorinha, para dar conta das afecções que sofri antes e durante a cartografia, utilizando-me da novela como um outro corpo, que dialoga comigo. De início, a narrativa é tomada por clichês, corpos mornos, passos lentos. Conforme as personagens se transformam, o próprio texto toma outro ritmo, novas palavras, outras formas de pensar.

O ponto de partida para os questionamentos desta pesquisa se dá inquirindo: Como se dão os processos de desconstrução de um sujeito mulher? Como subverter um feminino no encontro de ideias, corpos e intensida-

des que pode produzir uma singularidade? Procurando problematizar a ideia de um sujeito feminino, rejeito as noções de identidades essenciais de gênero, questionando um pensamento que produz um jeito único de ser mulher, constituindo uma identidade fixa. Considero, nesta pesquisa, a possibilidade de existir um modo de vida feminino não subjugado pelo governo do outro, mas que seja uma expressão de singularidade⁵. Uma condição de resistir à produção capitalística individualizadora, criando novas formas de viver, opondo-se aos modos encapsulados pela maquinaria capitalística⁶ que fabrica corpos e modos de vida.

Através do método cartográfico, criado por Deleuze e Guattari⁷, é traçado um mapa de uma transformação feminina, partindo das desconstruções e caminhos percorridos pela personagem, transitando pelos pensamentos produzidos sobre “ser mulher”. Ideias sobre identidade feminina e suas problemáticas a levaram até um pensamento sobre subversão de gênero, uma desconstrução do pensamento representacional em relação à mulher. A cartografia vem articulada com a literatura e a filosofia, para tratar dos conceitos e do problema de pesquisa.

5 Conceito desenvolvido por Guattari que coloca na berlinda o conceito de identidade. O autor desenvolve a ideia de singularidade como um conceito existencial, enquanto identidade ele situa na ordem da referência. Identidade seria, portanto, aquilo que coloca a singularidade de diferentes maneiras de existir em um só e mesmo quadro de referência identificável. Cf GUATTARI; ROLNIK, 1996.

6 TONELI; GALVÃO; CABRAL. 2012, p. 209-210.

7 DELEUZE; GUATTARI. 1995.

Como afirmam Deleuze e Guattari⁸, “Um território está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, em vias de passar a outros agenciamentos, mesmo que o outro agenciamento opere uma reterritorialização”. Assim como em minha experiência pessoal, na novela, a personagem sofre este fenômeno, mesmo que não seja explicitamente dito. Fica a questão: como se dá um processo de desterritorialização? E, a partir desse desmoronamento de mundo, como podemos inventar um outro modo ser mulher?

O ato de inventar ou reinventar um *si*, nesta proposta, não é de inventar uma identidade “mulher”, mas quando a personagem, buscando experimentar um novo *si*, em uma aula com vinte mulheres, percebe vinte possibilidades de ser mulher, ou melhor, vinte e uma possibilidades, pois buscando a reinvenção também se transforma nesse processo. Saindo das identidades fixas femininas, o reinventar-se também sugere uma singularização. Cada corpo pode ser afetado por outros corpos. Recebe, também, influências das histórias do passado e do presente. A vida não se caracteriza por uma estrada de caminho único e imutável. Ela é um reescrever-se infinito, sem caminhos traçados e lugares para alcançar. Na vida encontramos muitos caminhos e atalhos e desvios para percorrer, não em busca de um lugar final, mas muitos lugares circunstanciais. O que hoje é meu “lar”, amanhã se torna caminho novamente. Trilhando estas ideias, busquei desenvolver na novela um pensamento rizomático para os as personagens: professorinha e narrador. Um pensamento plural, que requer um estudo do movimento e o pensar das multi-

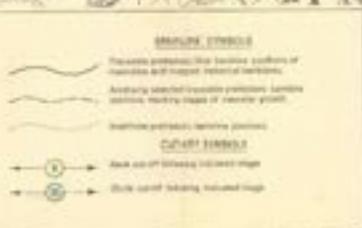
8 DELEUZE; GUATTARI. 1997, p.116.

plicidades. O rizoma não é algo pronto, vamos tecendo uma teia através do movimento dos agenciamentos que ocorrem em nossas vidas, criando mapas de movimentos.

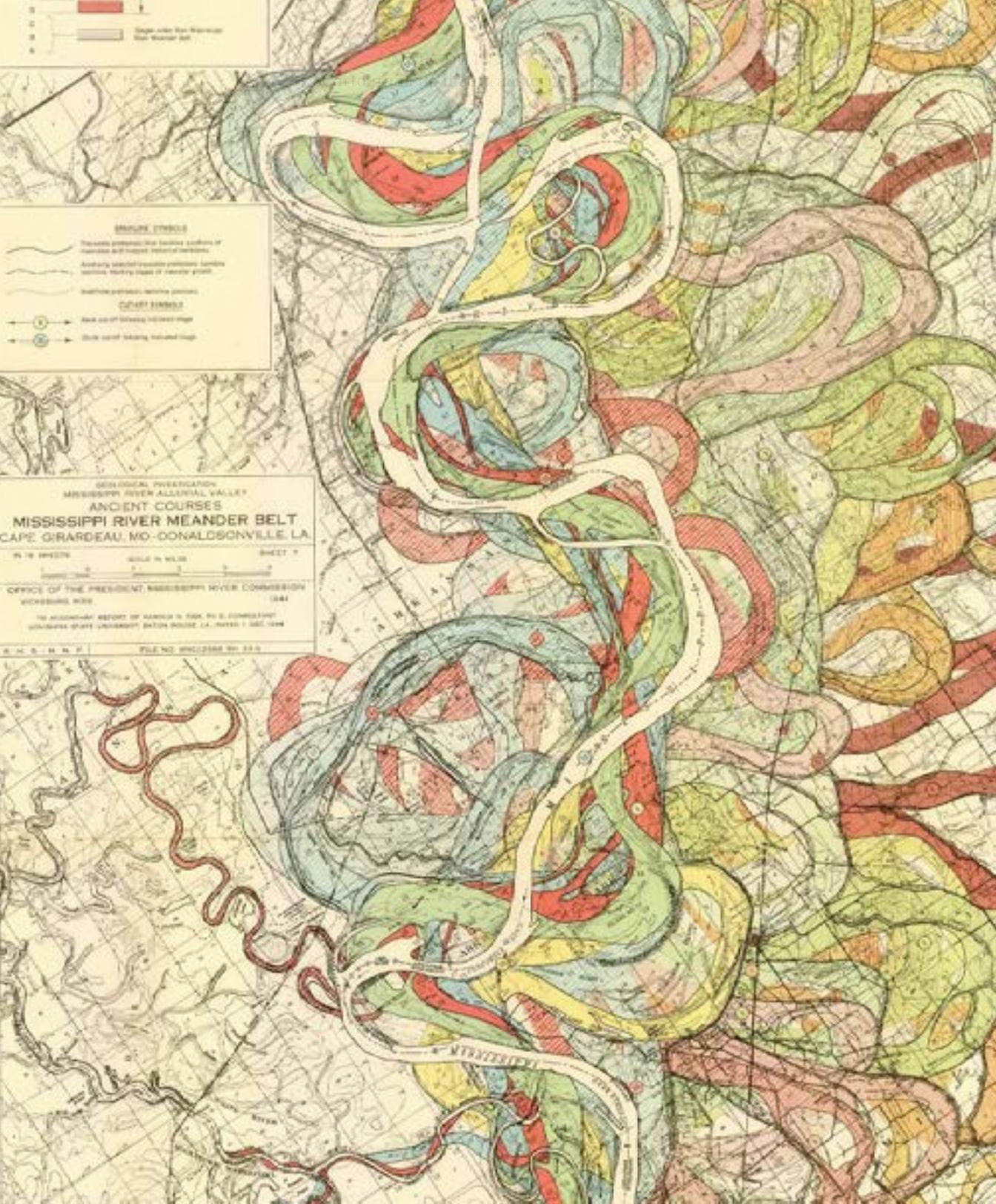
O mapa não é algo fechado, ele se dá através das experimentações, é da ordem do movimento, possui incontáveis entradas e direções nômades. O resultado, embora provisório, é criação de uma composição, um traçado de linhas que não é dado *a priori*, mas construído na experimentação, no entrecruzamento de linhas da pesquisa, pelos caminhos escolhidos pelo investigador.

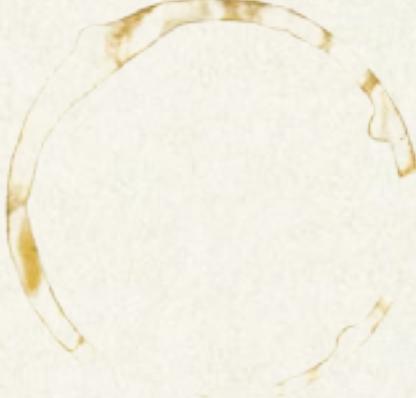
Como já tinha sido dito, esta pesquisa propõe um desfazimento do sujeito feminino como uma identidade fixa, buscando, desta forma, a desconstrução de um pensamento redutor sobre gêneros e sexualidades, problematizando corpos aprisionados em uma produção capitalística de subjetivação que engessa corpos em modelos dicotômicos e heteronormativos, entendendo, desta forma, que ser mulher é uma fabricação. Dando prosseguimento, a ideia de produção de singularidade proposta por Félix Guattari, é chamada ao texto, indicando um olhar potencializado sobre “ser mulher”. O conceito de Corpo sem Órgãos, criado por Antonin Artaud e desenvolvido por Deleuze e Guattari é invocado para pensar uma ruptura com a organicidade e significância dos órgãos. Pensar uma outra possibilidade de perceber e viver o corpo, sem dicotomias de gênero e significantes sexuais às genitálias. Por fim, é proposto um *corpo por vir*, alicerçado na necessidade de desconstrução da noção de gênero.

Parte I



GEOLOGICAL INVESTIGATION
MISSISSIPPI RIVER ALLUVIAL VALLEY
ANCIENT COURSES
MISSISSIPPI RIVER MEANDER BELT
CAPE GIRARDEAU, MO.-DONALDSONVILLE, LA.
PL. 19 1927IN SCALE 1:50,000 SHEET 7
OFFICE OF THE PRESIDENT, MISSISSIPPI RIVER COMMISSION
WASHINGTON, D.C. 20541
AN ANNUAL REPORT OF HAROLD H. HARRIS, JR. AND G. CONRAD
UNIVERSITY OF MISSISSIPPI, BAYTON HOUSE, LA., MARCH 1, 1962-1964
U.S.G.S. FILE NO. WPC22584-90-53-5





1. CRIAÇÃO

Volta e meia eu me pego pensando em meus estudos, faço-me diversas perguntas. São "comos" e "por quês" que me acompanham. Só sei pensar, criar, indagando. Venho me dedicando aos estudos da filosofia, mas também sou apaixonado por arte, poesia, literatura. Creio ser um homem moderno buscando as linhas da contemporaneidade que já me afetam. Um cara com um pensamento dual tentando desconstruir a mediocridade de ter apenas dois caminhos.

Escrever me parece como brincar de Deus. Gosto do poder deste pensamento. Às vezes não sei bem o que fazer com todo esse do-

mínio. O que realmente preciso, é falar com outras vozes. Por isso crio seres que me emprestam seus "eus" por algum tempo. Minha personagem - que vocês logo conhecerão - surge da necessidade de falar sem minha boca. Uma urgência em enxergar e entender o mundo com olhos emprestados, com um corpo desalinhado. É que me parece muito pouco ser um só!

Queria escrever divinamente. Seduzir com as palavras. Produzir muitos livros que encantassem as pessoas. Mas tudo o que tenho a oferecer são toscas e desorganizadas palavras. Um amontoado de frases sem graça escritas em uma velha máquina ou rabiscadas à mão. Sim, sou um escritor à moda antiga. Não que eu seja velho! Na verdade não sou, mas me agrada o ruído das teclas batendo contra a folha, o leve desalinhamento no final das frases, a tinta que não sai uniformemente nas palavras e as manchinhas entre vermelhas e pretas, únicas, sem igual, que se formam nas folhas pela tinta da fita que, por

vezes, escapa e deixa seu rastro no papel. Talvez apenas uma excentricidade nos dias de hoje. Sei que não é nada prático, que um computador faria o trabalho de forma mais eficiente, mas a ideia de possuir apenas um texto original, com minhas anotações e correções escritas à mão na beirada das folhas ainda me fascina. A mágica é ir criando, desenvolvendo e transformando criaturas que tomam meu papel, embaladas pelo ritmo descompassado da máquina que me acompanha e acalenta minha criação, finalizando com o barulho do papel desenrolando, sendo retirado após, finalmente, a folha ser preenchida com um pedaço da vida de uma personagem! E ela, a moça que estou criando junto a esta máquina, ainda não sei o nome. Sei que é uma professora, e só. Nem sei se vou inventar um nome para ela, talvez nem valha a pena uma criaturinha tão simples ter um nome. Na certa, tu, meu estimado leitor, poderias esbarrar com ela pela rua, uma moça pequena, de pele clara, sem nenhum atrativo de especial.

Tem um rosto comum com olhos quase bonitos. Mas não é bonita. Nem interessante. É pálida como sua existência. Uma vida sem grandes aventuras: fraca e insossa. Comum. Quiçá, até simplória. Talvez mude, não decidi ainda.

Ela me afeta. Ela me dá a possibilidade de viver o que nunca poderia eu ter vivido. Uma brecha para entrar e me deliciar numa vida que não é a minha. Como quero experimentar outras formas de pensar, talvez sair da representação, do pensamento dogmático, pensei que ela poderia me ajudar. Observando tantas mulheres nesse mundo, convivendo com diferentes realidades, aprendi a ficar à espreita - como já dizia o filósofo Deleuze - e resolvi criá-la para conversar com a filosofia. Essas são minhas expectativas, mas não sei onde vou chegar com isso. Tenho a ideia de uma personagem inteira nas mãos e não faço ideia do que fazer com ela. Na verdade - e olha eu caindo em uma verdade única já no começo! - tenho medo de não entendê-la

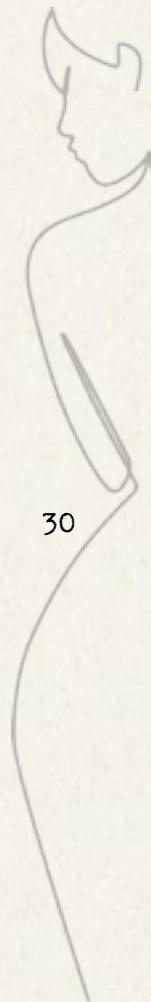
e fico adiando sua criação. Outras coisas tão tediosas usualmente como assear a casa, engraxar sapatos ou consertar equipamentos velhos me parecem mais atrativas. Uma fuga. Tudo por medo. Medo de tocar a caneta no papel e criar algo que não quero. Medo que ela ganhe mais força que minha própria criação. Medo de não mais possuí-la. Pois ela é minha, certo? Talvez não. Talvez seja uma mera ilusão achar que nossas criações serão eternamente nossas. O fato é que sequer pertencemos a nós mesmos.

29

Queria uma grande história, com um imponente final. Daqueles que escutamos violinos tocarem em nossa imaginação. Ou poderia, ainda, minha personagem ser uma heroína que salva o mundo de sua destruição no último minuto. Mas a história não é nada disso. O que vou escrever, nem mesmo sei se vale a pena ser contado. É simples, cotidiano. É só uma mulher como milhares de outras. É a história de uma ou de muitas mulheres que contarei aqui. Como minha personagem, existem

várias mulheres por esse mundo, espalhadas pelos lugares mais diversos. Sempre me pareceu mais atrativo imaginar minhas histórias do que escrevê-las. Claro que isso pode ser pura estupidez.

Relutante, puxo a cadeira em frente a minha escrivaninha, arranhando o piso de parquet, já velho e desgastado de meu pequeno apartamento. Respiro fundo, apanho uma folha e um lápis. Olho com esperança o branco do papel, procurando por suas características, suas histórias, seus cheiros, embora saiba que ainda não estão ali. Começo por imaginar sua rotina. Desisto. Encolho-me na cadeira de cabeça baixa, olhando para meus cadarços desamarrados e espero por inspiração. Inspiração é coisa transcendental. Quero a imanência! Não, não vai funcionar assim. A imanência é o aqui e agora. Tem a ver com a vida vivida e suas sensações. Preciso trabalhar, eliminar a autocrítica. Jogar no papel ideias sem julgamento. Sem pensar em organização lógica, ortografia ou



finalização. Só um exercício bruto de criação. Fecho os olhos, apertando-os, tentando espremer as primeiras linhas. Nada acontece. Preciso que o lápis acompanhe meus pensamentos. Nova tentativa.

Ela me atormenta sem nem ao menos existir ainda. Fica desordenando meus pensamentos. Só escrevendo sobre ela poderei me livrar do tormento. E dessa forma, por pura vingança, vou revelar suas intimidades. O difícil não será contar essa pobre história. O que me parece trabalhoso é captar o invisível. Retirar o que de potente existe nela e nem ela mesma percebe.

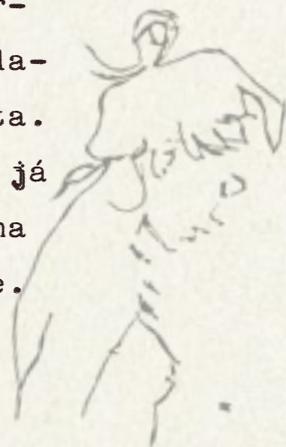
31

Tomo um gole de vinho, esperando que o calor que desce pela garganta e o torpor do álcool invadam meu corpo e ajudem a me aproximar da professorinha. Decido começar com o som da sua voz, embriagador e repugnante ao mesmo tempo. Um som que poderia ser comparado ao gosto de café queimado, amargo demais e ainda assim perfumado, atrativo.

Talvez por falta de imaginação ou pre-

guiça, minha personagem seja uma mulher como outras tantas, sem nenhuma genialidade ou grande feito. Talvez porque eu goste de pensar que a simplicidade tem lá seus encantos. Lembra-me um pouco de Macabéa, a nordestina. Personagem de Clarice. Como era simples e tola. Mas potente tanto quanto as personagens de Kafka.

Sento-me em meu sofá, com almofadas que já perderam a firmeza e, ainda assim, confortáveis, com cheiro de tranquilidade, decidido dar vida a professorinha. Então começo a jogar as primeiras ideias no papel. Ela vivia em uma cidadezinha ao sul do país e começa a história aos vinte e poucos anos e, apesar da idade, sinto-a como uma menina. Era uma menina cheia de sonhos, recém-formada, dando seus primeiros passos na cordabamba da docência, ensaiando a vida adulta. Acordava muito cedo. Às 5h30min da manhã já estava na rua, rumo ao seu trabalho em uma escola que ficava na zona rural da cidade. Apesar de estar formada a pouco tempo,



já desenvolvia um trabalho exemplar com seus alunos. Dava aulas para uma pequena turma, o que já lhe tomava muita energia! As crianças a adoravam. Era muito feliz em seu trabalho, mas a distância a cansava e perturbava seu marido. Salvo isso, tinha tudo que sempre sonhou, uma família, uma casa, um emprego. Um clichê. Era uma vida confortável. Apesar disso, tinha um sorriso murcho nos cantos dos lábios, quase imperceptível.

Casou-se jovem com um homem que acreditava amar. Não tinham filhos, apesar da insistência da família, que sempre lembrava a importância de tê-los para um casamento feliz. Eram casados há alguns anos e tinham uma vida que, invariavelmente, envolvia levantar, ir ao trabalho, regressar, jantar juntos, um livro ou televisão, a cama, o sono. Sentia-se segura. Sabia que seu marido a amava, mesmo que à sua maneira, sem grandes explosões de paixão. Se alguém perguntava se era feliz, respondia que sim, com uma certa surpresa ou até indignação na voz. Era

uma vida sem riscos. Não sentia necessidade de dedicar seus pensamentos sobre esse assunto. No fundo não tinha do que se queixar.

Às vezes, uma certa melancolia, uma falta de não-sei-o-quê escurecia seus olhos, mas ela rapidamente afastava essa sensação perigosa e voltava sua atenção para trivialidades, em uma cegueira confortável na qual não desejava que sua vida fosse diferente do que era, senão em um fugaz devaneio. Não sabia explicar o que sentia, mas depois de se acostumar com seu casamento morno, encontrava conforto na invariabilidade de seus dias, ainda que em seu casamento só houvesse ausências. Uma esqualidez de desejos. Ela percebia que nem tudo era perfeito, mas sabia que final, nenhum casamento era. Para as falhas que percebia em seu marido inventava desculpas, como se ter falhas fosse um crime que deveria ser encoberto ou porque fazendo os outros acreditarem que ele era perfeito, talvez ela passasse a acreditar nisso também. Às vezes, creio eu, precisamos ouvir de

nossas próprias bocas, repetidas vezes, sobre aquilo que duvidamos até que as incertezas se dissipem estupidamente de nós. E a professorinha não era diferente.

Ela era extremamente perfeccionista. Necessitava de uma certa organização para tudo. Arruma seus cabides, todos iguais, para o mesmo lado, separando as roupas por cor, tipo de tecido ou outro padrão estúpido qualquer que inventava. Deixava tudo em uma antipática ordenação. Necessitava deixar tudo milimetricamente organizado em sua vida.

Sentia admiração pelo marido, por sua inteligência e habilidade social. Ele era querido por todos e isso a deixava com uma pontinha de ciúmes, ainda que tivesse vergonha de admitir. A verdade é que se sentia inferior a ele e fazia de tudo para merecer estar ao seu lado. Obedecia aos seus caprichos, procurando não descontentá-lo em nada. Esperava que assim diminuísse o abismo que acreditava existir entre eles - uma exis-

tência perfeitamente encaixada em um senso comum de mulher. Lembra-me um pouco Donna Reed, aquela personagem dos anos 60 que vivia para cuidar da casa, dos filhos, do jantar do marido, etc, etc. Confesso que tudo isso me cansa um pouco, parece-me extremamente lamentável, sofrível até. Mas eu lhe avisei, leitor, que se tratava de uma vidinha tediosa. Seja como for, cabe a mim a tarefa de oferecer outras perspectivas a ela. Mas vamos com calma, chegaremos lá.

36

Sabia que não era uma mulher bonita, ou pelo menos, dentro dos padrões de beleza. Buscava camuflar o encanto que lhe faltava arrumando cabelos e unhas, usando roupas bem alinhadas, saltos, maquiagem e muitos acessórios diariamente. Nada ficava de fora de sua obsessão. Banalidades que lhe ocupavam o tempo e não a faziam pensar na feiura de sua vida. Cada vez mais presa na ideia de agradar o marido, procurava usar tudo ao gosto dele. Usava cores claras nas unhas e boca, pois o vermelho não o agradava. Usava cabe-

los longos como ele gostava, ainda que resistisse aos pedidos de colori-los. Não que ele reclamasse, ele não fazia isso. Era sutil. Ele elogiava sua aparência quando lhe convinha, e outras vezes, apenas ficava em silêncio, mas seu olhar analisador falava por ele.

Ela não se importava com as exigências do marido, não pensava sobre isso, apenas se adaptava e seguia sua vida. Sem perceber, extravasava suas frustrações com excêntricas manias. Procurava com o tato fios de cabelos mais grossos e com a textura áspera dentre seus macios cabelos cor de mel. E essa "caça" aos fios indesejáveis lhe dava grande prazer. Ela arrancava os fios, um a um, até a pele ficar esfolada, enquanto batia um pé no chão, sempre se mexendo. Algo desestabilizava seu corpo. Fazia isso sem perceber que estava se punindo. Com um olhar represor, seu marido mandava ela parar, com desprezo no olhar e palavras que faziam suas narinas se abrirem, invariavelmente utili-

zando a palavra "esquisita" para defini-la. Ela sabia que ele estava certo, que não deveria fazer aquilo, por isso engolia em seco e concordava com a cabeça. Tentava não estragar tudo. Tinha uma vida que insistia em chamar de perfeita e não queria perdê-la. Mas no fundo, sabia que faltava algo à sua ideia de perfeição. Investiu tanta energia para construir aquela vida, aquela família e ainda assim algo faltava. Tinha a impressão que seus pensamentos eram inúteis e enervantes.

38

Tudo que sempre quis foi uma família unida, que se completasse. Mas o que procurava era um pedaço de si mesma que não era capaz de achar, ou melhor, não era capaz de enxergar. Estava ali, todo o tempo à sua disposição, mas preferiu usar de sua liberdade para ignorá-lo. Em alguns dias sentia um imenso tédio, em outros agradecia pela vida tranquila que tinha. Era tanta felicidade que às vezes não suportava. Estava confusa, querendo entender essa dualidade.

MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina

O que era afinal essa felicidade tão grande que não cabia em seu peito mas se mesclava com agonia, com choro que precisava abafar no travesseiro, pois tinha vergonha de senti-la? Com olhos inchados, tinha uma breve sensação de poder, de transformação, mas logo voltava ao assentimento de que aquela era a sua vida e era feliz.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
dentidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
steriόtipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
eito trajetória esteriόtipos resistência
cultura **feminino** representação representação
subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iόtipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriόtipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
intensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriόtipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação [clique aqui para pular para o próximo capítulo da novela](#) identidade
rução cultura subverção singularidade

1.1 UM CORPO CONTAMINADO

40

Inicialmente preciso dizer que esta dissertação não é sobre literatura, mas escrita com a literatura e, dessa forma, cartografando os saberes que possam emergir. A pesquisa é sobre gêneros, sexualidades e desconstrução de uma identidade feminina que me leva a indagar: Afinal, o que pode um corpo feminino? Como subverter a concepção de gênero? Como criar um corpo sem órgãos para pensar essa desconstrução?

Nesse mapa, optei por cartografar utilizando a literatura como artefato de criação, como potência do pensamento. Essa dissertação não está escrita em forma de memórias, ainda que algumas sejam emprestadas como impulso criador da novela. Não é uma escrita de mim, mas de muitos corpos que atravessam a narrativa. É uma escrita contaminada de vidas, leituras, en-

contros, vivências. É uma ficção do real, uma realidade inventada.

Quando iniciei a pesquisa, propondo investigar a subjetividade de alunas do Programa Mulheres Mil (que será melhor explicado no capítulo 2), estava tateando o que viria a ser o resultado dessa dissertação. Queria falar sobre o que é ser mulher, mas ainda estava dando os primeiros passos nessa incerta caminhada. Estava em um hiato de estudo de vários anos após uma especialização em educação, onde as primeiras pistas sobre filosofia da diferença eram, timidamente, desvendadas.

Preciso dizer que esses conceitos da filosofia da diferença me eram assustadores (alguns ainda são) e não fui capaz de movê-los dentro de mim. Tampouco em minha vida, pois se tratando de uma filosofia prática, imanente, deveria reverberar em meu corpo, em meu cotidiano. Quando penso nisso, uma imagem me vem à mente, a imagem de uma vaca. Vou explicar melhor. O que digo não é uma mera metáfora, não é uma imitação de uma vaca, neste momento eu *sou* a vaca com todos os seus compartimentos digestivos (dizem que esse animal tem quatro estômagos).

Quando chego no programa de mestrado, novamente entro em contato com os temidos conceitos de outrora. É quando me dou conta que sou uma vaca. Há anos engoli os conceitos sem processá-los, deixei esses conceitos guardados em meu estômago. Agora, colo-os novamente em movimento, devolvendo-os para a boca em um movimento de regurgitação, onde os conceitos se mesclam com minha organicidade animal. Após dois anos de estudos, sou a vaca que ruma os

conceitos tentando ingeri-los, degluti-los, saboreá-los. E é nesse processo de ruminação, que a produção de sentido se faz, porque quando estavam em meu estômago eram pura sensação, eu não sabia nomeá-los. É nesse momento que o novo se transforma em palavra. Nesse momento que o invisível se torna dizível. Agora, sem medo, quero devorar o novo. Ainda que me pareça um movimento doloroso.

No início do processo de pesquisa, os conceitos se configuraram em pedras duras e pesadas, difíceis de carregar. Lentamente fui deslocando as pedras, movendo-as para formar um caminho ou, quem sabe, um descaminho. Escrever é penoso como carregar rochas. Comecei a escrever estas páginas, procurando um ritmo de escrita, uma forma de me sentir cartógrafa, e me deparei com uma escritura que não só foi se transformando ao longo do tempo, mas que foi me transformando durante esse movimento. Então, acho que posso dizer que ao escrever eu também me (re)escrevo, me contamina de minha própria escrita e contamina minha escrita com minha transformação. Assim como o animal, me lambuzo com a relva amassada em minha boca e com os movimentos peristálticos em meu corpo bicho. Por isso escrevo em primeira pessoa, pois não acredito em uma neutralidade. Assumo que estou completamente imersa, tomada de minha pesquisa. Nas idas e vindas de minha escrita, percebi que a estrada com bifurcações ao longo do caminho sempre tinha sido a imagem que me ensinaram para as escolhas que eu deveria tomar. Depois de me permitir transformar junto ao meu texto, essa imagem já não abarca tudo que quero expressar. Como me parece pouco haver apenas duas possibilidades de escolha, uma dualidade

viscosa, agora desejo uma jornada como o velejar pelo mar, sem bússola, sem um norte, mas com infinitas possibilidades de trajetos.

E nesse navegar, tenho companhias inacreditáveis. Deparo-me com uma orientadora que me aproxima de Clarice Lispector, Michel Houellebecq, Manoel de Barros entre outros nomes da literatura para potencializar minha escrita. Um coorientador que me leva a um país desconhecido para entrar em contato com outra cultura, outra gente, outras formas de pensar, outras mulheres. Fui afortunada com dois grandes professores que, de formas distintas me pegaram pela mão e me ajudaram a trilhar um percurso, onde pude escolher as linhas que fariam parte do meu mapa. Mesmo em momentos que estive amedrontada, congelada, com abraços, viagens, enxugar de lágrimas, risos, descobertas, fomos juntos, esculpindo o trabalho que, agora, tem corpo, que é.

1.2 UM CORPO PULSANTE

Como havia dito, em um primeiro momento pensava em escrever sobre minhas alunas do Programa Mulheres Mil. Em como essas mulheres se transformaram e me transformaram em nossos encontros. Em como a ideia do que é ser mulher foi se esvaindo de minhas certezas. Essa dissertação é isso: uma desconstrução de certezas, um esvaziamento de convicções, um conviver com interrogações. Os encontros com minhas alunas foram o grande impulsionador de meus atuais estudos. E entendendo que educação não se dá apenas no contexto escolar, mas problematizações de gênero, tão pertinentes à área da educação poderiam romper os muros da escola, outros rumos foram se desenhando, e questões acerca de uma identidade feminina, ou melhor, do desfazimento de uma identidade feminina pulsavam em mim. A concepção estruturalista do sujeito, que determina identidades rígidas, provocou-me a questionar tais noções.

Apenas recentemente, me aproximei dos estudos de gêneros e sexualidades, especialmente os de perspectiva pós-estruturalista. A atual caminhada por essas abordagens teóricas me conduziu a esta pesquisa e me possibilitou elaborar esta dissertação. Procurando problematizar a ideia de um sujeito feminino, rejeito as noções de identidades essenciais de gênero, questionando um pensamento que produz um jeito de ser mulher, constituindo uma identidade fixa. Para impulsionar as temáticas aqui problematizadas, questiono: Como se dão os processos de desconstrução de um sujeito mulher? Como subverter um feminino no encontro de ideias, corpos e intensidades que podem produzir uma singularidade?

Ao eleger para esta pesquisa um referencial embasado especialmente no pensamento de Judith Butler e Paul Beatriz Preciado, articulado às filosofias da diferença, onde procuro me respaldar especialmente no pensamento de Deleuze e Guattari, questões como determinismo biológico, binarismos de gênero, processos de produção das diferenças de gêneros e a normalidade dos corpos cunhada pelo homem cisgênero, branco, heterossexual, burguês, judaico-cristão serão questionadas. Faço um exercício de objeção ao que foi naturalizado como gênero enquanto herança biológica e aos corpos construídos culturalmente. Proponho um movimento de modo a pensar o corpo em algo não fragmentado por órgãos, não hierarquizado, não capturado, não fálico, mas em corpo vivo, pulsante, intenso, intensivo, um modo de efetuação de nossa potência.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
dentidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
steriótipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
S trajetória esteriótipos resistência
eito transformações **subverção** órgãos
cultura **feminino** representação representação
o subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iótipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriótipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
tensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriótipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação esteriótipos identidade
rução cultura subverção singularidade

MAPA DE INTENSIDADES
Geográfico de uma transformação feminina



2. DESASSOSSEGOS

Sou egoísta, acho. Não quero dar uma voz a ela. Vou criando essa história com o silêncio. Temo que se ela tiver uma voz já não possa controlá-la. A liberdade pode não ter volta, é perigosa. Então prefiro que ela necessite de mim, de minha voz. Assim, sinto-me quase um semideus. Será que essa sensação passa pelos grandes escritores? Ah, Drummond, como sentias isso?

46

...

O dia começara às quatro da manhã, escuro ainda. Essa era sua hora preferida. O silêncio da manhã, o café perfumando a cozinha, a paz de não ter seus pensamentos in-

MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina

terrompidos por ninguém. Gostava de ir até o jardim, inspirar profundamente, sorver do ar gelado as energias que guardava para o resto do dia. Costumava acordar nesse horário para ter uma hora do dia só sua. Um horário quase sagrado para ela. Sem pressa, tomava um café novo enquanto lia o jornal, com notícias que normalmente não lhe interessavam ou folheava uma dessas revistas femininas, passando os olhos em horóscopo, propagandas de cremes, receitas ou dicas para resolução de problemas femininos de todo o tipo, inclusive sobre sexo.

Durante a noite, como já era costumeiro, tinha acordado algumas vezes. Nessas horas, mantinha longas conversas imaginárias com seu marido. Tantas coisas que lhe afetavam. Travava diálogos com a voz baixa para que o marido não acordasse, horas respondendo aos próprios questionamentos de forma mansa e outras simulando uma indignação que, em sua cabeça, era mais provável de acontecer. Queria ter a coragem de falar como se

ESSAS REVISTAS
ME CAUSAM CERTO
DESCONFORTO.
ALÉM DE FÚTEIS,
PARECEM DITAR O
QUE AS MULHERES
PRECISAM DESE-
JAR. SERÁ QUE AS
MULHERES AINDA
SÃO ASSIM? UMA
PROFESSORA NÃO
DEVERIA LER ALGO
MAIS PRODUTIVO?
FAZER RELAÇÕES
DA VIDA COM
"SEUS ESTUDOS?"

sentia pequena ao seu lado, como a irritação pelo simples fato de ter cortado um pouco os cabelos a chateava. Que o olhar proibidor quando usava uma roupa com decote maior, ainda que não falasse nenhuma palavra, fazia sentir que seu próprio corpo não a pertencia. Que suas piadas sobre como ela comia demais a humilhavam e a deixavam insegura quanto a sua aparência. Pensava em todas as coisas que deixou de fazer e as pessoas que deixou de conviver para não causar aborrecimentos desnecessários ao seu marido.

MAS AFINAL, NÃO
TEMOS UM CORPO.
SOMOS ESSE CORPO!

48

Nos últimos meses, procurava dormir cedo para não ter que aguentar o olhar suplicante de seu marido quando encontrava rechaço em seu corpo. Essa maneira de conviver menos com ele lhe gerava certo alívio. Tinha a desculpa perfeita de estar cansada. Ter de acordar cedo para trabalhar o dia todo. Precisava ser convincente ao negar relações sexuais que já não suportava. Obrigava-se a manter, raramente, essas relações por puro "dever". Era o dever de um corpo discipli-

ALGUMAS MULHERES
"SENTEM DORES DE
CABEÇA", A DES-
CULPA DA PROFES-
SORINHA ERA O
CANSAÇO.

nado! Supunha ser sua responsabilidade de esposa realizar os desejos do marido. Não queria vê-lo com mau humor, descontente. Então ela acabava cedendo, se sentindo um pouco suja e culpada por não desejá-lo mais. O caso é que se sentia pecando por reclamar de um marido que era geralmente muito bom. Deveria ser grata pelo marido que tinha. Um turbilhão de pensamentos passavam por sua cabeça. Tentava compreender um comportamento que achava intolerável, mas não sabia como sair daquela situação. Voltava-se para dentro de si mesma, se encolhendo em uma posição fetal, apertando sua cabeça entre os joelhos. Sentia o estômago se contorcer de inquietação e medo. Mas dormia novamente, se sentindo minúscula por sempre manter as conversas somente na imaginação.

Quando, por fim, levantava de manhã, as ansiedades da madrugada já pareciam pequenas. Tinha o corpo mole, preguiçoso, sem vitalidade. Um olhar apático que gritava ao mundo suas dores invisíveis. Desejava uma

vida que não conhecia. Ansiava por isso, mas repudiava temerosamente seus pensamentos. Sonhava acordada em ser dona das próprias vontades. Tudo era confuso. Audaciosa, deliciava-se com os próprios pensamentos que não era capaz de organizar. Algo em sua vida que não podia classificar, organizar, coordenar. É claro que não aspirava a nada com grande intensidade. Era uma mulher com um medo incrível de estar equivocada. Medo de que suas perturbações fossem só uma fase e na verdade não percebia que era muito feliz. Queria estar enganada. Tinha vergonha de falar de seus sentimentos, pois imaginava que todos a condenariam. Era uma sensação solitária. Sentia que seus pensamentos eram quase indecentes, como se estivesse cometendo um crime, fazendo algo proibido. Por que agora resolvera pensar? Por vezes olhava para o marido com piedade nos olhos, não sabia explicar esse sentimento, só pressentia que ele não seria capaz de compreendê-la, de perceber as sensações que passavam por seu

corpo. Sentia-se dividida, sendo brutalmente puxada em várias direções, quase se fragmentando.

...

Contemplo a vida patética da professorinha, uma imobilidade de mau caráter. Uma onda de pânico me atravessa. E se eu não for capaz de tirá-la de sua própria inércia? E se a criei para simplesmente me deliciar com suas dores? Pensando bem, agora, percebo que morri quando ela nasceu. Deixe-me explicar melhor. É que um nascimento não é só vida, é morte também. Se naquele momento da criação nasce uma vida, também morre o que eu era até então. Não me entenda mal. Vivo e morro ao mesmo tempo, torno-me vários. Uma multidão me habita neste movimento de vida e morte. Morri por minha própria liberdade de escolha, uma micro liberdade, assim escolho viver outros mundos. Mas voltemos à professorinha.

...

Ela guardava os tormentos em um compartimento bem escondido, pois precisava seguir a vida para mais um dia, ou como pensava às vezes, menos um. O dia teria sido costumeiro, não fosse a chamada de uma nova escola, na qual tinha averiguado a possibilidade de transferência, visto que era mais próxima de sua casa. Esperava por essa oportunidade, mas não imaginava as mudanças que tais circunstâncias iriam trazer. À tarde, se apresentou no novo trabalho, mudando completamente o rumo de sua docência. Lá, foi convidada para dar aulas para um grupo de mulheres adultas. Ela que sempre dera aulas para crianças, sentiu-se desconfortável em um primeiro momento. A proposta era trabalhar com as "histórias de vida" destas mulheres. O projeto lhe causou curiosidade, inquietação, e ela desejou essa possibilidade de fazer algo novo, completamente diferente. Talvez fosse isso que estivesse faltando em sua vida insípida. A decisão de aceitar ou não o novo trabalho deveria ser

E DIGA-SE DE PASSAGEM, AQUI ENCONTREI MINHA SALVAÇÃO! UMA FUGAZ POSSIBILIDADE DE TORNÁ-LA INTERESSANTE.

tomada até o dia seguinte.

Voltou para casa. Dia frio, estalos na lareira, café quente, e uma grande interrogação no peito. Sentou-se em seu sofá com um pijama velho, chinelos de pêlo, a cobertinha de lã que sua avó fez quando ela ainda era um bebê e, agora, só tapava suas pernas. Pensou, com os dedos enrolando uma mecha de cabelo, nas mudanças que ocorreriam em sua vida. Quando o marido chegou em casa, dividiu suas inquietações. Costumava consultá-lo antes de qualquer decisão. Apesar de certo desassossego que percebeu em seu olhar, ele consentiu e encorajou-a a concordar com o novo trabalho, afinal seria mais próximo à sua casa. Finalmente, aceitou a nova experiência.

Este foi um divisor em sua vida, pois para aceitar tal proposta foi necessário abandonar seu primeiro trabalho, o que imaginava ser seu porto seguro. No dia seguinte, quando tomou sua decisão e anunciou na escola sua partida para uma nova experiência

JÁ DIZIA O POETA
FERNANDO PESSOA
"NAVEGAR É PRECISO,
VIVER NÃO". SIM, A
NAVEGAÇÃO EXIGE
BÚSSOLA. JÁ VIVER
É DESPROVIDO DE
PORTO.

profissional, recebeu, da mãe de um futuro aluno, uma comovente carta. Leu e chorou. A mãe, desapontada com sua despedida, confienciava suas esperanças de que seu filho fosse, um dia, seu aluno, pois admirava seu trabalho com as crianças. E a professorinha, que não acreditava no próprio potencial, entre lágrimas, sentiu saudade do que não viveu. Seus novos passos lhe desafiavam. Era um caminho incerto, inseguro. E minha personagem tinha medo do novo. Mas abraçou com força o desconhecido e se permitiu olhar para novas direções. Ainda que se sentisse despreparada, investiu suas energias na provocação de mergulhar e se lambuzar em águas inexploradas.

2.1 CORPOS “MULHERES MIL”

Para uma melhor compreensão da pesquisa, explicarei como funciona o Programa Mulheres Mil o qual foi o primeiro motivador desta pesquisa.

59

O Governo Federal Brasileiro desenvolveu vários projetos de inclusão social e econômica. Em meio a estes projetos está o Programa Nacional Mulheres Mil - Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. Oferecido pelo Ministério da Educação através dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, das mais diversas cidades do Brasil. O programa permite que mulheres em situação pobreza e exclusão social, sem o pleno acesso aos serviços públicos básicos, tenham uma formação profissional que possibilite seu acesso ao mercado de trabalho e incentive a volta aos estudos.

Dentro do programa, existe um núcleo comum de disciplinas, onde são trabalhados conhecimentos de

português, matemática e relações humanas em todos os cursos, independente da área profissional. Na área de relações humanas é oferecida, entre outras, a disciplina “Mapa da Vida”, na qual são trabalhadas as memórias das alunas com o objetivo de avaliar os conhecimentos prévios das mesmas e promover um resgate da autoestima.

O Mapa da Vida pode ser interpretado como uma relação com o mapa geográfico, que mostra lugares, passagens, trajetórias, através de linhas, imagens, cores e palavras. Ele mostra caminhos para alcançar os lugares que buscamos, os lugares que já passamos e habitamos, os caminhos que seguimos e compõem nossas travessias, vivências, lembranças e esquecimentos, em uma tentativa de “cartografia de si”.

A experiência do reingresso à escola, após anos afastadas ou, em alguns casos, tendo a primeira oportunidade de estudo, amplia a visão de mundo das alunas, a vontade de buscar novos conhecimentos e até o repensar da sua própria realidade. Não apenas a oportunidade de estudo, mas também novas convivências sociais, com pessoas com diferentes histórias de vida e maneiras de pensar. Esses cruzamentos poderiam ser um impulsionador de transformações e produção da diferença na vida dessas mulheres, atravessadas intelectual, social e afetivamente.

Inspirado na experiência do Canadá, com populações em risco social, o Programa Mulheres Mil é fruto de um convênio entre o Ministério da Educação Brasileira e a Associação dos Colleges Comunitários Canadenses (ACCC). O projeto foi implantado, inicialmente, em 2008, em localidades das regiões norte e nordeste.

te do Brasil, onde a desigualdade social e de gênero é mais evidente⁹.

A proposta do governo está alinhada tanto com o combate à extrema pobreza, promoção do aumento da escolaridade e da inclusão social de mulheres desfavorecidas, como das metas internacionais de equidade de gênero. São ofertadas vagas para mulheres adultas, a partir de 16 anos, cadastradas no cadÚnico¹⁰. O programa objetiva a qualificação profissional, elevação da escolaridade e inserção no mundo do trabalho, através de educação, cidadania e desenvolvimento sustentável.

O Programa Nacional Mulheres Mil - Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável – está inserido no Plano Brasil sem Miséria, instituído pela Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011, e integra um conjunto de ações que solidificam as políticas públicas de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade¹¹.

Além da formação profissional em diversas áreas como saúde familiar, meio ambiente, artesanato, construção civil, entre outras, que permite às mulheres o acesso ao mundo do trabalho, o programa também proporciona uma formação humana que fomenta a emancipação e empoderamento da mulher.

Dessa forma, embora o programa seja uma política pública de capacitação profissional de curta duração, ele se propõe a ser diverso, não apenas qualificando para o mercado de trabalho, mas aliando essa capa-

9 ROSA (org). 2011.

10 cadÚnico é a sigla de Cadastro Único para Programas Sociais.

11 BRASIL. 2011.

citação à elevação da escolaridade, à conscientização dos direitos da mulher, ao combate à violência contra a mulher e à diminuição das desigualdades de gênero em uma formação que possibilita às mulheres se tornarem sujeitos de suas próprias vidas.

Os cursos têm uma média de quatro a cinco meses de duração, com uma carga horária total de no mínimo cento e sessenta horas, variando de curso para curso. O programa avalia a aprendizagem anterior de cada aluna, o conjunto de conhecimentos e habilidades que ela adquiriu durante toda a sua vida. Para isso, foi trazida e reformulada para a realidade brasileira a metodologia canadense intitulada ARAP – Avaliação, Reconhecimento e Aprendizagem Prévia. Para transformação desta metodologia em novo método de trabalho, foi criada a disciplina “Mapa da Vida”¹², já referida anteriormente.

2.2

CORPOS QUE SE TRANSFORMAM

O objetivo principal da disciplina Mapa da Vida é a possível transformação nas vidas e modos de pensar das alunas do Programa Mulheres Mil em relação a elas mesmas e ao mundo, a partir dos agenciamentos estabelecidos nos cursos realizados. Em minha experiência neste programa, em um primeiro momento, recebi um treinamento do Governo Federal sobre a metodologia do Mulheres Mil e como seria implantado em minha cidade, Pelotas/RS, os cursos destinados ao público-alvo. Foi preciso pensar na realidade da cidade e nas possibilidades profissionais que os docentes envolvidos poderiam oferecer. Em 2012, com uma equipe multidisciplinar, foi implementado o programa, oferecendo dois cursos distintos. Um curso em Pelotas, para formar uma turma de cuidadoras de idosos, com parceria da Universidade Federal de Pelotas e, uma segunda turma, na cidade de Piratini, uma turma de gestoras de resídu-

os sólidos, neste caso, com parceria da Universidade Católica de Pelotas.

Já nestas primeiras turmas, além de gerir o programa, atuei como docente na disciplina Mapa da Vida. Esta disciplina, como já mencionado, trabalha com histórias de vida a partir de relatos orais e escritos, desenhos, exposições de fotos e outras experimentações. Esta prática proporcionou o conhecimento da trajetória de vida de minhas alunas, o reconhecimento de seus saberes e a elevação da autoestima. Os relatos refletiam os seus momentos marcantes do passado, do presente e suas expectativas para o futuro. Para esta ação docente eu levava, em um primeiro momento, um relato de minha própria vida, assim, buscando uma aproximação das alunas e uma compreensão do trabalho que seria desenvolvido nas aulas. Desde os primeiros encontros, fui afetada pelas diferentes realidades, pelas histórias de vida.

A potência gerada nos encontros me fez começar a refletir sobre questões de minha própria vida. Será que eu também, assim como minhas alunas, reforçava estereótipos machistas e sexistas? Afinal, o que seria mais importante ensinar àquelas mulheres? Buscando uma resposta para essa inquietante indagação, ocorreu-me perguntar às alunas “o que é ser mulher?”, pergunta essa que eu também não sabia responder. Como elas se enxergavam enquanto sujeitos femininos? As respostas foram surpreendentes. Viam-se como lixo, como empregadas, cozinheiras, mães. Questionadas sobre o que eram além desses papéis sociais, não sabiam responder.

Essas considerações afetaram o rumo de minha vida, pois até aquele momento percebi que tampouco, havia pensando em minha própria vida enquanto um sujeito determinado pelo gênero feminino. Percebi que ao ensinar, fazia uma troca onde eu, como professora, acabava aprendendo muito sobre mim mesma no encontro com as alunas, ocasionando uma transformação não só docente, como em todas as esferas da minha vida. Ao afetar o outro me afetava e, por consequência, transformava-me, ou, quiçá, deformava-me. Havia sido capturada pelo encontro com as “mulheres mil” e nesse encontro vi minha forma de pensar sobre o que é ser mulher transformada.

Poderia falar a respeito das metamorfoses ocorridas nas alunas durante o decorrer dos cursos. Como suas visões se alteraram sobre suas próprias vidas, sobre seus olhares para si mesmas, sobre seus cuidados consigo mesmas e, principalmente, sobre suas visões sobre ser mulher. De fato este foi o primeiro intuito para esta pesquisa. Mas, com o decorrer desta cartografia, optei por encarnar na professorinha, a partir de uma narrativa literária, não só minhas próprias memórias, mas uma multiplicidade de mulheres que nela habitam. Parto do pressuposto que, cruzadas por uma nova realidade, as alunas poderiam desenvolver uma potência transformadora em suas vidas, podendo ou não deixar se afetar e desconstruir seu território.

No decorrer da novela, o narrador busca mostrar as mudanças da professorinha, que se transforma a partir das experiências vivenciadas com suas alunas. Há uma preocupação com a evidência de que a personagem somente foi capaz de perceber sua própria vida

na interação com as alunas. A *invenção de si*¹³, neste contexto, se caracteriza por provocar o diálogo entre um pensamento representativo (a norma, o estabelecido) e um outro pensamento (a criação, a ruptura). Em um primeiro momento, o narrador propõe um desmoronamento do território confortável e fixo em que a professorinha e suas alunas se encontravam para afetá-las de modo a provocar um movimento em suas vidas. O que ocorreu, foi uma inquietação na própria personagem, que ao provocar suas alunas, também se afetou. As ideias que conversam com a narrativa, de forma gradual, são questões importantes para essa dissertação que, sobretudo, pretende achar formas não identitárias para desconstruir “o que é ser mulher”.

13 Conceito criado por Foucault no qual o sujeito exerce força sobre si mesmo, opera sobre si mesmo em direção a uma estética da existência. O conceito não será aprofundado nesta cartografia.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
identidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
estereótipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
S trajetória esteriótipos resistência
eito transformações **subverção** órgãos
cultura **feminino** representação representação
o subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iótipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriótipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
intensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriótipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação esteriótipos identidade
rução cultura subverção singularidade



3.0
(1115 dynes)

2.5
(1115 dynes)

3.0
(1115 dynes)

3.5
(1205 dynes)

4.0
(1305 dynes)

The horizontal component of the magnetic force

4.5
(1405 dynes)

5.0
(1505 dynes)

5.5
(1605 dynes)

U.S. Coast & Geodetic Survey
P.M. THORS, Superintendent

The lines of equal horizontal component of magnetic intensity are drawn for intervals of 0.25 dyne (1/4000 Gauss). Data on which they are based were taken in the years 1895, 1896, 1897, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907, 1908, 1909, 1910, 1911, 1912, 1913, 1914, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938, 1939, 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946, 1947, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1964, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978, 1979, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025.

6.0
(1705 dynes)

6.5
(1805 dynes)

GULF OF MEXICO

U.S. Coast and Geodetic Survey
Base-map of the United States
Scale 1:100,000
1899

7.0
(1905 dynes)

3. ATRAVESSAMENTOS

Devo confessar que estou impaciente com mudanças em minha personagem, mas vou dar o tempo que ela precisa para as transformações em sua vida. Um primeiro passo havia sido dado, atrever-se a experimentar a desconfortabilidade de se reinventar como professora. Ela que era uma pessoa de regras rígidas, ousara transitar por caminhos desconhecidos.

Creio que um dos grandes problemas da vida da professorinha era não saber criar um pensamento sobre si. Não sabia se perguntar, questionar a própria vida. Não considerava outras formas de viver porque não se fazia perguntas. Desempenhava docilmente o papel

CORPO AINDA PRE-
SO E DISCIPLINADO
PELO CRISTIANISMO!

69

O CORPO PROFESSORINHA É UM BELO EXEMPLO DE CORPO DÓCIL!

que lhe cabia. Acreditava que não tinha direito de vestir outras peles, outros corpos. Representava uma vida que tinha aprendido que era a certa. Mas não se interrogava. Como ousaria dizer que algo faltava, algo a deixava desgostosa de sua vida quando todos diziam que tinha uma vida perfeita? Pensar sobre essas questões lhe parecia aterrorizante, era como sair de si mesma. Então deixava para depois. O desassossego com a vida poderia ser um terrível monstro que perturbava seu sono e gritava verdades em sua cara. Não queria ouvir. Sentia medo de encontrar-se consigo mesma e ia fugindo como podia desse encontro.

Às vezes sentia fome nem sei de quê e, como se não tivesse remédio, mastigava - sem engolir - seus pensamentos e palavras. Assim permanecia calada. Mastigava e cuspiam os pensamentos que não cabiam em seu corpo. Na cidade úmida em que vivia, sentia um odor pestilento de mofo que a incomodava. Sentiu esse cheiro por anos. Um cheiro que lhe

MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina

acompanhava e irritava. Culpava a cidade, a umidade. O cheiro impregnava as roupas, o sofá, os tapetes. Foi quando percebeu que seu corpo também cheirava assim: o cheiro era da sua vida estagnada. Inerte.

...

Por vezes, a professorinha me irrita um pouco. Tenho vontade de sacudi-la. Se fizesse isso, será que abandonaria esse corpo? Afinal, quantos "eus" encontramos num corpo? Minha personagem pode ser um corpo híbrido, composto de muitos "eus"? Talvez a filosofia me ajude a entender essa ideia. Estava lendo esses dias um artigo de Suely Rolnik muito interessante que fala sobre uma composição do "eu" que se conecta com outros fluxos e esboça uma nova composição. Um trecho me instigou, capturou-me com a potência de suas palavras. Fez-me pensar na professorinha, em como ela poderia fazer vibrar sua vida, ter seu chão estremecido. Acho que é por aqui que ela vai:

QUANTOS MUNDOS
CABEM EM UM
CORPO?

Podemos dizer que a cada vez que isso [composições] acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros.

72

Talvez ela precise de algo para se desestabilizar, balançar e cair para fora de seu mundinho. Gostaria que o provável a cansasse. Que ela quisesse um reboiço em sua vida. "Loucurar". Desequilibrar. Inventar palavras. Reinventar-se. E parece que o novo trabalho poderá ajudá-la com isso.

...

Na nova escola, deu início a aulas onde ela e suas alunas iniciaram a compartilhar suas histórias de vida. Ela começou o traba-

lho de forma despretensiosa, uma experimentação. Apresentou-se, falando um pouco sobre sua vida, sua trajetória pessoal e profissional. Suas alunas, em um primeiro momento, ficaram desconfiadas e tímidas, falaram superficialmente sobre si mesmas, deixando escapar algumas particularidades de suas vidas. Conforme iam ganhando confiança, as aberturas nas rodas de conversas iam se tornando mais e mais intensas. Desde os primeiros encontros, a professorinha foi afetada pelas diferentes realidades, pelas vidas, pelas mulheres. Jovens e idosas, pretas e brancas, com diferentes grupos familiares e condições econômicas, relatavam dificuldades em suas vidas e violências vividas: físicas, psicológicas, sexuais. Muitas relatavam preconceitos e abandonos. Mas o que chamava a atenção da professorinha era a visão sexista e patriarcal das alunas. Como eram submissas aos homens. Como deixavam de ter uma vida profissional, como naturalizavam abusos sexuais, como aceitavam se vestir e agir

conforme os homens estabeleciam, como romantizavam violências, enfim, reforçavam estereótipos machistas.

Em um dos encontros, com o grupo mais à vontade para compartilhar suas histórias, algumas alunas se atreveram a falar mais abertamente. Uma delas, olhando diretamente para frente, aparentemente sem demonstrar nenhuma emoção em seu rosto, contava sobre seus dias de luta ao ser abandonada pelo marido, ainda grávida e desempregada. A professora constatava como essa situação, infelizmente, é comum. Como os homens não são responsabilizados por abandonarem a família, mas, por outro lado, as mulheres são culpadas por engravidar, por serem descuidadas, apontadas e discriminadas se cogitam a possibilidade de abortar, como no caso da aluna, que ousara pensar nesta possibilidade pois não seria capaz de sustentar a criança. Relatava sobre a dificuldade de suportar a culpa que sentiu após cogitar tal ideia, ainda que fosse remota, e baixando o

olhar que procurava as mãos inquietas sobre o próprio colo, revelou não ter sido capaz de tal ação, ainda que tivesse resultado em uma vida de privações e fome. Uma mão trêmula subia à garganta tentando cessar a angústia que as recordações lhe causavam. Durante o relato, a professorinha mordida as próprias bochechas, tentando conter as lágrimas. De cabeça baixa, simulava fazer alguma anotação em seu caderno como pretexto para não fixar o olhar naquela mulher. A tristeza que tingia a voz da aluna impregnava o ar e contagiava a todas naquela sala.

Com uma voz azeda e agressiva, outra aluna arriscou-se a dividir com as colegas e professora um doloroso momento de sua vida, quando foi expulsada de casa, ainda adolescente, após sofrer um estupro, pois seu pai não aceitara uma filha "perdida" em sua casa. Culpou-a por provocar, por seduzir o seu abusador. Culpou-a de merecer tal violência por não se dar o devido respeito. A mulher tentava controlar sua boca que tremia e as

JÁ PARECE CORRI-
QUEIRO OS CASOS
DE CULPABILIZAÇÃO
DAS MULHERES VÍ-
TIMAS DE ESTUPRO,
COMO O FAMOSO
CASO DE 2014 DO
PROMOTOR DE
JUSTIÇA THEODORO
ALEXANDRE SILVA
SILVEIRA, QUE EXPOS
A VÍTIMA MENOR
DE IDADE, GRÁVIDA
DO PRÓPRIO PAI,

lágrimas que corriam por seu rosto, forçando as palavras a saírem, em uma voz arranhada pelas recordações tóxicas. Terminou o relato com a mesma brusquidão que começara, como uma bofetada sem qualquer explicação.

Durante o testemunho da aluna, a professorinha percebeu a dor impregnada nos olhos cansados de outra mulher que se mantinha encolhida e em silêncio desde o primeiro dia. As mãos agarravam com força os braços da cadeira, como se a qualquer momento pudesse flutuar se os soltasse. A professorinha se perguntava se algum dia poderia saber o que passava por aquele corpo calado. Com uma voz calma e um sorriso que não chegava aos seus olhos, despediu-se de suas alunas, já ansiando o próximo encontro.

76

Chegando em casa, minha personagem chorou. Chorou por perceber que também era uma mulher como suas alunas. Chorou, porque nunca havia pensado no que significa ser uma mulher. Chorou, porque a imagem não foi bonita ou romantizada como era quando menina.

As forças que surgiram nos encontros fizeram a professorinha começar a pensar em sua própria vida e sua docência. Afinal, o que poderia ensinar àquelas mulheres se, assim como elas, era capturada por imposições sociais?

Depois de muito pensar sobre o assunto decidiu levar uma indagação às alunas: "o que é ser mulher?". Não que ela tivesse uma resposta, mas o fato de compartilhar a inquietação poderia ser instigante. As primeiras respostas vieram para reforçar o senso comum: mãe, delicada e forte, batalhadora, sensível, intuitiva, entre outras adjetivações. A professorinha provocou as alunas para desenvolverem mais seus pensamentos, pensar no lugar que ocupavam na sociedade. Muitas delas nunca tinham pensado sobre o tema. Faltava a elas um entendimento de seus corpos, de sua liberdade, de suas vidas para responder tal questão e não só as alunas, incluo aqui a minha personagem. Ao finalizar a aula, a professorinha propôs às alunas

NÃO SEI SE
CHEGAR A UMA
RESPOSTA PARA
ESTA PERGUNTA,
TALVEZ MUITAS
OUTRAS INTERRO-
GAÇÕES SURJAM.

uma reflexão sobre o assunto. Aquelas que se sentissem confortáveis com a tarefa, poderiam descrever situações vivenciadas, enquanto sujeitos femininos que eram, e pensar o que afinal significa ser uma mulher.

Essa aula marcou profundamente a professora. Nunca havia experimentado algo tão intensamente. Estava tomada pela força dos novos pensamentos, de tal forma que todo seu corpo vibrava. Experimentava uma sensação nova, uma potência até então desconhecida. Perguntava-se como tinha levado tanto tempo para perceber que ser mulher não são só flores! Estava acostumada (diria até acomodada) a frases feitas que são declaradas sazonalmente, no dia das mães ou das mulheres. Declarações rasas, que falam de mulheres especiais, rainhas, super-heroínas, mas que desaparecem no dia seguinte, sem deixar rastros. Quanto tempo precisou ser mulher para pensar sobre isso? Uma vida inteira tendo o mundo ditando o que se pode ou não fazer, ensinando a ser mulher.

Talvez precisasse desaprender!

...

Vejam que estas são reflexões difíceis para eu fazer. Só as faço com a ajuda de minha personagem que, diferente de mim, é mulher. Antes de ter a professorinha em minha vida, eu não pensava sobre as diferenças sociais que existem entre homens e mulheres. Não precisava pensar sobre isso. Era uma confortável ignorância. Agora não consigo mais escapar. E fico pensando em meus próprios atos, um tanto envergonhado de ser um homem que não compreendia esse estado de ser mulher. Cometemos muita estupidez advinda da ignorância.

79

...

Neste momento, posso dizer que o corpo da professorinha começa a dar lugar a um novo corpo, um corpo afetado, atravessado

SERIA UM TERRITÓRIO EM DESMORONAMENTO? OU UMA PRODUÇÃO DE SINGULARIDADE QUE SE ANUNCIA?

por outros mundos. Depois das primeiras experiências, dos encontros, das afecções advindas desses encontros, uma outra mulher, ainda um pouco difusa começa a transbordar. Começo dizendo que ela percebeu que tinha uma vida frágil, minguada, esvaziada. O peso do nada começou a parecer-lhe encarregável. Ela vivia vivendo. Sem saber muito bem o porquê. Só ia respirando e trabalhando um dia após o outro. Uma vidinha pouco interessante, como havia dito. Não conhecia outras formas de viver. Não pensava que talvez fosse infeliz. Acreditava que a felicidade era aquilo mesmo, um pouco monótona, mas estável. Até aquele momento vivia como um animal que tem uma viseira colocada em seus olhos, deixando sua visão lateral obstruída, obrigando-o a olhar somente em uma direção. Desta forma, com um olhar fragmentado de mundo, entendia que tinha tudo que sempre desejou: um bom casamento, uma casa grande e bonita, um ótimo emprego, um cachorro adorável. Uma vidinha perfeita. Por isso nunca ousara

contestar. Mas, depois do contato com tantas realidades diferentes, com outros mundos, pôde libertar-se das limitações que o olhar do animal domesticado havia estreitado até então e começara a repensar sua própria vida. Sentia-se oca de si mesma. Oca de desejos. Ansiava uma outra forma de viver.

Vagarosamente ia percebendo que em sua vida já não cabiam seus desejos, seus novos pensamentos, ainda que não se atrevesse a viver no caos. Sentia-se fora de si. Havia um sussurro que lhe dizia para recomeçar. De início perguntou-se: "quem sou eu?", "como me tornei o que sou?", "o que é ser mulher?" e as perguntas lhe provocaram uma necessidade de algo que não sabia nomear. Sentia-se incompleta sem conseguir explicar essas sensações que tomavam seu corpo.

Percebeu que não tinha ideia de si mesma. Nunca havia pensado o que, para ela, significava ser feliz, ou ser mulher, quiçá o que significava ser livre. Agora via, de uma forma ainda um pouco confusa que nasce

ra com maus antecedentes: nascera mulher! E isso significava muito mais do que já havia parado para pensar. Quando era pequena, por exemplo, tinha vontade de ter um trem. Poderia até ser um trem de brinquedo. Mas não podia. Trens são brinquedos de menino, disseram-lhe. Então brincou com bonecas que não gostava. Da mesma forma, carrinhos, bolas ou super-heróis, não eram permitidos. Nunca contestou.

Quando estava na escola, tinha que usar um uniforme com saia, o que limitavam suas brincadeiras, pois meninas precisam sentar como "mocinhas" e não podiam correr, se sujar ou machucar os joelhos. Além disso, meninas tinham que brincar com outras meninas e meninos apenas com outros meninos. Não podiam interagir porque os meninos tinham um jeito bruto de brincar, segundo os adultos. E ela nunca se perguntou o porquê disso. Sabe que antes de criá-la eu mesmo, nunca havia pensado sobre isso?

Minha personagem, também tinha um ir-

AFINAL, POR QUE BRINQUEDOS PRECISAM TER GÊNERO? SE HOJE EM DIA HOMENS TROCAM FRALDA, COZINHAM E MULHERES DIRIGEM, TRABALHAM, QUAL O PROBLEMA DE MENINOS BRINCAREM DE COZINHAR E MENINAS BRINCAREM COM CARRINHOS?

ASSIM COMO AS "FEMINILIDADES", AS "MASCULINIDADES" SÃO SOCIALMENTE FABRICADAS E NOS CONSUMIMOS E REPRODUZIMOS ESSA FABRICAÇÃO.

mão mais velho que sempre ganhava brinquedos legais: videogame, bola, skate, coleção de canetas hidrocor para incentivar sua criatividade artística. Ela ganhava bonecas, roupinhas, panelinhas, vassourinha. Tudo que levasse ao aprendizado da maternidade e cuidados do lar. Mas nunca lhe perguntaram se queria ter filhos. Na verdade ela não queria, mas, aparentemente "tinha" que querer, afinal era mulher e, numa lógica que nunca lhe pareceu muito boa, isso era mais do que motivo para pensar exatamente como todas as outras meninas. Mas, também, nunca se rebelou a essas ideias.

Aprendeu com sua mãe a cozinhar, cuidar da casa e de seu irmão menor. E nunca refletiu o porquê o irmão mais velho não precisou dos mesmos ensinamentos. Quando cresceu e virou adolescente, foi criticada por namorar com vários meninos, usar roupas curtas, passar a noite fora de casa, enquanto seu irmão era ovacionado quando falava sobre alguma menina. E novamente, ela achava estranho,

É SENSO COMUM
PENSAR QUE
MULHERES NASCEM
PRONTAS PARA
SE TORNAREM
MÃES. SERÁ QUE
ESSA AFIRMAÇÃO
FAZ SENTIDO?
E POR QUE NÃO
PENSAMOS QUE OS
HOMENS NASCEM
PRONTOS PARA SE
TORNAREM PAIS?
A EXPLICAÇÃO
SERIA BIOLÓGICA,
SOCIAL? NÃO SEI!

mas não questionava. Afinal, deveria ser uma moça recatada e seu irmão um garanhão, um reprodutor, dentro de uma ridícula - agora que percebo - perspectiva machista. Mas ela não compreendia a captura que sofria por ser mulher. Apenas acostumou-se a isso.

A professorinha, ainda na adolescência, ao invés de ser orientada sexualmente, tinha sua sexualidade vista como um tabu. Seus pais brigavam quando falava "bobagens", pois não queriam uma filha "vagabunda". Ela deveria se dar ao respeito, ser difícil, novamente, diferente do irmão. Quando começou a sair para festas, haviam muitas restrições. Precisava cuidar para não ser agredida ou estuprada na rua, pois os homens são assim mesmo, pensam mais em sexo e quando estão bêbados podem se "descontrolar", ela ouvia e como lhe parecia normal, respeitava as regras. Era ensinada que, para que não acontecesse nada de ruim, tinha que se valorizar, vestir-se discretamente, estar acompanhada, senão "estava pedindo". Era ensinada que é

SERÁ QUE ALGUM
DIA NOS LIVRA-
REMOS DA CUL-
PA CRISTÃ, DA
INVISIBILIDADE DOS
CORPOS E PODERE-
MOS FALAR SOBRE
SEXO DE FORMA
NATURALIZADA?

normal os homens darem cantadas, a chama-
rem de "gostosa", "delícia", "ô lá em casa".
Isso é um elogio e deveria sentir-se enva-
idecida. Apesar de nunca ter se sentido as-
sim, ao contrário, sentia-se enojada, nunca
protestou. Achava que o problema era com ela
mesmo. Diziam que se não gostasse dessas pa-
lavras, devia evitá-las sendo recatada, des-
viando-se de grupos de homens, falando bai-
xo, usando roupas maiores que seu corpo, não
bebendo, não dançando entusiasmadamente. Não
chamando atenção de qualquer forma.

Quando se tornou adulta, percebeu que
continuava sem poder fazer tudo o que gostaria.
Não devia dizer palavrões, pois é ina-
dequado para mulheres. Isso é coisa de ho-
mem. Também não devia gostar demasiadamente
de sexo, isto é coisa de mulher vulgar. Por-
nografia nem pensar! Só homens gostam disso.
Falar sobre masturbação é falta de vergonha
na cara. Não podia sair na rua sozinha de
madrugada, pois, se algum homem lhe seguis-
se, deveria rezar para que fosse apenas

HOJE VEMOS MUITO
NA MÍDIA SOBRE
A CULTURA DO
ESTUPRO. AINDA
QUE O TERMO
TENHA SIDO CRIADO
NOS ANOS 70 NOS
ESTADOS UNIDOS,
SOMENTE AGORA
ESTAMOS FALANDO
E PENSANDO SOBRE
O TEMA E TENDO
A OPORTUNIDADE
DE PENSAR NA AM-
PLITUDE DE AÇÕES
QUE NATURALI-
ZAMOS E FAZEM
PARTE DESSA
CULTURA.

um assalto e não um estupro. Se sofresse algum tipo de violência sabia que seria culpabilizada, ou por suas roupas, ou pelo horário, ou pelo lugar impróprio, ou porque havia bebido. Sempre seria responsável pelo ato do agressor. E ela achava que era assim mesmo. Se tinha relações casuais, era taxada de vadia, fácil. O que achava estranho era que isso não ocorria com nenhum homem que conhecia. Se dissesse que não queria se casar ou ter filhos, era vista como estranha, extravagante, alienada. Então acreditou que todas as mulheres precisam sonhar com as mesmas coisas, e sonhou. Pensava que deveria estar sempre bonita, de dieta, maquiada, de saltos, depilada, "feminina". Não devia cortar seus cabelos muito curtos ou vestir-se descuidadamente. Aprendeu que mulheres são assim e, obedientemente, assim viveu. Quando aprendeu a dirigir, escutou muitas piadas sobre a ineficiência de mulheres no trânsito, apesar de saber que era uma ótima motorista, ria das piadas com timidez.

AS PIADAS ME
PARECEM UMA
FORMA SUAVE DE
MOSTRAR NOSSO
MACHISMO, ASSIM
COMO OUTROS
PRECONCEITOS. UMA
FORMA SOCIAL-
MENTE ACEITÁVEL.
QUANTAS VEZES
FIZ ESSE TIPO DE
PIADA, OU RI DE
AMIGOS QUE AS
FIZERAM SEM PEN-
SAR SOBRE ISSO?

Pensando sobre tudo isso agora, a professorinha percebia que não, nada disso era normal! Percebia agora o que significava ser mulher. Era feio. Experimentava o gosto da percepção. Descobria, com desgosto, que até então não refletia sobre o que era. Não se indagava. E, como suas alunas, reforçava o que havia aprendido desde a infância. Ideias patriarcais que eu, sendo homem, também nunca havia problematizado. Indago-me, se agora, depois de perceber tais fatos, ela poderia, algum dia, voltar à sua vida anterior como se nada tivesse acontecido? Como se os tremores em sua vida não tivessem sacudido seu pensamento? Será que essa mulher gostaria de voltar à vida anterior? Eu duvido muito!

Engolir, deglutir, ruminar. Fluxo contínuo. Resta o silêncio, a imensidão de sensações causadas pelo silêncio, pela dor dos movimentos, pelos próprios sentimentos exacerbados que se misturam num grito de dor e súplica. Meus olhos a admirar, calados, apaixonados. Marcados de emoção, admirados pela estética do momento. Contaminada, me transformo com o improvável. Apenas um encontro e todo um mundo descoberto. Gritos mudos. Sons inaudíveis. Boca escancarada, calada. Mas fica o ruído e o peito apertado e o estômago contraído.

Corpos que despertam na força de um grupo. Repetição de movimentos que revelam, acordam. Uma fresta é gerada, permitindo o impermitido. Num suspiro toda uma alma é revelada. Corpo nu. Orgânico. Feminino. Resistência.

A intensidade toma conta dos corpos, do ar. E o cansaço. E a dor. E as lágrimas. Braços, pernas, tapas, apertos, abraços, forças invisíveis. Não é possível sair ileso. Um sopro de realidade que esbofeteia minha cara e me arremessa ao abismo. Apaixono-me!

transformações potência representação intensidade
estereótipos identidade construção
subverção singularidade estereótipo
feminino órgãos potência **GÊNERO** ic
subjetivação trajetórias subjetivação
trajetória resistência construção e
representação intensidades singul
CORPO estereótipos sujeito trajetória S
transfigurações construção intensidade
resistência órgãos transfigurações SUJ
construção sujeito resistência **MULHER**
estereótipos resistência representação
VOZ cultura subjetivação estereóti
potência representação cultura singulari
CORPO intensidades construção **MULHE**
subjetivação potência identidade intens
identidade **feminino** resistência transfiguraç
estereótipos cultura estereótipos v
transfigurações construção órgãos resis
singularidade intensidade trajetór
trajetória trajetória subjetivação singularidade in
representação cultura voz **GÊNERO** r
cultura potência órgãos subjetiva
singula
estereótipos órgãos singularidade
MULHER resistência subjetivação const

[clique aqui para pular para o próximo capítulo da novela](#)

3.1 UM CORPO CARTÓGRAFO

A pesquisa é balizada nas percepções de Gilles Deleuze e Félix Guattari¹⁴ com o método cartográfico de pesquisa, utilizado em pesquisas voltadas para o estudo da produção de subjetividade¹⁵. Esta estratégia foi escolhida por propor um processo contínuo de reinvenção, diferente de outro método de pesquisa que não abarcaria as constantes movimentações que busco evidenciar nas personagens através da novela. Nessa pesquisa, utilizo o cruzamento de um texto ficcional com conceitos filosóficos para desenvolver uma cartografia.

A cartografia cria mapas que são possibilidades de construir espaços de investigação sem uma ordem fixa a seguir, aberta a possibilidades que podem surgir ao longo da pesquisa. Na cartografia não há princípio,

91

14 DELEUZE; GUATTARI. 1995.

15 KIRST, et.al., 2003, p. 91-101.

fim ou centro, mas sua constituição é rizomática¹⁶, com múltiplas entradas, saídas, uma rede de saberes – o que importa nessa proposta de pesquisa não é um resultado final, mas sim seu processo, as sensações e percepções geradas no percurso da investigação. Não se trata só da maneira de pesquisar ou o que pesquisar, mas como a pesquisa ao se produzir, transforma o pesquisador. Por isso não é cristalizante, pois proporciona uma desaceleração da vida para poder dar conta de um recorte temporal. Devido a essa característica, a cartografia apresenta um viés improvável – não busca o que é evidente, uma vez que o pensar representativo esteja acostumado a dar respostas, e não a criar perguntas ou problemas.

“[...] pesquisar não tem mais a ver com saber sobre, pois se trata de saber com. [...] cartografar é pesquisar o acontecimento acontecimentalizando. [...] Caminhar em involução, nem de onde, nem para onde, mas habitar as múltiplas temporalidades em um único instante. [...] Pesquisar com a cartografia é encontrar-se com reentrâncias fugidias de dimensões mínimas que abrem problemáticas ilimitadas, sem espaço para binarismos advindos da participação abstrata do mundo em cartografias estanques. [...] aqui não pretendemos a anulação da perspectiva, ainda que isso não signifique ficar preso em si, em um eu romântico que se vê presa de um solipsismo subjetivista.”¹⁷

Dessa forma, a cartografia foi escolhida para esta proposta de pesquisa que pretende investigar as pos-

16 DELEUZE; GUATTARI. 1995.

17 ANGELI; COSTA; FONSECA. 2012, p.46-47.

sibilidades de desconstruir uma identidade feminina fixa, subvertendo-a e produzindo outras/novas imagens singulares. O que se faz na pesquisa tradicional é descartar o que não funciona ou o que não é categorizável. Nesta pesquisa, todos os caminhos transitados, a começar pelo Programa Mulheres Mil, são importantes passos que me levaram a outras trilhas a percorrer. Desviando do caminho do dualismo, procurando ficar *à espreita*¹⁸ para todas as possibilidades e buscando a multiplicidade, sem um destino planejado, pré-determinado, a cartografia foi sendo traçada. Os rumos da novela foram definidos pelos passos dados durante toda a trajetória da pesquisa, que levaram para alguns dentre múltiplos caminhos. Ao traçar esse mapa, opto por uma produção inventiva, que procura estar longe da representação; um mapa que registra uma aprendizagem através dos afetos, um mapeamento dos acontecimentos que desloca, inquieta, faz tremer esse corpo cartógrafo. Um corpo que se deixa mover pelos desejos, aprender pelos afetos, vibrar com os movimentos, com os tremores territoriais, e escolhe pesquisar com todo corpo.

18 DELEUZE. 2001.

3.1.1

Princípios do rizoma

A cartografia foi apresentada por Deleuze e Guattari como um dos seis princípios do rizoma¹⁹ e vem sendo utilizada como método de pesquisa que não segue um ponto de vista tradicional nem se propõe a seguir um percurso rigidamente apontado por regulamentos, mas busca traçar um percurso enquanto o percorre. Para compreender melhor o caráter rizomático da cartografia, abordarei cada um dos seis princípios:

- No *princípio de conexão e de heterogeneidade* “(...) qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”²⁰ explicitando o caráter de multiplicidade do rizoma, no qual as conexões não se dão em uma ordem lógica ou hierárquica, em cadeia, mas atemporal, sem princípio meio ou fim. Não há uma relação, uma conexão de pontos superior à outra, mas um encadeamento de relações que, fragmentadas, não exprimem a significação coletiva dessas conexões.

- No *princípio da multiplicidade*

“(...) é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudo multiplicidades arborescentes”²¹.

19 DELEUZE; GUATTARI. 1995.

20 Ibidem, p.14.

21 Ibidem. p.15.

São os agenciamentos que se fazem durante a pesquisa, entre corpos e teorias, nas conversações entre pesquisador e autores, nos encontros e vibrações que deles possam surgir que são emaranhadas as linhas rizomáticas, formando pontos de encontro, multiplicidades de caminhos, pluralidade de criações, complexidade de pensamentos “(...) que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”²².

• No *princípio da ruptura a-significante* “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas”²³ ou seja, seus deslocamentos são constantes assim como seus rearranjos. Essas ideias nos remetem aos processos de territorialização e desterritorialização. Segundo os autores²⁴

“todas rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter uma às outras.”

96

Esse princípio mostra a plasticidade dinâmica do rizoma e essa condição não estática provoca constantes movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, possibilitando a criação de outros mundos.

22 DELEUZE; GUATTARI. 1995. p.16.

23 Ibidem, p.17.

24 Ibidem, p.18.

• No *princípio de cartografia e decalcomania* “(...) um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda.”²⁵ Trata-se de afastar o rizoma do que os autores chamam de princípio do decalque, ou seja, o que apenas reproduz, fixa, aprisiona e não cria, não inventa. O rizoma poderia ser entendido como um mapa que está em constante criação e mutação, que se organiza e reorganiza a partir dos afetos que o cartógrafo sofre e perceptos que ele cria. Não funciona como decalque que seria como uma fotografia, uma cristalização de um determinado momento desse mapa, uma identidade de um sujeito. Por isso, o decalque nos afasta de uma pesquisa que cria, que se movimenta, que se entrega aos emaranhados e pontos de encontro das linhas do mapa. A cartografia, entendida como método de pesquisa, diz respeito a “um modo de pensamento e de registro de pensamento.”²⁶ Esse registro, se faz no desenrolar da própria pesquisa, uma captura de movimentos, de afetos, de territorialização e desterritorialização, é um ato do agora, um movimento que se dá enquanto o mapa está sendo desenhado, atualizado. É habitar um território que ainda está sendo construído.

Os seis princípios nos mostram que os rizomas não podem ser modelados, adotando estruturas prontas e específicas para dirigir a investigação. Eles são sempre esboços inacabados. Desta forma, na processualidade dos mapas da cartografia eles podem ser ressignifica-

25 DELEUZE; GUATTARI. 1995, p.20.

26 FUGANTI. 2014a.

dos, repensados, refeitos. O rizoma produz agenciamentos múltiplos, constituindo um mapa que está em constante modificação. Uma pesquisa fundada no método da cartografia, não pode ter questões *a priori*, ser fundada a partir de modelos estruturais prontos e caminhos já estabelecidos para serem traçados.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (...) Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ao mesmo.²⁷

Não existe uma receita para se tornar um cartógrafo, somente pistas que podem auxiliar, ainda que por algum tempo eu tenha procurado, *desesperadamente*, por ela. Como cartografar se trata de criar mundos, cada pesquisador-cartógrafo buscará uma maneira singular de assim o fazê-lo. A escolha do desenvolvimento de conceitos a partir dos movimentos das personagens da novela, me permitiu a mobilidade desta cartografia, que foi sendo construída com os anseios, experiências e transformações das personagens que reverberaram em mim. No processo de criação da novela, que se deu ao longo da pesquisa, novas indagações tomavam meu corpo e modificavam meus pensamentos. Junto às personagens, a partir das interrogações da professorinha, criava uma ficção que constantemente me transforma-

27 DELEUZE; GUATTARI. 1995. p.22.

va, me vi produzindo uma nova realidade, recriando minha própria vida, percebendo outras possibilidades de me entender enquanto sujeito feminino, de pensar e de viver. O exercício que venho fazendo, leva-me a desconstruir uma visão de mundo arraigada em certezas absolutas, e deixar-me flutuar, por assim dizer, em territórios inéditos, aberta a desejos e afetos que me atravessam e constituem minha cartografia. É fazer uma viagem, desfrutando mais do caminho que do próprio destino.

3.1.2

Agenciamento

Cartografar é agenciar, é documentar encontros intensivos, atravessamentos de corpos e territórios; é produção de realidades. O agenciamento é de natureza múltipla, onde agentes de natureza humana e inumana, corpórea e incorpórea são invocados.²⁸ Compreendendo o agenciamento como uma rede de conexões, como um rizoma, onde por exemplo, para essa cartografia, conhecimentos de diferentes naturezas são invocados para dar corpo a uma ideia. Arte, filosofia, feminismo, literatura, se cruzam, se enredam e compõem o texto, como no princípio da multiplicidade, sem buscar uma hierarquia nos conhecimentos, mas uma trama que se conecte e se complete. A cartografia pode ser entendida como um modo de registro do agenciamento, um registro desta composição de linhas que se entrecruzam, que formam uma multiplicidade.²⁹ A cartografia não representa uma realidade, ela maquina, produz realidade. Por isso não tem a ver com decalque que é da ordem da representação, mas com uma maquinação, com agenciamentos. De acordo com Fuganti

101

O agenciamento é antes de tudo um *acontecimento* multidimensional. Todo agenciamento incide sobre uma dupla dimensão: 1) uma dimensão relativa às modificações corporais (ações e paixões) ou estados

28 SOUZA. 2012, p.29.

29 FUGANTI. 2014b

de coisas que efetuam um acontecimento, remetendo-os a uma formação de potências; 2) uma outra dimensão relativa às transformações incorporais ou enunciados de linguagem (atos) que efetuam o acontecimento na sua face incorporal e que remetem a um regime coletivo de enunciação. Estas duas dimensões são necessariamente atravessadas por um duplo processo e um duplo movimento: processo de decodificação das formas (...); e um movimento de desterritorialização (...)³⁰

Os encontros vividos pelo corpo professorinha com outros corpos, outras mulheres, outras formas de pensar, outros modos de vida, desestabilizam a personagem em relação às suas certezas inabaláveis. Começa um movimento de distanciamento de uma ideia de Verdade e aproximação de um território contingente, transitório. A cada aula, a cada afeto decorrido dos encontros, tem seu chão estremecido, e nesses estremecimentos, um movimento de desterritorialização ou de singularização se anuncia.

E a cada movimento do corpo professorinha, também o corpo cartógrafa se desestabiliza, se agita, se desassossega, gerando novos pensamentos, novas formas de perceber o próprio corpo, um corpo mulher.

3.1.3 Criação de mundos

Em relação à personagem professorinha, uma nova mulher transborda, sacudida pelas experiências vividas, pelos encontros, pelas percepções de seu corpo enquanto sujeito feminino, aprisionada por padrões socialmente construídos e arbitrariamente impostos. Rompe-se, assim, um conforto do território habitado por ela e “sair do território é se aventurar.”³¹ Na entrevista intitulada “O Abecedário”³², concedida a Claire Parnet entre os anos 1987 e 1988, Deleuze nos apresenta as ideias de território, partindo da relação homem-animal. A crítica existente refere-se ao modo de vida do homem, ao fato de não possuímos um “mundo”. Ter um mundo, para Deleuze e Guattari, alude ao conceito de território, a ideia de possuir um território ao invés de apropriar-se de um. A questão que os filósofos trazem de criar um território³³.

Assim como o mapa, o território vai muito além de um espaço geográfico determinado, não é mensurável. Não é extensivo, mas sim, intensivo. É da ordem das intensidades, das forças³⁴. São essas intensidades que passam pelo território, que geram as experiências, atra-

31 DELEUZE. 2001.

32 Ibidem.

33 FARINA. 2007. (texto original: Tener un mundo se refiere a la idea de territorio, a “tener” un territorio, pero no a apropiarse de un territorio, sino a “crear” uno.)

34 Ibidem.

vés de afecções, forças, provocações, atravessamentos. O território é vivo, pulsante, fluxo onde circulam desejos, transitam intensidades que podem provocar reações, deslocamentos, ainda que pequenos; esses deslocamentos podem alterar os modos de pensar e viver.

Assim como o próprio território, as forças que transitam por ele também não podem ser medidas de forma extensiva. São estas, também, que acarretam as desterritorializações do sujeito, com pequenos ou grandes movimentos que alteram os modos de ver, sentir e relacionar-se com a realidade, o que é chamado de desmoronamento³⁵. A desterritorialização não é um processo do querer do sujeito, ele acontece apesar do sujeito. Os movimentos de desterritorialização acontecem quando territórios perdem a força de encantamento, mundos se acabam, partículas de afeto são expatriadas, sem forma e sem rumo³⁶, não dando mais conta do mundo que existia até então. Desse movimento é necessário decorrer também a reterritorialização, que nada mais é que a reconstrução de um novo território, após os desmoronamentos, dando sentido aos acontecimentos experienciados, produzindo um novo mundo.

É desta forma que a pesquisa propõe um pensar sobre os estremecimentos que ocorrem com a personagem, uma mulher que tem seu mundo abalado por rupturas e desconstrução de um território cômodo já estabelecido em sua vida para uma possível desterritorialização, através dos agenciamentos com suas alunas e no repensar de sua vida. O simples fato de ser uma

35 FARINA. 2007.

36 ROLNIK. 2006, p.36.

mulher pode transformá-la, abrir novas possibilidades de pensamento, produzir um sujeito inédito atravessado pelas percepções de uma vida subjetiva pelo corpo mulher. E nesse criar de mundos, na minha interação com minha própria escrita, produzo outros mundos ao mesmo tempo que sou produzida por eles, em outras palavras, outros modos de vida vão se maquinando nos agenciamentos entre escrita e escritor, entre cartografia e cartógrafa. Um movimento de mescla entre realidade e ficção que estremece e altera esses corpos mulheres.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
dentidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
steriόtipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
S trajetória esteriόtipos resistência
eito transformações **subverção** órgãos
cultura **feminino** representação representação
o subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iόtipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriόtipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
intensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriόtipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação esteriόtipos identidade
rução cultura subverção singularidade

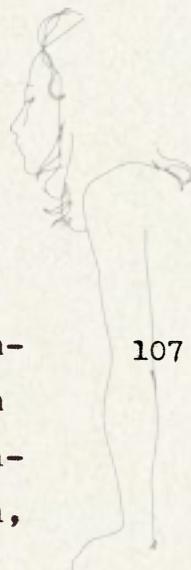
MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina



98

4. ATREVIMENTOS

Da proposta que a professorinha levou às alunas para escrever um relato de alguma importante situação que vivenciaram, surgiram impactantes escritos. Dois deles a surpreenderam em especial, os quais ela leu e releu, com as mãos trêmulas, a emoção ameaçando transbordar. O primeiro relato que a abalou, foi o de sua aluna silenciosa, com olhar dolorido, que nunca se atrevera a compartilhar sua história. Lendo seu testemunho, pensou em como as mulheres são silenciadas, em como aprendem a guardar, caladas, suas dores. Apesar de ter muito a dizer, esta mulher, como tantas outras, guardava consigo sua



história, com a voz aprisionada, ainda que tivesse vontade de gritar aos quatro ventos, levantar a cabeça aos céus, escancarar a boca num urro escandaloso, fazendo com que a dor que sentia pudesse sair junto com o grito e deixar de habitar seu corpo. Foi com a escrita que a aluna pôde dar voz aos seus lamentos. Enquanto lia, lágrimas robustas brotavam dos olhos da professorinha:

"Eu perdi meu filho e me disseram: Você pode ter outros! Que frase mais intragável me pareceu. Um filho nunca poderia substituir outro. Minha dor vai muito além de qualquer dor que já tenha sentido. Não sou capaz de comer ou dormir, não tenho vontade de estar limpa. Tudo o que faço me parece uma futilidade perto de minha perda. Estremeço a cada lembrança, e como se meu corpo não suportasse sensações tão intensas, elas vazam pelos olhos. Eu quero ter meu filho de

volta, sentir seu riso, seu cheiro, ouvir seu barulho quando passo pela porta de seu quarto. Não quero que ninguém toque em suas coisas. Nada pode mudar de lugar. Não quero falar de minha dor (ninguém entenderia), não quero respirar. Só quero estar afastada do mundo. Quando alguém fala sobre ele me parece que as palavras são indignas e sinto uma raiva incompreensível. A dor que os outros sentem com a perda dele é uma piada perto das sensações que passam em mim. É uma mistura de dor, de culpa, de saudade. Aquela mulher que tinha um filho, que o amava acima de tudo, sucumbiu junto com ele. Minha juventude desapareceu e agora pareço um corpo velho, triste e amargado, remoendo meus próprios atos, buscando um motivo para minha perda. Por que comigo? É um castigo? Parece que perdi meu futuro. Quando em algum momento de

leveza, dou um pequeno sorriso, sinto-me imediatamente culpada. Não me parece justo ser feliz sem ele. A dor da perda é tão debilitante que me faz quase enlouquecer e perder a noção da vida real. Mas o que é uma vida real? Minha dor é tão perturbadora que já não consigo prestar atenção nos vivos, afogada nas lembranças, tão imersa no que não posso mudar que esqueço de viver, amar e compartilhar com as pessoas que ainda estão ao meu lado. Estou tão sufocada com minha própria dor que não consigo conceber que outros também sofram com a morte dele, cada um à sua maneira. Sei que alguns sofrem rindo nervosamente das lembranças, outros mergulhando no trabalho para não recordar. Mas eu, nesta profunda depressão, sentindo-me culpada por cada detalhe que lembro. Não existe consolo ou palavras que aliviem meu corpo que sangra. Só

fica um vazio inexplicável que nada nem ninguém preenche. Uma ferida tão profunda que me perfura. Creio que ninguém pode imaginar como é a dor de perder um filho, tão violenta que se transforma em física. Meu corpo todo dói. Sinto-me mutilada. Ainda não foi inventada uma palavra que dê conta de todo turbilhão de forças que invadem um corpo mãe sem filho."

111

Recostada em sua cama, lendo as dolorosas palavras da aluna, sentiu que algo se quebrara dentro de si, uma sensação de útero vazio, mãos vazias, sem filho, sem nada. Não sabia explicar. Era uma amargura, uma agonia que a fez gritar com o rosto enfiado entre as mãos, revelando toda a dor impregnada naquelas palavras que lhe atravessavam o corpo. Sentia-se entorpecida, perdida, sem saber o que fazer com aquelas palavras. Já não sentia falta daquela mulher que se preocupava com o que ia vestir, se as unhas

estavam bem feitas, se o cabelo estava bem penteado. Eram preocupações fáceis. Ela tinha ido embora sem olhar para trás e deixou em seu lugar uma mulher que a professorinha ainda não conhecia bem, mas que pulsava vida. Todas as amenidades de outrora pareciam completamente sem importância agora. Já não suportava conversas frívolas sobre o tempo ou novelas que tanto a haviam distraído. Algo despertara, uma sensação nova que palpitava em seu corpo, um vislumbre de uma vida mais intensa, que fazia seu sangue ferver por debaixo da pele.

112

A segunda escrita que a golpeou era forte, violenta, eram palavras derramadas por um corpo claramente esvaziado de sonhos. Uma dessas histórias que pensamos estar muito longe de nós. As palavras escritas pela aluna, tornaram-se quase palpáveis:

"Suas mãos passam por meu corpo e sinto algo estranho. Não parece um abraço carinhoso, mas não conhe-

ço a malícia de seus pensamentos. Aos poucos vai me puxando para mais perto e diz que me ama. Sorri para mim. Sinto repulsa e tento escapar, mas suas mãos fortes me contem. As lágrimas escorrem por meu rosto enquanto ele desafivela seu cinto. Tenho vontade de gritar, mas uma de suas mãos tapa minha boca enquanto a outra levanta minha camisola. 'Se você se mexer, será pior', escuto. E beija meu rosto secando, assim, meu pranto enquanto suporto uma dor indizível. Sinto seu hálito, um cheiro pútrido que me deixa enjoada. Meu pequeno corpo de apenas quatro anos quase desfalece. 'Esse é nosso pequeno segredo'. Sou uma garotinha assustada, não sou capaz de fugir desse segredo que me sufoca e me empurra para um choro descontrolado. Ele que deveria me cuidar, proteger, dar amor, tratou-me sem compaixão. Quero odiá-lo,

mas tudo o que consigo é pensar por que fez isso comigo? Repetidas vezes, escutando minha voz infantil suplicar para que parasse. Eu nem entendia o que estava acontecendo, mas me perguntava por que meu próprio pai estava me ferindo? Será que eu não merecia ser amada? Será que a culpa era minha por deixar aquilo acontecer? Eu me sentia suja, nojenta, esfregava com força meu corpo, querendo limpá-lo de tal forma que a sujeira de dentro pudesse ser retirada. O que mais me dói é pensar no roubo de minha inocência, de minha infância. Roubaste de mim o sonho do primeiro beijo, o sonho de me apaixonar por alguém e me entregar completamente ao ser amado. Roubaste de mim, minha infância e meu futuro. Choro porque perdi meu pai, pois ele não existe mais e só deixou um algoz em minha vida em seu lugar. Silenciaste minha

voz e meu pranto. Deixasse-me imóvel, mantivesse-me culpada, humilhada. Quero voltar a sorrir. Talvez um dia eu seja capaz."

Lendo tais palavras, a professorinha compreendeu que o relato era, na verdade, uma carta. Uma carta escrita para aquele pai, aquele homem que a feriu. Sentia uma mescla de sofrimento, ódio, rancor, amargura, medo. Pensava em como uma criança é capaz de vivenciar semelhante experiência, sozinha, em silêncio, se sentindo abandonada?

115

...

Escutamos tantas histórias como essa, em livros, filmes, jornais e parecem ficção mas são reais, estão bem perto de nós. Histórias como a da jovem carioca de 16 anos que sofreu um estupro coletivo por trinta e três homens e teve tal violência gravada e divulgada. A certeza da impunidade é tão

evidente, que os abusadores nem tentaram esconder. E o que me deixa mais perplexo é a culpabilização da vítima, que foi "julgada" na mídia e em redes sociais por sua conduta, suas roupas, seu estilo de vida. Somos um bando de moralistas! Um exemplo lamentável foi o comentário que o cantor Lobão publicou na rede social twitter dizendo que o Brasil "fabrica mini-putas" e tem "uma farta erotização precoce", se referindo à vítima. Temos a tendência de amenizar os preconceitos proferidos por famosos. Quantas vezes me peguei rindo de piadas machistas dos humoristas Danilo Gentili ou do Rafinha Bastos? Ou dei pouca importância para declarações misóginas como do Mc Biel, Dado Dolabella, Bolsonaro. Ou pior, fui capaz de rir da declaração de estupro que Alexandre Frota fez, em tom humorístico, em rede aberta em 2014, comentando que a vítima desmaiara durante a agressão. Esses são alguns entre tantos outros nomes que poderia lembrar. E depois dizem que a cultura do estupro não existe.

Quanta canalhice! Perpetuamos, homens e mulheres, essa cultura diariamente.

Estava lendo agora uma pesquisa, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que revelou que um em cada três brasileiros concorda com a afirmação escandalosa de que "a mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada". Curiosamente, na mesma data em que esta pesquisa foi divulgada, estreou em um festival de cinema, um interessante documentário chamado "Câmara de espelhos" que mostra a naturalização do discurso de ódio e machismo que objetifica a mulher e a cultura do estupro que está presente em nosso cotidiano. São ideias tão enraizadas, e muitas vezes, aparentemente sem importância, que não nos damos conta da força que possuem. Reproduzimos sem pensar, ideias torcidas de que a vítima pode evitar o estupro, responsabilizamos as mulheres por comportamentos ou vestimentas "inadequadas", além é claro, da mídia, que muitas vezes romantiza violên

cias, amenizando palavras para relatar estupro, objetifica a mulher em propagandas, músicas, filmes.

São importantes reflexões que perpassam meu dia-a-dia, pois enquanto crio essa narrativa, vou me transformando em um movimento conjunto com minha personagem. É interessante perceber como a professorinha invadiu minha vida. Agora, presto mais atenção em notícias que passavam despercebidas por mim. Leio mais sobre opressão de gênero, descubro meu machismo velado todos os dias, percebo coisas que antes não eram visíveis.

118

...

Após a leitura da carta, a professorinha, sentindo certa vertigem pensava: quem vai secar as lágrimas dessa criança, já crescida e ainda ferida? Como reconstruir sonhos partidos, esfacelados por mãos cruéis? Como recomeçar depois de tudo isso? Quem embalou aquele corpinho castigado e

secou suas lágrimas? Como expulsar as sequelas que invadem e criam raízes? Quanto peso uma criança pode carregar? O que faço eu, como professora, com todas essas palavras, com feridas abertas que marcam um corpo, uma vida para sempre?

O mundo lhe parecia grande demais, outras vidas que se entrecruzavam com a sua. Não sabia precisar se o abalo que sentia era um desassossego com as palavras ou o atrevimento de descobrir outros mundos. Talvez, mesmo sem as alunas, algum dia ela experimentasse uma outra vida, outras possibilidades de viver. Ou talvez somente com esse encontro, com essa força, pudesse se transformar.

Teço, crio, brinco, aconteço, vivo, grito, invento, diminuo o ritmo, sofro, busco a velocidade, sofro, perco-me, viajo, choro, volto, escrevo, apago, tomo. Quero uma receita, um caminho... mas não quero realmente. Os desencontros com meus novos eus larvários que insistem a nascer, os encontros, as dores, as lutas. Intensidades.

Está tudo confuso, o que fazer? Talvez aprender no caos e cosmos da vida, perder-me e gostar do estranhamento. Apaixonar-me pela desordem. Nova amante.

Abro a porta e permito a entrada. Vem! E saboreio o desconhecido, sem compará-lo ao que já conheço, mas desfrutando da falta de saberes do novo paladar. Não é parecido com nada. É. Deleito-me na fartura dos sabores até impregnar-me do novo.

Das persianas entreabertas da sala, entram luzes, sons, escuridão, pensamentos, divagações. Tomam-me, golpeiam-me, e caio. Olhos cerrados. E mais uma vez a página em branco.

Sou capturada pelo branco de um papel, um silêncio de minha escrita, um esvaziamento de minhas certezas. E agora, como lutar contra esta não-cor que não quer mudar? Brancura catatônica.

E os amigos me convidam vamos juntos! E eu reluto. Não os conheço profundamente, não me sinto segura.

E numa descompassada escritura, coletiva, solitária por vezes, vou adiante, sem pressa, sem passos certos, sem ritmo. Um aprender inacabado.

Estou do avesso ou este é meu novo lado certo? Há um lado certo? Não sei, vou descobrindo ao longo do caminho.

É tento amarrar os pensamentos, segurá-los, prendê-los. São meus! Mas me escapam. E vaporam. É o branco...

Os dias passam, cada vez mais rápidos, vazios, ou não. A insegurança e incertezas tomam conta. A noite chega e na escuridão ainda o branco.

O sol é mais atraente que a página, a chuva também. E a escrita poética persiste, insiste em pôr-se em movimento. Como fugir? Quero conceitos, autores, amigos. Mas eles não me seguram com força e escapam de minhas mãos. Samentos. E as vozes estão lá, em minha mente, mas não no papel. Estão entre. Escondem-se nas sombras.

É o papel ganha cor, rabiscado, rasurado, sem sentido, rasgado. Volta ao branco, outro branco, outro papel. Deserto. Esvaziado. Pedacos deixados pelo caminho-tempo. Estou órfã de meu próprio texto, meus vômitos, a transparência de minhas afecções. Desfazimento de certezas.

Uma interrupção para um café e volto. E volto com o olhar perdido, contemplativo em nada. Precipício. Queda-livre. Compasso das incertezas. Hoje não. É frio e o cobertor. Mais uma pausa para o nada.

Só mais cinco minutos.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
identidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
estereótipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
estereótipos trajetória esteriótipos resistência
sujeito transformações **subverção** órgãos
cultura **feminino** representação representação
subjetivação identidade cultura sujeito
potências intensidades sujeito órgãos cultura
identidade trajetória representação construção
estereótipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
identidades singularidade subverção órgãos
potências resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
potência esteriótipos trajetória subjetivação
criar representação sujeito representação
intensidades construção cultura identidade
resistência representação intensidades
potência órgãos esteriótipos potência construção
potências representação identidade
construção cultura subverção singularidade

[clique aqui para pular para o próximo capítulo da novela](#)

4.1 CORPOS SUBJETIVADOS

É comum que se pense em subjetividade como uma questão de representação personológica de sujeitos, reduzindo o conceito a uma busca por um *si mesmo*, uma essência, que estaria mais para um pensamento transcendental. Este pensamento

124

“tem o intuito de fazer as pessoas acreditarem que esta representação de *si mesmo* realmente exista, mas que está obliterada ou como que faltosa. (...) cria-se a ilusão de que o desejo é fruto desta tentativa humana de reencontrar a sua própria identidade, ou antes a sua Verdade.”³⁷

Desta forma, somos levados a pensar que subjetividade tem a ver com individualidade, uma forma redutora de pensamento. Conforme Guattari:

37 TEIXEIRA FILHO. 2005, p.39.

Todo o desenvolvimento da filosofia, desde Descartes, e todo o desenvolvimento da psicologia, desde teóricos como Taine e Wundt, tendem a querer relacionar a subjetividade a uma identidade individual, considerando que os conjuntos familiares e sociais seriam como superestruturas em relação à subjetividade individuada. Ao meu ver, isso está na base de todas as visões redutoras, no campo da fenomenologia e da psicologia.³⁸

Por subjetividade Félix Guattari entende como um “conjunto de condições que torna possível que instâncias individuantes e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autoreferencial em adjacência ou em relação com uma alteridade ela mesma subjetiva”³⁹, ou seja, a subjetividade é plural, multifacetada. Com essas ideias, na continuação de escrita, serão examinadas duas fabricações no mundo contemporâneo: a produção de subjetivação e a produção de singularização. Essas duas produções não são excludentes, visto que podem coexistir. A primeira permitirá pensar nas relações de identidades fixas de gênero e de sexualidade; a segunda em uma possibilidade de escapar a esta fixidez dentro do mesmo sistema.

38 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.47.

39 GUATTARI. 2012, p.19.

4.1.1 Processos homogeneizantes de subjetivação

Félix Guattari e Suely Rolnik propõem “uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida.”⁴⁰. A máquina capitalística⁴¹ se constitui de uma grande fábrica de subjetividades, onde a mídia – enquanto produtora de cultura de massa – tem um papel de destaque. Ela se nutre das subjetividades para produzir individualidades serializadas que são manipuladas ao prazer do mercado, negando a possibilidade de uma produção de singularização que é “algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos”.⁴²

126

Essa máquina não apenas fabrica representações, como também modeliza formas de comportamentos, percepções, relações sociais, sexuais e de gêneros. Essa produção de subjetivação capitalística é homogeneizante e reducionista, visto que é maquinada a partir de representações universalizantes de sujeitos, a partir de modelos, essências e verdades absolutas, a partir de uma moral universal em relação aos modos de

40 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.33.

41 O Capitalismo Mundial Integrado (CMI) é a expressão usada por Guattari que faz uma crítica ao capitalismo e globalização na contemporaneidade, onde tudo se torna efêmero e necessita ser descartado em prol de novas tecnologias e de um mercado e uma mídia cada vez mais feroz, modelando nossos corpos e modos de ser.

42 GUATTARI; ROLNIK. op. cit. p.55.

ser e estar individualmente ou em grupo. Diz respeito aos modos de viver embasados em modelos fabricados. Consumimos formas de ver o mundo, formas de viver, amar, vestir, trabalhar, pensar. Tudo é produzido pela subjetivação capitalista. Isso é possível por influência da linguagem, da família, de dispositivos de comunicação, pela educação, etc. Implica um bloqueio das singularidades, uma expressão despotencializada de modos de vida. São justamente esses bloqueios que produzem identidades fixas de gênero e de sexualidade. Ora, se pensarmos em uma fabricação de caráter universal, onde “os indivíduos são resultado de uma produção de massa. O indivíduo é serializado, registrado, modelado”⁴³, estamos falando de modos idealizados de ser homem e mulher, centrados em uma imagem amparada em uma ideia de transcendentalidade. Desta forma, partimos de um modelo rígido, imutável de perceber e viver os gêneros e as sexualidades. Acabamos por serializar os corpos, criando uma maneira única de viver e naturalizamos tal criação.

127

É importante frisar que a subjetividade é essencialmente construída no tecido social, não apenas em uma produção discursiva, mas manufaturada em escala global. A subjetividade capitalística não é resultante de uma somatória de subjetividades individuais. Assim sendo, os processos de subjetivação, não são resultados de uma totalização ou centralização no indivíduo. O indivíduo é um consumidor de subjetividades que lhe são ofertadas pelos sistemas capitalísticos: “Ele consome sistemas de representação, de sensibilidades etc., os quais não têm nada a ver com categorias naturais

43 GUATTARI; ROLNIK. 2013. p.40.

universais.”⁴⁴ Guattari nos apresenta a subjetividade como uma fabricação que tende a bloquear a produção de singularização e instaurar processos de individuação. Um exemplo de individuação seria a “divisão sexual: somos homens e mulheres ou homossexuais; em todo o caso, somos algo perfeitamente referenciável.”⁴⁵ Sendo assim, podemos pensar que os sujeitos são, também, consumidores de um sistema de representação feminina hegemônica, no qual existe um modelo a ser seguido, que dita as regras que normalizam modos de ser mulher e apontam para um modelo ideal de corpo feminino. Parece-me uma forma reducionista, que bloqueia processos de singularização de corpos femininos e enfraquece a molecularidade⁴⁶ da vida. Um exemplo disso é o discurso médico que

128

(...) busca a sobrevivência de uma dimensão molar da vida. Isto é, de uma dimensão já constituída e não da dimensão constituinte ou a se constituir, que, por sua vez, é molecular. São duas dimensões de uma mesma e única vida. A dimensão molecular da vida é maquinica na medida em que é atravessada por fluxos, velocidades, intensidades caóticas sempre se misturando, compondo novas e infinitas formas e corpos com suas dimensões e extratos, linhas duras,

44 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.40.

45 Ibidem, p.47.

46 Deleuze e Guattari (1995) nos falam sobre linhas molares e moleculares que são de ordens diferentes, porém, indissociáveis. O plano molar, diz respeito a segmentaridade dura, extensiva, invariável, ao que é visível, as macropolíticas, aos processos instituídos, às identidades (família, escola, trabalho, etc.), que derivam de uma referência e funciona por reprodução. Por outro lado, o plano molecular diz respeito às linhas flexíveis, intensivas, aos fluxos, aos desejos, aos devires, às micropolíticas, estão em um plano invisível onde não existe referência e centralização.

estrias, vincos, enfim, toda uma série de texturas e diversidades que não cessam de se expandir.⁴⁷

A contemporaneidade está asfíxiada de práticas normativas que estabelecem e regulam como os sujeitos devem viver, o que devem sonhar, com quem devem se relacionar, como devem se portar individualmente ou em grupos, sempre referenciando a um modelo a ser seguido que, invariavelmente, é de caráter transcendental. É um modelo que enrijece, calcifica, modela. Em relação ao modelo feminino de corpo e comportamento somos ensinadas desde a infância como devemos nos comportar, vestir, falar, expressar nossas sensações. É uma grande fábrica de subjetividades femininas que normatizam modos de viver. Se desde a infância somos ensinadas a sermos delicadas, gentis, recatadas, a não reclamar, a calar, como poderíamos pensar que estes papéis não são naturalmente femininos? Se nos ensinam que meninos são brutos, inquietos e desajeitados com as meninas; que o menino que te empurrou na escola, te xingou ou puxou teu cabelo, te humilhou na frente dos coleguinhas, na verdade, gostava de ti, mas não sabia lidar com os sentimentos porque meninos são mesmo assim. Como, nós mulheres, vamos saber que homens não são naturalmente violentos e que quando são, a culpa não é nossa por não termos ajudado a lidarem com seus sentimentos?

Normalizamos essas atitudes masculinas desde a infância e, quando sofremos uma violência, querem que identifiquemos rapidamente quando somos abusadas? Que não aceitemos como natural estas atitudes

47 TEIXEIRA FILHO. 2005, p.37-38.

masculinas? Que consigamos perceber que estamos em um relacionamento abusivo e não nos sintamos emocionalmente ligadas aos nossos agressores? Que não nos sintamos culpadas ao sermos agredidas? Nos sentimos responsáveis pelas agressões masculinas porque somos ensinadas, subjetivadas, a sermos maternais, a passar a mão por cima dos erros masculinos, a perdoar todas as ofensas e agressões pois esse é nosso instinto.

Essa subjetivação se mostra evidente na novela, quando a aluna da professorinha, através de uma carta, demonstrou se sentir culpada pelas agressões que sofreu pelo pai durante a infância. Ela foi subjetivada a acreditar nisso, a realmente pensar que a culpa era sua. Que havia algo de errado nela, que ela merecia tal situação. Em uma estrutura patriarcal de sociedade, somos levadas a acreditar que somos inferiores, sem valor que merecem ser tratadas de forma misógina. É uma produção maquinaica de feminilidades. Este é o modelo de feminilidade que aprendemos e temos como natural, como imutável.

130

Mas será que precisamos de um modelo? A partir de que momento esse corpo é modelado? Essa produção de subjetividade afeta a todos, incluindo as crianças: “É desde a infância que se instaura a máquina de produção de subjetividade capitalística, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos nos quais ela deve se inserir.”⁴⁸

Se entendermos a produção de gêneros como uma produção de subjetividade capitalística, podemos dizer que a inserção da criança neste “mundo” se dá antes

48 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.49.

mesmo de seu nascimento. No momento em que a ciência nos permite identificar a genitália da criança durante a gestação, ela já está capturada por uma “identidade de gênero”, ou em uma visão mais ampla, em uma *subjetividade capitalística de gêneros e sexualidades*. Desde este momento, são fabricados modos de vida para essa criança, mesmo antes de seu nascimento, quando os pais fazem escolhas, desde o nome até o que esta criança poderá, ou não, ter acesso, baseado unicamente em sua genitália. Assim como os gêneros e todas as representações de feminilidades e masculinidades são fabricações da subjetividade capitalística, também as sexualidades podem ser entendidas como uma criação desta máquina.

A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.⁴⁹

131

Os processos coletivos instituídos para a produção de subjetividade criam também identidades sexuais que referenciam a um único equivalente geral, a heterossexualidade, que é um modelo arbitrariamente estabelecido, pois “A identidade sexual não é a expressão instintiva da verdade pré-discursiva da carne, e sim um efeito de reinscrição das práticas de gênero no corpo.”⁵⁰

49 PRECIADO. 2014, p.26.

50 Ibidem, p.29.

Os processos de homogeneização da subjetividade limitam e encerram o corpo em um único modelo, construindo uma representação do que seria a “natureza” do corpo, naturalizando as fabricações maquínicas. Isso implica no encarceramento deste corpo em identidades referenciáveis e na impossibilidade de singularização. Isso não quer dizer que esteja falando de um juízo de valor pois

A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior. (...) O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referência; o pior é a mass-mediatização embrutecedora, à qual são coordenados hoje em dia milhares de indivíduos.⁵¹

Por isso é indispensável pensarmos que podem existir outros modos de viver, micropolíticas que promovam a reapropriação e ressignificação da subjetividade, criando fissuras no CMI.

132

4.1.2 Produção de singularização

Ao procurar entender como se configura a desconstrução do sujeito feminino, pode-se pensar na produção de singularização, de Félix Guattari. Essa produção possibilita a criação de novos modos de ser e ver o mundo. Talvez criar outros/novos mundos. Entendendo que essa produção de singularização propõe fissuras à produção capitalística individualizadora, onde “a subjetividade é hegemonicamente produzida de forma massificada, de consumo, de produção”⁵², efeito de indivíduos produzidos em massa, sujeitos serializados e modelados pelas relações de forças desse sistema dominante, pode-se relacionar ao contexto de homogeneização e de busca por identidades fixas de gênero. Butler propõe um desfazimento ou um repensar do sujeito *uno*, apresentando a ideia de que sexo e gênero são discursivamente fabricados. Da mesma forma, Guattari nos apresenta uma conceituação de subjetividade modelizada pelo CMI, tendendo a bloquear processos de singularização e instaurar modos de individualização, subjetividades modeladas, segundo padrões universais, que serializam e individualizam o sujeito.

134

(...) a produção essencial do CMI [capitalismo mundial integrado] não é apenas a da representação, mas a de uma modelização que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, às relações sociais, às relações sexuais, aos fantasmas imaginários, etc.⁵³

52 TONELI; GALVÃO; CABRAL. 2012, p.209.

53 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.36.

Guattari percebe o indivíduo como um consumidor de subjetividades capitalísticas em uma relação de alienação e submissão, aceitando e se subordinando à produção de subjetividade exatamente como a recebe, sem perceber que modos de vida, desejos, sexualidades são fabricados pela máquina capitalística em função do consumo.

Mas como sair desse modelo em que vivemos? Como criar possibilidades de fissuras nesta máquina? Uma das possibilidades é o que o autor nos traz sobre “produção de singularização”. Neste caso, se refere àquilo que convida para uma produção de um “si”, uma produção de um estilo de viver, “uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade”.⁵⁴ A singularização promove um repensar à homogeneização serializante do capitalismo. Singularizar não pode ser confundido com idealizações e essencialidades, a identidades e interioridades. Rejeita um “eu” unificador. Singularizar é inventivo: cria outros modos de vida, cria mundos. Tal processo se dá em agenciamentos, como nos explica Teixeira Filho:

O processo de singularização é uma das inúmeras maneiras de se viver a relação com a produção de subjetividade, e a singularização existirá sempre que houver o aproveitamento das potências que constituem a subjetividade. Tal aproveitamento se faz pelos agenciamentos. Toda vez que os fluxos se agenciam, um universo virtual se engendra e diferentes modelos e subjetivações poderão ou não se

54 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.42.

atualizar. Os agenciamentos carregam em si a força de produção e enunciação de sentidos heterogêneos. (...) o agenciamento é povoado de devires e de intensidades. ⁵⁵

Deste modo, a produção de singularização se dá a partir de agenciamentos que permitam potencializar tal processo, de forma que se façam percorrer fluxos de intensidades que escapem à homogeneização e busquem experimentações existenciais fora de modelos arbitrariamente estabelecidos. A luta para uma singularização não é externa ao sujeito, tampouco a suas causas, visto que essas estão tomadas de pensamentos universalizantes e dominantes. É um exercício trabalhoso, visto que nós mesmos, muitas vezes, o sabotamos e nos tornamos nossos próprios inimigos. Guattari afirma

136

(...) teremos de reconhecer que o inimigo não está só nos imperialismos dominantes. Ele está também em nossos próprios aliados, em nós mesmos, nessa insistente reencarnação de modelos dominantes, que encontramos não só nos partidos mais queridos ou nos líderes que nos defendem da melhor maneira possível, mas também em nossas próprias atitudes, nas mais diversas ocasiões (...) Há uma relação de complementaridade e de segmentaridade, que faz com que às vezes sejamos, simultaneamente, aliados e inimigos de alguém. ⁵⁶

O processo de singularização está em constante movimento na medida em que uma singularidade não

55 TEIXEIRA FILHO. 2005, p.49.

56 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.57.

é infindável. Um território singular pode ser capturado por processos capitalísticos de subjetivação, tornando-se um território molar. Por isso o processo de singularização é processual e contínuo. Existe uma duração que cada processo de singularização possui. O que é singular em um dado momento vai sendo engolido pelo capitalismo e precisa de um novo movimento para que novos modos de vida aconteçam. Por isso é processual. Um exemplo de apropriação do capitalismo de um movimento de singularização é o da contracultura *punk*. Um movimento que nasceu do desejo de jovens, na era pós-guerra, de não serem escravos de uma vida de trabalho em fábricas e pelo desejo de romper com os grilhões do capitalismo. Ironicamente, acabou se transformando em mais um produto do próprio capitalismo, que se apropriou das músicas, da moda, etc. Nesta mesma logicidade mercadológica, podemos pensar em outro exemplo mais recente: a moda *ungendered*. Lojas como C&A e Zara por exemplo, visualizaram um nicho que ainda não havia sido preenchido pelo mercado e lançam uma coleção buscando capturar um público de lucratividade potencial. Ou seja, o CMI enxerga um movimento de problematização de gêneros e captura a ideia como um produto lucrativo. Desta forma, os processos de singularização precisam de permanente movimento:

“É justamente a natureza maquinaica do processo de singularização que permite a criação e invenção de novos territórios singulares e sempre prontos a se desterritorializarem (...) qualquer território singular a ser atualizado carrega consigo o veneno da

transcendência e da ilusão (do clichê). Sabendo disso, resta-nos criar uma maneira de combatê-lo com vigor⁵⁷.

É um processo volátil que se dá pelo desmoronamento constante de territórios já habitados e da construção de novos territórios existenciais em uma constante processualidade. Na novela, esse processo de singularização talvez se mostre em andamento quando na vida da professorinha se inicia um processo de desmoronamento de seu território existencial, a partir dos acontecimentos em sua vida que a impulsionam a criar outros modos de vida.

transformações potência representação intensidade
estereótipos identidade construção
subverção singularidade estereótipo
feminino órgãos potência **GÊNERO** ic
subjetivação trajetórias subjetivação
trajetória resistência construção e
representação intensidades singular
CORPO estereótipos sujeito trajetória S
transfigurações construção intensidade
resistência órgãos transfigurações SUJ
construção sujeito resistência **MULHER**
estereótipos resistência representação
VOZ cultura subjetivação estereótip
potência representação cultura singulari
CORPO intensidades construção **MULHE**
subjetivação potência identidade intens
identidade **feminino** resistência transfiguraç
estereótipos cultura estereótipos v
transfigurações construção órgãos resis
singularidade intensidade trajetória
trajetória subjetivação singularidade in
representação cultura voz **GÊNERO** r
cultura potência órgãos subjetiva
singularidade trajetória sujeito voz inter
estereótipos órgãos singularidade
MULHER resistência subjetivação const

Parte II



5. O QUE PASSA POR UM CORPO?

Naquela manhã de sábado, escutando por acaso na televisão uma notícia sobre uma vítima de violência doméstica, a professorinha teve a ideia de levar a temática à sua classe. Pesquisou muito sobre violência contra a mulher para poder problematizar o assunto com suas alunas. Passou o dia todo debruçada no tema, buscando em sites, livros, entrevistas, todas as informações que pudesse reunir.

142

As leituras levaram-na a grandes surpresas. O que iniciou sendo uma busca para esclarecer alguns aspectos legais às alunas, tornou-se uma aprendizagem intensa para a professorinha. Percebeu que nada sabia sobre

o assunto. Inquieta, mexia-se em sua cadeira de trabalho, não achando posição confortável. Lia enquanto bebericava um café, boquiaberta com a própria ignorância. Desconhecia as tantas formas possíveis de violência que existem. Tinha um limitado entendimento de que violência se restringia a física e sexual, que são as mais evidentes. Pois bem, aprendera que havia outros tantos modos de agressão. Violências que passam por todo o corpo: psicológicas, simbólicas, econômicas. Mesmo sobre as mais visíveis e óbvias, percebeu que desconsiderava as formas mais sutis, como se fosse possível amenizar uma agressão. Seu pensamento era tomado de imagens de mulheres espancadas, torturadas e até mortas por seus maridos. Mas aprendera que violência física não era apenas isso: agarrar pelos braços, sacudir, empurrar, imobilizar, sujeitar mulheres também eram agressões, ainda que ocorressem apenas uma vez. Em um silêncio tão calado que ouvia sua própria respiração, fazia anotações, reunia

imagens, apontava pensamentos que levaria à classe na próxima semana.

Durante o dia adquirira certa gravidade em seu rosto, imersa na brutalidade daquelas palavras lidas. Já tinha os olhos cansados, ainda assim decidira seguir sua pesquisa. Passou a buscar sobre violência sexual, e novamente sentia-se chacoalhada com as informações. Ainda que entendesse que abuso sexual não é definido apenas por uma violação consumada pela penetração, sobressaltou ao ler que também se configurava um abuso quando um marido ou namorado pressionava a mulher para ter relações sexuais, ou quando exigia práticas sexuais que as deixassem desconfortáveis ou ainda, quando a chantageava para ter relações. Com os olhos arregalados, estremeceu com a seguinte frase: "Em uma cultura machista, é comum que mulheres não reconheçam o sexo forçado ou induzido dentro do casamento como uma violência sexual."

Revisitava sua memória, atordoada, a boca entreaberta, contemplando as descobertas de uma vida de alegrias imperfeitas. Pensava, afundada na realidade: essa é a descrição de meu casamento... Sem deixar margem de incertezas, aprendera que mesmo que tivesse tido relações consensuais, não implicava em uma obrigação de manter sempre que o marido quisesse essas relações. Então aquela sensação nauseante de consentir por "dever" não era loucura? Inevitavelmente contraía seu corpo frente a tais pensamentos corrosivos. Seus ombros doíam, tinha as mãos suadas e palpitava como se tivesse acabado uma maratona, apesar de ter ficado sentada o dia inteiro. Perplexa, perdera as palavras, engolia em seco, com um olhar morto, apático frente ao seu computador. Como pôde fazer isso comigo? Como eu permiti que isso acontecesse? Qual o problema comigo? Como me tornei essa mulher sem voz, sem vontades? Sou abusada! - disse ela em voz alta, pensando as palavras em sua língua e sentindo-as

em seus lábios. Em um salto, levantara afastando o olhar do material de trabalho, sem fôlego. Queria correr para bem longe, um lugar para se esconder, se encolher. Apoiara as costas na parede, deslizando até o chão, soluçando, com uma mão que tapava a boca contendo o choro. Eu lamento muito! - dizia para si mesma. Sentia-se destruída por dentro, tonta com seus pensamentos. Sentiu seu corpo castigado pela ignorância. Explodira em um pranto convulsivo em meio ao ruído da chuva que batia no telhado. Nunca mais nada seria igual. Sabia disso. Afastando os cabelos suados da testa, o olhar vidrado no nada, hesitava com as pernas trêmulas, sentindo nojo de si mesma. Não queria respirar, viver estava doendo naquele momento. Era mais que um tremor em seu chão, era um abalo sísmico, um terremoto que a atirava para longe dela mesma. Foi até a madrugada, pensando, remoendo, chocada. Já não era mais capaz de continuar. Os sentimentos pesavam como se arrastasse um corpo de duzentos qui-

los. Sentara no sofá da sala e sucumbira ao cansaço. Adormeceu esgotada, emudecida.

...

Nem sei por onde começar. Intimamente vibro com a visão de minha personagem sendo lançada de forma bárbara para fora de seu eixo. Parece uma sensação perversa, eu sei. Mas foi preciso. Despendi de grande esforço para isso. Minha intenção, que fique claro, não é vê-la sofrer, ao contrário. Preciso destrancá-la de suas próprias amarras.

147

...

O final de semana tinha sido insuportável. Procurou estar o máximo de tempo possível isolada. Precisava retomar o fôlego para seguir em frente. A vida não pararia para embalá-la. Retomou sua rotina de trabalho, um pouco trôpega e lenta. Iniciara o encontro com suas alunas, compartilhando suas

leituras e a devastação com o inesperado, pois acreditava que o primeiro passo para ter uma postura frente ao assunto, seria conhecê-lo melhor, discutir, problematizar.

Muitas mulheres se identificavam com o relato da professorinha. Durante a aula, debateram muito sobre o assunto, e levantaram exemplos de suas vidas. Estenderam o diálogo, pensando em formas menos visíveis de violência, uma das quais a professorinha apresentou como "violência psicológica". Um tipo de agressão, infelizmente muito comum, quando mulheres se sentem intimidadas, ameaçadas, humilhadas, insultadas pelos companheiros. Ou quando se sentem diminuídas, com a autoestima depreciada se sentindo inútil, patética, desprezível. Ou quando estão em um relacionamento onde o homem tem um comportamento controlador, tirando a liberdade da mulher, fiscalizando suas amizades ou redes sociais, investigando cada passo, fazendo chantagem emocional, distorcendo fatos e omitindo situações para deixar a vítima em

dúvida sobre a sua sanidade mental.

Durante toda a semana as aulas tinham sido provocadoras, a professorinha questionara o que suas alunas pensavam sobre o tema e, em rodas de conversas, as mulheres debatiam ruidosamente seus pontos de vista. Uma das alunas, com os olhos fixos na professorinha, compartilhou sua perturbação. Começou por dizer que quando casara imaginou um conto de fadas. Um vida linda, com filhos, envelhecer juntos, felizes. Relatava coisas sutis que tomaram conta de sua vida: tinha que se vestir e se comportar de acordo com a vontade do marido. Ele controlava sua vida, a vida dos filhos, sua opinião não tinha valor. Havia se transformado em uma marionete. Só saía de casa para ir até a casa dos seus pais. A professorinha percebia sua ânsia. Com a voz entrecortada, fazia longas pausas na fala. A violência havia começado apenas verbalmente, e logo passara a sofrer agressões físicas. Com o rosto contraído, relatava que tinha sido ensinada a calar.

Crescera achando normal apanhar. Não que não sofresse com isso, claro que sofria. Mas lhe parecia comum. Relatou sobre um dia que deixara um bilhete aos seus pais dizendo que estaria na casa de um amigo que morava cerca de três quadras de sua casa. Passara uma tarde divertida com seus amigos, vendo filmes, comendo pipoca, contando piadas. Já era noite quando foi para casa. Para sua surpresa, seu pai a esperava na esquina de casa. Primeiro enxergou seu rosto tenso, um olhar ameaçador. Era um homem bastante severo. Pelo seu semblante sabia que brigaria com ela. Quando se aproximou, percebeu algo em sua mão. Era um cinto de couro e, a partir dali, sabia que seria castigada. Enquanto ele gritava, perguntando quem ela pensava que era para deixar um bilhete e aparecer somente a noite, castigava seu corpo com golpes nas costas, pernas, braços e por fim em seu rosto. Foi caminhando e apanhando até sua casa. Não correu, não chorou. Mas tinha seu orgulho ferido. Sabia que apanhava por

ele não suportar a ideia de não controlar totalmente sua vida. Essa foi a pior surra que levou. Aconteceram muitas outras, outros homens a agrediram, mas essa foi marcante. Ainda era jovem, 13 anos. Aprendeu com seu pai que o amor doía. Depois que a raiva dele passava, ele dizia que fazia aquilo porque a amava, porque se preocupava com ela e não queria que nada de mal acontecesse. Então compreendeu que apanhar não era nada demais, que era um ato de "amor". Por isso, quando cresceu, normalizou essa violência em seus relacionamentos. Dizia com sofrimento no olhar que naquele dia quis denunciar seu pai. Mas pensava como sua mãe e irmão sofreriam com isso. Quem sustentaria sua família? Teve medo de sua família não a perdoar. Então ficou calada. Engoliu a dor, curou as feridas de seu corpo, e seguiu amando o homem que a machucava. Depois de tantos anos, experimentara amargura ao ver o rosto assustado dos filhos frente às violências que sofria, mas a dependência financeira e uma

sensação de não ter saída a tomavam e a paralisavam. Sua fonte de energia e de vida eram seus filhos. Passara por cima de todas as dificuldades por eles, esperando que a vida desse a oportunidade de ser feliz, de viver em paz. Com um olhar perdido encolhera os ombros perguntando ao grupo: que amor é esse que precisa ameaçar e machucar para me ter ao lado?

Assim como esta aluna, outras tinham suas histórias de dor que compartilharam durante a semana. Aos poucos iam percebendo em sutilezas de seu cotidiano formas de violência que viviam. Entre conversas, leituras e exercícios em grupo, alunas e professora estavam iniciando um processo de desconstrução de um pensamento viciado em naturalizações machistas.

Durante a semana, a professorinha esteve praticamente muda em casa. Seu marido percebeu o endurecimento na voz da sua esposa, seu ar distante e o olhar com certa revolta. Não imaginava todo o movimento que aconte-

cia em sua vida. Ela já não era mais capaz de virar as costas para as novas percepções. Havia ido muito fundo em seus pensamentos para voltar a apatia de sempre. Sentia-se exausta, ainda que mobilizada. Chegando o final daquela arrastada semana, a professora tomara a decisão de não mais ignorar seu mal estar. Decidiu se livrar de tudo que pesava em sua vida. Queria mais do que somente existir e não ficaria de braços cruzados esperando a vida passar.

153

Decidiu-se disposta a começar a lutar no mesmo momento. Respirou fundo, como que reunindo toda a sua coragem e foi até o marido. Hesitou por um segundo, com a voz tremendo de emoção:

-Não quero mais estar casada contigo. Estou me sentindo infeliz, frustrada - suspirou aliviada depois de falar, ao mesmo tempo que o marido soltou, sem querer, um gemido.

Depois de um longo mutismo, com o rosto congelado, sem expressão, perplexo, levando

as mãos à cabeça e entrelaçando os dedos na altura da nuca ele perguntou:

- Que isso? Tá de brincadeira?

Estava tonto com as palavras da esposa, balançava levemente a cabeça sem entender o que estava acontecendo.

- Quero uma explicação! O que eu fiz de tão horrível pra tu tomar essa decisão? Tu tens outra pessoa? Conheceu alguém? - e caminhava de um lado para o outro, agitado, com uma expressão arrasada. Vendo a expressão silenciosa e inabalável da esposa falou:

154

- Te acalma, conversa comigo. Tu tá confusa. Não sabe o que tá dizendo! - ainda que percebesse que a esposa estivesse bastante segura de sua decisão.

Tentou convencê-la de que era uma fase, todos os casamentos passam por isso e eles ficariam bem. Amavam-se e tinham uma história juntos. Mas a professorinha já não suportava fechar os olhos para os problemas. Seu peito ardia como se pegasse fogo. Não sabia se era melancolia ou alívio pela cora-

gem de tomar as rédeas de sua vida. Uma leve sensação de fracasso passava por seu corpo, mas rechaçara imediatamente a emoção com medo de fraquejar.

- Desculpa, não dá mais. Eu tentei. Realmente tentei. Mas não consigo mais seguir fingindo que sou feliz. - disse aquilo com vontade de sumir daquele lugar, daquela vida.

Desesperado, o marido a abraçou forte como se desta forma pudesse possuí-la por mais alguns instantes, mas ela manteve os braços estendidos, moles ao lado do corpo, sem corresponder o gesto. Pensava que ele tivera muito tempo para abraçá-la e nunca se importou com demonstrações de afeto. Sentindo a resistência no corpo da professorinha, deu um passo para trás.

- Tu só pode estar desequilibrada! Vou falar com a tua família!

- Pode falar com eles. Nada vai mudar. Minha decisão está tomada e não vou voltar atrás.

Sem reação, ele se sentou, despencando o corpo inconformado. Sua mão apoiava a cabeça que pendia, sentindo-se o homem mais infeliz do mundo. Com os olhos marejados, falou

- Ninguém vai te amar como eu!

- Eu sinto muito que tu pense assim. - falou, soltando um profundo suspiro e retirando a aliança de seu dedo, colocou-a sobre a mesa de jantar.

- Eu já procurei durante a semana um lugar para morar. Vou me mudar para um apartamento em alguns dias. Enquanto isso vou ficar na casa da Ana. Eu lamento muito. - e saiu da sala em direção ao quarto para fazer as malas. Iria embora naquele mesmo dia. Não havia mais dúvida. Inconsolável, o homem deitou-se aos soluços. Parecia se esforçar para que ela sentisse pena dele, para que percebesse quão injusta estava sendo.

- Rosário, não faz isso comigo. Não faz isso com a gente!

- Desculpa, não posso mais viver assim. Preciso ficar sozinha. Preciso da minha pró-

pria companhia. - e foi embora, com uma mala em cada mão e o corpo cheio de expectativas, decidida não esperar a tempestade passar. Queria deliciar-se com ela, rodopiar na chuva. Não correria mais de si mesma.

Durante a primeira semana, tudo parecia sem sentido, estranho. A companhia de sua amiga Ana ajudou muito naqueles primeiros dias. Mas eram os reencontros com as alunas que revitalizavam suas forças. A cada aula, sentia-se mais segura de sua decisão. Mudou-se para um pequeno apartamento sem nenhum luxo. Viu-se sozinha pela primeira vez na vida. Olhava as paredes brancas vazias ao seu redor, o colchão no chão e as roupas ainda nas malas. Sabia que precisava adaptar-se ao silêncio que tomara seus dias. À noite havia uma fragilidade em seu sono, não conseguia relaxar, já não sabia estar sozinha entre as cobertas depois de tantos anos dividindo todos os espaços. Estava ensaiando uma nova vida.

Tinha medo de perder o chão. Quero dar novos passos, mas com a possibilidade de voltar atrás sem que o chão desmorone. Mas enquanto reflito, a cada passo que dou à frente, um precipício se forma atrás de mim e já não posso recuar. Já estou em outro lugar e o onde vivi não existe mais. Aquela mulher não existe mais. Sou muitas!

Não tenho mais um território para chamar de meu. Preciso do novo, mesmo com temor. Desorganizo-me. E na bagunça da mudança, entre caixas e lágrimas vou procurando o que ainda quero carregar para o novo lar. Será que consigo viver um outro? Como faço para caber nesse novo mundo? Parece-me frouxo e desconfortável.

Sembro-me de ter deixado cair na mudança algo essencial, mas já não sei mais. Perdeu a forma. Perdeu a força. E já não importa. Sembro-me de ser algo que me estabilizava, deixava-me segura. Mas também me mantinha sem movimentos.

Sem isso me sinto livre, mas ainda não sei o que fazer com essa liberdade. Estou pronta para caminhar e me sinto assustada. Caminhar sem uma direção certa talvez não faça sentido. Então ainda me movo lentamente. Gostava da sensação de ter um caminho eleito como o verdadeiro e me sinto perdida na imensidão das possibilidades. Não sei por onde entrar. Caminhar simplesmente aproveitando o trajeto me parece incerto. Para onde vou? Desorientação.

Com o novo, sou temerosa e sinto falta do que não me é mais necessário. Sinto-me como um bebê saindo do útero, espaçado demais, infinito, inseguro. Os limites maternos me davam confiança e calor. Apesar de também ser um tipo de prisão. Essa nova liberdade é assustadora. Sem o cordão que me liga ao estável. Mas o estável é clausura que limita. Apenas não sei viver livre com espaço infinito para mover-me.

Perdi-me de mim mesma. Nem falo mais a minha língua. Procuro as palavras que engasgam na garganta. Só um gemido. Sem voz. Sem palavras. Minha extrema organização desfez-se. Sou outra sem estar preparada. As migalhas que deixei no caminho de volta desapareceram. O caminho todo se desfez e não sei como voltar.

O que foi mesmo que perdi? Sembro-me de ser algo pesado e duro, mas não recordo o quê.

Meu medo é viver o que for sendo vivido, sem um rumo ou lugar a chegar. Como se antes eu tivesse a certeza do caminho. Uma ilusão construída. Eu nem ao menos gostava da perspectiva da certeza, mas ela me dava confiança. Uma probabilidade esmaecida que, por algum motivo, me faz falta.

Penso se antes de ter o que perdi, sentia falta de algo ou se existia outro algo para sentir falta. Falta de não mover-me. Às vezes penso que quero ficar estagnada, é confortável saber onde estou. Mas como sentir falta da falta de liberdade? Seria eu feliz em minha inércia?

Pareço ter me tornado líquida, sem forma. Um líquido sem forma que procura um recipiente para sentir algo tátil. Mas meu contorno é o caos & cosmos, o infinito. Sinto-me incompreensível. Um líquido com bordas de nada. Uma dissolução. Quando eu tinha limites me sentia sufocada, como se vestisse uma roupa apertada demais para meu corpo. E agora a ilimitude.

E ainda sinto falta do dispensável, pesado e duro. Um pouco frio e desconfortável. Ah, sim. Recordo-me agora. Correntes.

transformações potência representação intensi
esteriÓtipos identidade construção
subverção singularidade esteriÓtipo
feminino Órgãos potência **GÊNERO** ic
subjetivação trajetÓrias subjetivação
trajetÓria resistênci construção e
representação intensidades singul
CORPO esteriÓtipos sujeito trajetÓria S
transfigurações construção intensidade
resistênci Órgãos transfigurações suje
construção sujeito resistênci **MULHER**
esteriÓtipos resistênci representaçã
VOZ cultura subjetivação esteriÓti
potência representaçã cultura singulari
CORPO intensidades construção **MULHE**
subjetivação potência identidade intens
identidade **feminino** resistênci transfiguraç
ia esteriÓtipos cultura esteriÓtipos v
transfigurações construção Órgãos resis
singularidade intensidade trajetÓr
trajetÓria subjetivação singularidade in
representaçã cultura voz **GÊNERO** r
cultura potência Órgãos subjetiva
t singular
esteriÓtipos Órgãos singularidade
MULHER resistênci subjetivação const

[clique aqui para pular para o próximo capítulo da novela](#)

5.1

CORPOS SUJEITADOS PELO GÊNERO E PELA SEXUALIDADE

163

Podemos pensar nos corpos femininos como uma produção de *subjetividade capitalística de gêneros e sexualidades*, uma produção discursiva.

A dualidade dos termos “sexo” e “gênero” foi debatida pela teórica Linda Nicholson que, em 1999 publicou o artigo “Interpreting Gender”, traduzido em 2000 no Brasil com o título “Interpretando o gênero”. Para a autora, o termo “sexo” tinha uma forte associação à biologia e “permanece [...] como aquilo que fica de fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino/feminino.”⁵⁸, tendo, esta divisão essencialmente aspectos biológicos, anatômicos, fisiológicos, referente a código genético e produção hormonal.

58 NICHOLSON, Linda. 2000, p.10.

Esta herança de pensamento dual ainda é fortemente utilizada entre as feministas, um legado da primeira fase do feminismo, que se estendeu até meados dos anos 60. Esta conceituação de sexo favoreceu a ideia da imutabilidade das diferenças entre homens e mulheres, um determinismo biológico.

A autora define que “‘Gênero’ tem suas raízes na junção de duas ideias importantes do pensamento ocidental moderno: a da base material da identidade e a da construção social do caráter humano.”⁵⁹ Na segunda fase do feminismo, que iniciou no final dos anos 60, o termo “gênero” surge sendo utilizado, principalmente para referenciar os atributos sociais relacionados a homens e mulheres, não como uma exclusão do termo “sexo”, mas como um conjunto de características sociais e culturais que se sobrepunham a este. Desta forma, muitas das diferenças relacionadas à dicotomia homem/mulher, não eram mais somente de efeitos biológicos, mas características sociais adicionadas ao anterior determinismo. Conforme Nicholson, esta concepção entre o biológico e o social poderia ser interpretada como um “porta-casacos” da identidade

165

o corpo é visto como um tipo de cabide de pé no qual são jogados diferentes artefatos culturais, especificamente os relativos a personalidade e comportamento. Tal modelo permitia às feministas teorizar sobre o relacionamento entre biologia e personalidade aproveitando certas vantagens do determinismo biológico, ao mesmo tempo em que dispensava certas desvantagens. Quando se pensa o corpo como um “cabide” no qual são “jogados”

59 NICHOLSON, Linda. 2000, p.10.

certos aspectos de personalidade e comportamento, pode-se pensar no relacionamento entre os dados do “cabide” e aquilo que nele é jogado como algo mais fraco do que determinista, porém mais forte do que accidental. Não se é obrigado a jogar sobretudos e cachecóis num porta-casacos; pode-se, por exemplo, jogar suéteres e até diferentes tipos de objetos, basta mudar suficientemente a natureza material do cabide. Mas se sempre vemos um porta-casacos cheio de sobretudos e cachecóis, não exigimos muita explicação, afinal trata-se de um porta-casacos. Rotulo essa noção do relacionamento entre corpo, personalidade e comportamento de “fundacionalismo biológico”.⁶⁰

Esta outra perspectiva permitiu às feministas distanciar a imutabilidade biológica que era, até então, uma desvantagem às lutas de gênero, percebendo que constantes sociais podem ser transformadas. A noção de fundacionalismo biológico permitiu acolher tanto as diferenças entre as mulheres quanto suas semelhanças, desconstruindo uma noção de identidade fixa que vinha generalizando, de forma equivocada, aspectos específicos da personalidade e do comportamento. Diferentemente do determinismo biológico, a noção de fundacionalismo biológico desenvolvido por Nicholson, “inclui algum elemento de construcionismo social. Mesmo a posição feminista mais antiga, que construiu o ‘sexo’ como independente do ‘gênero’, ao usar o termo ‘gênero’ permite a entrada de algum elemento social na construção do caráter.”⁶¹

60 NICHOLSON. 2000, p.12

61 Ibidem.

Ainda que esta outra perspectiva possibilite a identificação de diferenças entre as mulheres, segundo a própria autora, o conceito o faz de forma limitada e problemática. É claro que as diferenças físicas entre homens e mulheres existem, mas não podemos determinar que unicamente estas diferenças são o critério definidor de uma identidade de gênero. Esta necessita ser entendida de forma mais profunda.

Se pensarmos que pré-discursivamente não existem sexualidades ou gêneros como afirmou Butler⁶², ser mulher se torna uma fabricação, uma produção maquínica. Desta forma, não existiria nenhuma ligação entre órgão reprodutor (destinado à procriação) e o desejo sexual, ou seja, a criação discursiva “que identifica os órgãos reprodutivos como órgãos sexuais, em detrimento de uma sexualização do corpo em sua totalidade.”⁶³ Isso seria uma ideia reducionista, visto que o prazer sexual não se restringe às genitálias, assim como as práticas sexuais, não se restringem a relação de genitálias masculina e feminina. Segundo Preciado “O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre gêneros (feminino/masculino)”⁶⁴. Desta forma, toda uma invenção de gêneros e sexualidades, fabricada a partir destas reduções, ficariam desestabilizadas.

Buscando uma desconstrução dessa ideia, precisaríamos repensar os significados de feminilidades e

62 BUTLER. 2003.

63 PRECIADO. 2014, p.23.

64 Ibidem, p.25.

masculinidades que se constituem de uma produção do sistema heterossexual que maquina através da fragmentação dos corpos. Esses são pensados a partir de um recorte de certos órgãos, pênis/vagina, que são extraídos da totalidade dos corpos, isolados e hierarquizados, fabricando assim, significantes sexuais e transformando-os em “centros naturais e anatômicos da diferença sexual”⁶⁵. Não se trata mais de pensar o que os corpos femininos têm de diferente ou igual, de pensar em corpos segregados em um grupo “mulheres”, mas pensar que a própria ideia de existir esse grupo é uma produção maquina. Nesse sentido, Preciado nos leva a um pensamento sobre a contrassexualidade que “tem por objeto de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexuais e *generizados*.”⁶⁶ Esta teoria desmistifica noções enraizadas sobre sexo e gênero, tendo “como tarefa prioritária o estudo dos instrumentos e dos dispositivos sexuais e, portanto, das relações de sexo e de gênero que se estabelecem entre o corpo e a máquina.”⁶⁷ A ideia de gênero, a partir desta perspectiva, seria uma redução, visto que, ao segmentar os corpos, de forma cada vez mais minuciosa, criamos categorias que os fragmentam por suas diferenças. Seguimos regidos por um modelo hegemônico: o homem, cisgênero, branco, heterossexual. Assim, continuamos a categorizar como *outros*, todos os corpos que não se encaixam neste modelo. Por isso, repensar “a centralidade do pênis, como eixo de significação de poder no

65 PRECIADO. 2014, p. 25.

66 Ibidem, p.24.

67 Ibidem, p.25.

âmbito do sistema heterocentrado, requer um imenso trabalho de ressignificação e de desconstrução”.⁶⁸

Conforme estudos de Ferreira “as teóricas pós-modernas puseram em xeque a possibilidade de um sujeito mulher estável, naturalizado, marcado por um denominador comum biológico, que pretensamente estaria fora de uma enunciação histórica”.⁶⁹ Nicholson acreditava que estas diferenças eram encaradas como uma coexistência mais do que uma interseção. Isso gera a “tendência de se pensar o gênero como o representativo do que as mulheres têm em comum, e aspectos de raça e classe como indicativos do que elas têm de diferente”.⁷⁰ Cabe destacar que para Judith Butler o conceito “mulheres”, mesmo empregado no plural, em um esforço de incorporar características significativas como raça, idade, classe social entre outras, não a satisfaz, pois ainda percebe uma uniformização nessa mudança da palavra mulher para mulheres.⁷¹

A crítica de Nicholson sobre o feminismo da diferença se refere ao simplismo tratado para estas diferenças, também unificadas e transformadas em novas categorias. A autora sugere “a substituição de propostas sobre mulheres como tais, ou até sobre mulheres nas ‘sociedades patriarcais’, por propostas sobre mulheres em contextos específicos”⁷² ou seja, não buscar uma unidade, uma única representação da palavra

68 PRECIADO. 2014, p. 37.

69 FERREIRA. 2015, p.274.

70 NICHOLSON. 2000, p.13.

71 BUTLER. 2003.

72 NICHOLSON. op.cit., p.34.

“mulher” em todos os períodos da história de forma descontextualizada, utilizando apenas a biologia como base.

A tentativa de desconstruir o sujeito universal, homogêneo, é um desfazimento, também, do pensamento binário. Este sujeito foi apontado como sendo masculino, branco, burguês, judaico-cristão e heterossexual. A busca por abarcar as diferenças dentro de uma categoria, como classe social, é ancorada em um essencialismo deste sujeito, revelando uma generalização no interior da categoria.

Temos aqui um problema de duas naturezas com a noção de sujeito: primeiro a crítica ao sujeito masculino como universal, revelando as operações hierárquicas das diferenças sexuais; depois a crítica à essencialização do sujeito (sexo ou classe social), postulando um descentramento da constituição dos sujeitos e das identidades. Nos dois casos, a rejeição à oposição binária masculino/feminino faz-se presente.⁷³

170

A noção de sujeito estava alicerçada em características particulares do homem branco, heterossexual e detentor de propriedades que eram concebidas como universais e generalizando tais especificidades esta categoria se tornava regimental e opressora⁷⁴ estabelecendo a classe de mulheres em um grupo oprimido.

A crítica a esse sujeito universalizado e à identidade nos possibilita pensar o sujeito como múltiplo,

73 MARIANO. 2005, p.484.

74 Ibidem.

complexo e contingente, rompendo a forma binária e hierárquica construída dentro de um universo masculino onde ser mulher aparece como uma especificidade deste universo. Neste caso a mulher é o “outro”, a diferença da identidade. Ainda dentro deste pensamento, no interior da categoria mulher, Butler afirma que a repressão de gênero funciona, de certa forma, para criar guetos dentro da categoria, oprimindo certos segmentos em relação a outros: “a insistência sobre a coerência e unidade da categoria mulheres rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das ‘mulheres’.”⁷⁵

Desta forma ao tencionar o ser universal, o grupo “mulheres” também torna-se normativo e opressor, desconsiderando aspectos importantes de diferenciação como classe e raça. A globalização da identidade “mulheres” tem por consequência torná-la excludente, ignorando distinções sociais. Para Butler, um exemplo dessa opressão é a heterossexualidade inferida nas relações de gênero que cria uma uniformidade na classe “mulheres”, estabelecendo uma fixidez entre sexo, gênero e desejo.⁷⁶

Apesar de algumas teorias feministas entenderem que há uma unidade na categoria “mulheres”, Butler indica que esta ideia é contraditória na medida em que insere uma dicotomia desse sujeito. A autora propôs afastar a ideia de que gênero advém da noção de sexo e problematizar essa distinção sexo/gênero. Para ela,

75 BUTLER. 2003, p.35. (grifo da autora)

76 MARIANO. 2005.

a ideia inicial de que sexo é natural e biológico e de que gênero é socialmente construído resultaria que “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”⁷⁷, aprisionando, assim, o conceito de gênero. A autora afirma: “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma”⁷⁸. A filósofa nos mostra que, assim como o gênero, o sexo não é natural e puro, mas construído cultural e discursivamente. Em outras palavras, tudo é construído em um processo de diferenciação, onde identidade de gênero não existe a priori, mas é produzido por um regime de correlação e diferenças *performativamente constituídas*.

O que Butler nos mostra é a inexistência desse sujeito que o feminismo defende. Quando se refere, por exemplo, a famosa frase de Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”⁷⁹, Butler assinala que “não há nada em sua explicação que garanta que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea”⁸⁰, ou seja, que este tenha nascido com uma vagina.

Sendo assim, a autora subverte a noção de um sujeito *uno*, deslocando a ideia de uma identidade como essência para uma construção de gênero como *feito*. “A presunção aqui é que o ‘ser’ um gênero é *um feito*”⁸¹. O paradoxo que ela mostra dentro da teoria do fe-

77 BUTLER. 2003, p.26.

78 Ibidem. p.25.

79 BEAUVOIR. 2009, p.361.

80 BUTLER. op.cit., p.27. (grifo da autora)

81 Ibidem, p.58. (grifos da autora)

minismo, é que somos impedidos de pensar esse sujeito como um ser mutável e contingente que é e o aprisionamos em um pensamento de identidades fixas.

Se o sujeito do feminismo foi desconstruído dentro do dito “feminismo pós-estruturalista”⁸², como ficariam as lutas políticas da classe feminina, já que o sujeito ao qual se defende não existe mais? Para nos esclarecer esta questão, Butler, indaga se “é a ‘unidade’ necessária para a ação política efetiva”⁸³, chegando à conclusão de que é possível fazer política de gênero sem que haja o estabelecimento de uma identidade fixa. A crítica à universalização do sujeito a ser representado pelo feminismo pode fortalecer tais lutas, pois a negação de um sujeito *uno* não impede a reformulação desse mesmo sujeito de uma forma múltipla, mas com ações políticas comuns e legítimas. Segundo Silvana Mariano, “Se tomamos a identidade como discursivamente construída, (...) negar a essência da identidade não implica negar a existência de sujeitos políticos e de prática política, mas sim redefinir sua constituição.”⁸⁴

Quando o discurso feminista evoca um sujeito mulher inevitavelmente começam discussões sobre o que o termo abarca e exclui. Isso gera uma segregação, uma criação de facções dentro da categoria que se presumiria unida. Sobre esta questão, Butler comenta:

82 O Feminismo pós-estruturalista elimina a ideia de experiência como conhecimento não mediado e elimina a noção do sujeito, do agente. Para os pós-estruturalistas a categoria “mulher” é apenas uma “essência nominal”, e os corpos são materializados através do discurso. Cf. MENDES, Mary Alves. 2002.

83 BUTLER. 2003, p.36.

84 MARIANO. 2005. p. 496

Eu diria que qualquer esforço para dar conteúdo universal ou específico à categoria mulheres, supondo-se que essa garantia de solidariedade é exigida de antemão, produzirá necessariamente facções e que a “identidade” como ponto de partida jamais se sustenta como base sólida de um movimento político feminista. As categorias de identidade nunca são meramente descritivas, mas sempre normativas e como tal, exclusivistas. Isso não quer dizer que o termo “mulheres” não deva ser usado, ou que devemos anunciar a morte da categoria. Ao contrário, se o feminismo pressupõe que “mulheres” designa um campo de diferenças indesignáveis, que não pode ser totalizado ou resumido por uma categoria de identidade descritiva, então o próprio termo se torna um lugar de permanente abertura e re-significação.⁸⁵

174

Vale lembrar que a crítica à identidade fixa não significa a rejeição integral de qualquer conceito de identidade e, tampouco, a crítica ao sujeito o desintegra de vez. Butler defende a diferenciação entre abandonar a existência do sujeito uno como premissa e extinguir completamente a noção de sujeito. Rechaçar o pensamento dicotômico, não silenciar as diferenças internas da categoria “mulheres”, pensando de forma plural, múltipla, rizomática não desestabilizaria a política feminista.

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão

85 BUTLER. 1998. p. 24-25 (grifos da autora)

a estrutura fundante em que o feminismo, como política de identidade, vem-se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios sujeitos que espera representar e libertar.⁸⁶

A proposta de subversão do sujeito do feminismo, não sugere a renúncia da categoria mulher, mas sim, sua ressignificação. Com a desconstrução, ou melhor, a reconstrução do sujeito do feminismo poderíamos pensar em uma configuração heterogênea, móvel e contingente para a classe mulher. Tampouco, nega o corpo, os aspectos biológicos, porém propõe um novo olhar sobre o mesmo.

Essa compreensão não faz com que o corpo desapareça da teoria feminista. Com ela o corpo se torna, isto sim, uma variável, mais do que uma constante, não mais capaz de fundamentar noções relativas a distinção masculino/feminino através de grandes varreduras da história humana, mas sempre presente como elemento importante na forma como a distinção masculino/feminino permanece atuante em qualquer sociedade.⁸⁷

175

Pensando por este viés, identidades de gêneros terão, em sua essência, uma qualidade normatizada que acarreta na construção de uma unidade, uma universalidade, sempre padronizadora e, desta forma, excludente. Para Mariano

86 BUTLER. 2003, p.213.

87 NICHOLSON. 2000. p.8-9.

As tentativas das feministas para construir um sujeito político feminista universal, buscando uma base comum entre as mulheres, receberam críticas das feministas negras e latino-americanas, das feministas dos países de Terceiro Mundo e das ex-colônias e das feministas lésbicas. Trata-se da crítica ao feminismo branco ou dominante, colocando em questão 'o que é ser mulher' e denunciando que a unidade entre as mulheres também é excludente, opressora e dominante. Coloca-se em questão, portanto, as discussões sobre identidade.⁸⁸

Rechaçando a premissa de que o sujeito mulher é fundamentalmente constituído pelo biológico, Butler sugere que, este mesmo sujeito, é constituído discursivamente, por tanto, esse sujeito não existe pré-discursivamente. Desta forma, aquilo que é supostamente descrito como sexo ou gênero é uma produção, uma maquinação, uma fabricação.⁸⁹ Percebe-se que, uma definição fechada sobre o conceito de sujeito mulher está longe de ser consenso. Pensar em uma base unitária de características ou experiências compartilhadas por todas as mulheres parece contraproducente. Essas ideias caminham em uma corrente de fabricação de corpos e modos de vida, produção de subjetividades que bloqueiam uma possibilidade de singularização. A produção da subjetividade nos leva a questionar as produções de gênero e sexualidade, a pensar como mulheres se produzem dentro dessas normas de gênero impostas pela máquina capitalística, como a socieda-

88 MARIANO. 2005. p.489

89 BUTLER. 2003

de vai constituindo os corpos femininos. As fabricações de feminilidades e masculinidades produzem papéis sociais arbitrariamente impostos a homens e mulheres que originam os estereótipos de gênero. Estes reforçam os comportamentos supostamente femininos e masculinos, fomentando um dualismo e uma hierarquia comportamental que subjuga as mulheres, dando abertura ao sexismo que perpetua opressões de gênero e dissemina a superioridade masculina.

Uma vez que o sexismo corresponde aos privilégios dados a um determinando sexo em detrimento do outro, compreende-se que, desta forma, o machismo corresponde à expressão ou ao efeito do sexismo, e age de forma discriminatória essencialmente contra as mulheres. Nessa perspectiva, a mulher é considerada o sexo frágil em relação ao homem. (...) Através de atitudes machistas criam-se ideias pré-concebidas em relação ao gênero inferiorizado, colaborando negativamente para o fortalecimento de padrões referentes à conduta do sexo oposto. A mulher, devido influências religiosas e culturais, é apresentada como um ser frágil, vulnerável, sensual e, portanto, subjugada ao homem. Ainda hoje lhe são atribuídas tais características em contraposição às características dos homens que, por fim, legitimam sua superioridade e força decorrentes do seu sexo masculino⁹⁰.

177

É a produção da subjetividade que vai levar os corpos à produção de identidades de gêneros e sexualidades, marcados pelo binarismo genital e sua significância de tal forma que acabamos por não falar em

90 SOUZA. 2016, p. 5

peçoas ou sujeitos, mas em categorias que referenciam os corpos: homem ou mulher, pai ou mãe, heterossexual ou homossexual, cisgênero ou transgênero e assim por diante.

Voltando às questões: Como se dão os processos de desconstrução de um sujeito mulher? Como subverter um feminino no encontro de ideias, corpos e intensidades que pode produzir singularidade? Creio que as ideias aqui desenvolvidas, mostram um caminho possível para pensarmos esses problemas, mas ainda não dão conta de responder, mesmo provisoriamente, tais questões. Para subverter a ideia de sujeito mulher, de corpo feminino, de feminilidades, de sexualidade, talvez precisemos pensar em um desmanchamento do próprio corpo, indo em direção ao que Deleuze e Guattari chamaram de Corpo sem Órgãos.

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
dentidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
steriόtipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
S trajetória esteriόtipos resistência
eito transformações **subverção** órgãos
cultura **feminino** representação representação
o subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iόtipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriόtipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
intensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriόtipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação esteriόtipos identidade
rução cultura subverção singularidade



6. REVERBERAÇÕES

O sol do início da primavera começava a iluminar a cidade. Rosário começara a dar valor a pequenas coisas que nunca lhe importaram: caminhar apreciando o ar fresco, aproveitar uma boa conversa com amigos e família, comer o que gostava sem culpa, olhar-se no espelho e se elogiar, se achar linda e talvez feliz. Sua vida lhe parecia cheia de uma perspectiva inédita. Apesar disso, da felicidade da nova vida, da liberdade, das novas possibilidades, tudo estava mesclado com uma melancolia incompreensível. A essa altura, tudo que queria era acabar com a palidez que tomou sua vida durante muito tempo. Já não sabia mais estar sozinha, tinha esqueci-

do o sabor. Queria ficar inerte. Mas o ritmo da vida lhe empurrava para alguma direção desconhecida. Sabia que devia chorar. Essas eram as normas que conhecia para momentos de perda. E deixar tudo para trás tinha sido uma perda, certo? Mas já não conseguia seguir as regras que a perseguiram a vida toda. Sabia que era errado ser feliz muito rápido. Não lhe parecia correto, mas não pôde evitar. Sentia um misto de felicidade e culpa. Assim, por falta de capacidade de sofrer pela vida que deixou para trás, encontrou outros motivos para chorar, banais e se livrou do choro com insignificâncias.

180

Havia derrubado o muro de tijolos que acreditava ter lhe constituído. Um muro que tinha frestas por onde ela podia espiar outras realidades. E só o derrubando para construir algo novo, mesmo que reutilizando os tijolos já gastos e marcados, pôde produzir-se como um ser múltiplo, mais potente. Com marcas gravadas em seu corpo, é claro! Mas ela não queria mesmo apagar as marcas

deixadas. Não precisa esquecer-se de nada para recomeçar. Ao contrário, queria lembrar para não repetir. E, deixando absolutamente todo o mundo que conhecia, todo um mundo de seguranças construídas, fluiu no caos/cosmos. Deixou no passado o casamento, a casa, as correntes. Pensava que a solidão era a única companhia que poderia libertá-la, queria ser livre, pois a servidão nunca lhe caiu bem. Era asfixiante.

Pela primeira vez em sua vida se viu com o inesperado: a solidão. Essa companheira era doce e a fazia pensar como nunca se permitiu. Um pensar que causava um desassossego em seu corpo. Ela havia descartado por toda sua vida pensamentos perigosos. E em um ato de absoluta coragem olhou para si. Já não lembrava mais dos seus próprios gostos. Estavam muito misturados, fundidos com os gostos do seu ex marido. E foi a solidão que a fez lembrar. Lembrar do que gostava. Lembrar de quem era. Deixou sua opacidade ganhar cores.

Começou a testar seus próprios gostos, experimentar novas possibilidades. Um dia, decorrido algum tempo de sua nova vida, olhou-se no espelho e já não reconhecia o seu reflexo. Um corpo que mudara. Olhando seu reflexo, pegou uma tesoura em suas mãos, olhou-a como que experimentando a força daquela ferramenta. Decida, deu a primeira tesourada em uma longa mecha de seus cabelos. Foi um ato de desprendimento. O efeito daquele momento lhe enchia de energia. A cada mecha que se espalhava pelo chão da sala, levava consigo um peso que não cabia mais em sua vida. Sorria frente a nova imagem. Mudara. Assim, simplesmente outra. Deformou-se. Encontrou-se com outros "eus" talvez selvagens, desconhecidos. Sentia-se plena de sua própria natureza. Ainda era ela, mas outras ao mesmo tempo. Sentia-se pronta para criar novos e outros mundos. Agora parecia que se vestia de um outro si mesma.

Sentia ter seu corpo contaminado. Já não podia mais se desvencilhar das mudanças

Elas a haviam tomado como um vírus que contagia tudo em volta. Já não era mais a menina insegura de ontem. Tinha aprendido a caminhar em novas linhas. Conforme ia se percebendo como uma potência, uma mulher com escolhas, achava mais e mais rotas a percorrer. Os estudos que iniciara para elaborar suas aulas, desassossegaram a personagem, levando-a a não só ampliar, mas desfigurar, corromper e torcer seu percurso. Percebia estar traçando o próprio caminho. Via-se construindo um caminho que ainda não existia.

183

Penso em minha personagem como Dorothy trilhando o caminho dos tijolos amarelos. O que me parece peculiar, é que o caminho ainda não está traçado. Rosário, com apenas dois tijolos, um nos pés e um nas mãos, vai construindo esse caminho. A cada passo ela traça seu percurso enquanto o percorre. Quando coloca o tijolo que está em suas mãos a frente do tijolo aos seus pés, escolhe uma direção possível, entre muitas possibili-

dades. Esse tijolo que é colocado à frente já está transformado pelas pisadas, pelas marcas do próprio caminho, pelos rastros. Um movimento de repetição e transformação a cada momento. As conexões que fazia com o mundo eram limitadas anteriormente. Agora, ela abria-se a um novo mundo. Tornara sua escuta sensível ao mundo e seu corpo atento a novas experiências.

Pensando, no que lhe provocou toda uma mudança em sua vida, lembrou da pergunta que fez às suas alunas: o que é ser mulher? E falando consigo mesma disse:

184

- Ainda não tenho uma resposta para essa pergunta, talvez várias respostas. Não tenho certeza, nem as quero!

Agora, seu corpo era povoado de vivências intensas. Um corpo feito de Marias, Lillianes, Lucianas, Maras, Juremas, e e e. Um corpo múltiplo. Novas fendas vibravam em sua vida. Já não podia conceber os clichês perpetuados sobre o "sexo frágil". Adjetivações como delicada, sensível, amorosa, terna, ma-

ternal, multitarefas já não diziam nada para ela.

- O que sei é que nem sempre as mulheres choram, nem sempre são delicadas, nem sempre amam um homem, nem sempre querem ter cabelos longos, nem sempre querem casar ou ter filhos, nem sempre são sedutoras. Não existe apenas um jeito de ser mulher. Não pode existir uma norma. Cada uma é singular. - refletia sozinha em volta a nova vida.

Não permitiria que sua genitália a definisse. Lutaria para poder ser o que quisesse. Viveria a partir do que decidisse ser a melhor forma. Lutaria diariamente se fosse preciso para ser livre e respeitada. Resistiria a ditadura de regras impostas que encaixam os corpos e desejos em modelos inatingíveis. Mesmo que fosse uma corrida de obstáculos diária, não havia como voltar atrás. Iria (re)existir. Não seria mais silenciada. Perderia a voz quebrando o silêncio e gritando ao mundo o que é ser mulher. E não se calaria. Nunca mais. Creio que mi-

MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina

nha personagem deixou de ser minha, ganhou voz, ganhou força. Deixou de ser a professora ... e aqui eu me despeço.

Não me calo! Nunca mais me calarei!

Terei minha voz ressonante e ouvida.

Mesmo que custe a acontecer

Não desistirei

Não sou mercadoria, não sou apenas sexo, não sou apenas carne

Sou mulher

Nem por isso esperem de mim submissão, dependência, obediência

187

Sou livre, sou mutante, sou revolução!

Não serei mais silenciada

Não me calo! Não me calo! Não me calo!

dades esteriótipos resistência **CORPO**
sujeito cultura subjetivação cultura
s órgãos potência representação potência
identidade **feminino** construção órgãos
resistência transfigurações intensidades sujeito
steriόtipos sujeito construção voz
aridade intensidade trajetória cultura
subjetivação singularidade identidade
transformações resistência **GÊNERO** potência
eito trajetória esteriόtipos resistência
cultura **feminino** representação órgãos
subjetivação identidade cultura sujeito
pos intensidades sujeito órgãos cultura
idade trajetória representação construção
iόtipos órgãos subjetivação potência voz
R resistência identidade **feminino**
idades singularidade subverção órgãos
ões resistência construção **MULHER** trajetória
voz subjetivação potência resistência
tência esteriόtipos trajetória subjetivação
ri representação sujeito representação
intensidades
resistência construção cultura identidade
ação órgãos esteriόtipos representação intensidades
nsidades transformações potência construção
representação esteriόtipos identidade
rução cultura subverção singularidade

6.1 O QUE PODE UM CORPO

Questionar a construção de um corpo nas filosofias da diferença passa a ser problematizar uma estrutura de poder que funciona como máquina de construção de corpos e de pensamentos. Não há produção social, sem produção de corpos. O sujeito é uma produção. O corpo é uma produção. A máquina capitalística se constitui de uma grande fábrica de corpos e de suas subjetividades. Ela se sustenta de subjetividades para produzir individualidades serializadas⁹¹. Instituições como família, escola, hospitais produzem corpos e seus modos de vida.

190

O corpo já foi entendido com, no mínimo três ideias principais: 1) uma ideia de corpo que equivalia ao entendimento de corpo humano; 2) o corpo entendido como corpo biológico, onde células, microrganismos e outros organismos vivos passam a ser entendidos como corpos; 3) corpos entendidos como um adensamento

91 GUATTARI; ROLNIK. 2013.

da matéria, que incluiria objetos corpóreos e incorpóreos, como um livro ou uma música⁹².

Mas de que corpo estamos falando? O corpo ao qual me refiro é um corpo entendido nas filosofias da diferença, que escapa a essas três definições. É um corpo que remete a produção e funcionamento. Se falarmos de uma dor, por exemplo, estamos remetendo a um corpo, visto que esta é capaz de produzir determinadas situações e funcionar a realidade de tal ou qual maneira. Desta forma, podemos considerá-la um corpo. Assim como sensações, afecções, pensamentos podem ser considerados corpos, além, é claro, o próprio corpo orgânico. É precisamente essa perspectiva que interessa a esta pesquisa.

Se estamos falando de um corpo que é fabricado, um corpo que cria identidades molares, podemos nos questionar como escapar desta produção e criar uma nova possibilidade de pensamento que fuja de ideias aprisionadas em identidades, subjetividades e significâncias desse corpo, um corpo molecular. Para isso, trago a ideia de Corpo sem Órgãos criada por Antonin Artaud⁹³ e desenvolvida por Deleuze e Guattari. Os atores esclarecem que “No dia 28 de novembro de 1947, Artaud declara guerra aos órgãos: *Pra acabar com o juízo de Deus*, ‘porque atem-me se quiserem, mas nada há de mais inútil do que os órgãos’”. Acabar com o juízo de Deus seria acabar com a norma, com um conjunto de regramentos que regulam as experiências, os cor-

92 Ideias desenvolvidas no seminário “Corpo, Estética e Formação”, ministrado pela professora doutora Cynthia Farina em 27 de setembro de 2016.

93 Antonin Artaud foi um poeta, ator, escritor, roteirista e diretor de teatro francês, criador do Teatro da Crueldade.

pos, as afetividades, as intensidades, a política, enfim, um juízo moral sobre a realidade. Quando Nietzsche declara a morte de Deus⁹⁴, o que de fato sucumbe é o elemento regulador e hierarquizante da própria realidade, do bem ou do mal, do verdadeiro ou do falso, certo ou do errado. Uma moral dicotômica, dual, bipartida. Nasce uma problematização da verdade verdadeira, de um juízo regrado em uma moral disciplinadora, que define subjetividades, modos de vida, em um modo mais amplo, da própria noção de realidade. Acabar com o juízo de Deus refere-se à necessidade de questionar o juízo como um conjunto de normas reguladoras que controlam nossas experiências, nossa vida, nosso corpo. Essa tentativa de escapar a uma vida delineada por regras rígidas e modelos molares é evidenciada na novela quando a personagem cria um novo território para habitar, quando percebe estar traçando um novo caminho em sua vida enquanto o percorre, construindo novas possibilidades inéditas de pensamento e vivências.

192

Artaud considerava que os órgãos eram nossos inimigos, pois de alguma forma podem separar o corpo de sua potência criadora, visto que são capturados pela produção de subjetividade, significados e se perdem em um corpo útil e servil. O desejo é conduzido em uma via de produção, de finalidade e perde a capacidade de experimentar o que acontece enquanto acontece. Para que não se perca essa potência, essa força intensiva criadora do corpo, é preciso transformar corpos, mudar organismos, em um movimento incessante.

94 Nietzsche diz que Deus está morto, pois na Modernidade a ciência ocupa seu lugar. Lugar da verdade, da identidade. cf. NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra.

O corpo é um corpo de intensidades. Ele é potência de pensamento, de acontecimento. Tudo aquilo que acontece, acontece em nós e o uso que fazemos desses acontecimentos pode ser um obstáculo, um peso ou pode-se não dar importância e, dessa forma, não é possível criar um pensamento. Ao mesmo tempo, pode ser uma impulsão, uma fonte de criação. O que fazemos com aquilo que nos acontece é o que move ou cristaliza um corpo, então depende de nossa escolha. É, a partir desse pensamento que o corpo professorinha se deixa afetar e transformar sua vida. Através dos agenciamentos ocorridos em sua vida, da potência transformadora dos afetos experimentados, se deixa afetar, ser impulsionada a uma transformação.

Deleuze e Guattari propõem uma desorganização do corpo, uma desierarquização, para abrir brechas para as intensidades, as forças que abatem os corpos, e não só deixá-lo produtivo para as intenções do CMI. Mas é necessária uma certa prudência em nome da vida, pois corre-se o risco de enlouquecer. O que interessa para os autores é a criação de pensamento a partir das experimentações vividas. Para isso, como dito anteriormente, tomam a ideia de um Corpo sem Órgãos (CsO), criada por Artaud, observando que “não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas”⁹⁵.

Para entender tais práticas é preciso ter em conta que elas nunca se concluem, o CsO nunca está findado, “não se termina nunca de chegar a ele”⁹⁶. São gradien-

95 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.9.

96 Ibidem, p.21.

tes de intensidade que não dão fixidez ao CsO pois ele é a própria prática, o próprio processo e não um resultado final, ele não se acaba. Não se termina em si mesmo, pois é aberto, vivo, molecular. As conexões que se estabelecem nessa prática acabam sempre alterando os componentes e linhas que compõem o CsO. Desta forma, ele não pode ser estático, mas está sempre em constante modificação, “não pode haver estagnação”⁹⁷. Esse caráter inacabado nos remete à processualidade da produção de singularização, que também está sempre em processo e prática constante, sempre em via de fazer-se.

Quando Artaud declara guerra aos órgãos, o que na verdade está sendo criticado é a significância dos órgãos e sua organização. O CsO não é inimigo dos órgãos do corpo, mas do corpo organismo enquanto “organização orgânica dos órgãos”⁹⁸. Sem o encarceramento de um corpo organicizado, nos abrimos ao devir, à experimentação, aos fluxos, aos desejos, não enquanto falta, mas como produção de vida. Existe uma organização, funções de cada órgão e, principalmente, uma hierarquização desses órgãos. Uma importância maior para determinado órgão em detrimento de outro em uma organização hierárquica e em uma separação do corpo com sua potência, como nos fala Luiz Fuganti:

Os nossos corpos são separados do que podem e investidos numa certa estratificação social, cultural, política, econômica. O nosso corpo é acoplado em um certo regime de movimento, de sensibilidade, de

97 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.13.

98 Ibidem, p.21.

ação, de paixão. E aí sim, a gente vai sendo costurado artificialmente, na mesma medida que foi separado artificialmente do que podia o corpo. Essa costura artificial é o que se chama organismo, que captura os nossos órgãos.⁹⁹

Há uma coexistência do CsO com os órgãos, ou seja, o inimigo de fato do CsO é uma organização produtiva do corpo, um adestramento dos órgãos em função de um corpo útil. O CsO desvincula o corpo de uma produtividade para se tornar intensivo, um conjunto de sensações, uma efetuação da potência.

O organismo não é o corpo, o CsO, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de articulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil.¹⁰⁰

195

Na prática de um CsO tais noções se desfazem. É desconstruída uma ideia de organização, de órgãos com funções pré-determinadas e imutáveis. Nesse instante intensivo o órgão perde a função e vira uma potência. Mas claro que não se trata apenas de falar em uma desconstrução da função e significância dos órgãos, é preciso operar com isso. Por isso não é um conceito, mas uma prática. Não adianta falar de um CsO para efetivamente construir um CsO.

É preciso ter em conta que um CsO não se refere apenas ao corpo físico, biológico. Um texto, por exem-

99 FUGANTI, Luiz. 2011.

100 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.21.

plo, pode ser um CsO. É um corpo de desejo. É uma espécie de plano produtivo, de plano de agenciamento, de forças, de energias, de elementos, de matérias, de desejos. Ele não propõe um modelo a ser seguido, uma receita, um padrão. Ao contrário disso, busca singularidades, fluxos desejanter, uma desconstrução de identidades em nome de devires. Uma potência de produzir realidades. O CsO é o campo de imanência do desejo, onde o desejo existe enquanto processo de produção sem referência a qualquer exterioridade. Quer dizer, contrário ao transcendentalismo e suas essências. O CsO se afirma no ambiente do desejo, rompendo a lógica estruturante da organização. Ele deixa de ser ou não ser para se tornar um “sendo” pleno de potência. Conforme afirma Fuganti “Há sempre no niilismo uma desqualificação do corpo, um pressuposto de que a existência tem alguma carência que a torna imperfeita, de que existir é desejar e desejar é ter falta de objeto.”¹⁰¹ Esse é o desejo da psicanálise que se funda numa lógica racional e diz que o sujeito fica preso aos fantasmas do inconsciente. Sua carência é o que o torna o que ele é. Diferentemente desta noção de desejo que necessita de um objeto, que se constitui pela falta de algo que não possui, na noção de um CsO, o desejo não nos separa da potência de acontecer:

O corpo é um modo de efetuação da nossa potência, do nosso desejo. Esse desejo, em um certo sentido, é anterior a corporificação do corpo e a extensão das próprias ideias na linguagem. A potência é necessariamente em ato, ela necessariamente se efetua. O

corpo é um modo de efetuação da potência, assim como o pensamento é um outro modo de efetuação da potência. Na medida que a potência é uma potência em ato e se efetua via corpo e via pensamento, não há como algo se passar com a própria potência, com a própria capacidade de existir.¹⁰²

Desejo é máquina. Uma máquina desejan- te, como diz Deleuze e Guattari. É necessário, quando a potência do desejo flui em nossos corpos, se permitir deixar de representar, interpretar, ilustrar. É preciso experimentar a partir e com o desejo que é intensidade. Entendo o desejo como aquilo que me move, mas não no sentido do que eu persigo, mas a própria propulsão existencial. Não é alguma coisa que eu vou atrás, mas alguma coisa que me é indiscernível. Desejo não é falta, é produção: “O CsO é o *campo da imanência do desejo, o plano de consistência* própria do desejo (ali onde se define como processo de produção, sem referência a qualquer instância exterior, falta que viria torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)”¹⁰³. A ilusão do desejo começa quando pensamos que ele carece de um objeto, pois:

Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ali. O padre lançou uma tríplice maldição sobre o desejo: a da lei negativa, a da regra extrínseca, a do ideal transcendente¹⁰⁴

102 FUGANTI. 2011.

103 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.15

104 Ibidem.

Dessa forma, podemos pensar nesta tríplice maldição como uma morte do próprio desejo: *lei negativa* que entende o desejo como falta: a castração; *regra extrínseca* que percebe o prazer como alívio (ou morte) do desejo: a masturbação; e o *ideal transcendente* que concebe o prazer como algo impossível de ser alcançado no plano real: o fantasma. Segundo Deleuze e Guattari, “A figura mais recente do padre é o psicanalista”¹⁰⁵. Fuganti ¹⁰⁶ inclui os publicitários a essa percepção, entendendo a mídia como grande representante deste papel castrador. Para fugir deste pensamento capturado e enrijecido, que se dá a necessidade de criar para si um CsO, pois é ele e por ele que se deseja

existe uma alegria imanente ao desejo, como se ele se preenchesse de si mesmo e de suas contemplações, fato que não implica falta alguma, impossibilidade alguma, que não se equipara e que também não se mede pelo prazer, posto que é esta alegria que distribuirá as intensidades de prazer e impedirá que sejam penetradas de angústia, de vergonha, de culpa.¹⁰⁷

198

É para sair deste encapsulamento do corpo, do desejo, que se busca o CsO. Um corpo que não pode negar o devir, um corpo que se faz em movimento contínuo, que não nega a contingência do próprio corpo. Ele nasce da capacidade de novas experimentações, de novas sensações que fogem de uma vida anestesiada,

105 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.16.

106 FUGANTI, Luiz. 2011

107 DELEUZE; GUATTARI. op. cit.

entorpecida pelas verdades que nos são impostas, pela produção de intensidades que expandem a vida, que geram novos modos de ser e viver, novas realidades. Uma potência em ato que é causa de si mesma. Aquilo que nos acontece pode ser tomado como um peso, uma forma de enraizarmos cada vez mais nosso corpo, ou pode ser encarado como uma impulsão, como fonte de criação. O que fazemos com o que nos acontece é que define se investiremos em um corpo/sujeito, organizado e hierarquizado ou se optamos por investir na diferença, no corpo como potência de criar realidades, num corpo que é intensidade. Deleuze e Guattari nos esclarecem que “Um CsO é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam.” E continuam “O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso.”¹⁰⁸

199

Uma das condições de possibilidade de produção do novo é o esquecimento. Para poder produzir um grau de novidade em qualquer composição que está sendo feita, é necessário se desprender, abrir mão, esquecer, de algum procedimento, de alguma maneira de fazer as coisas. É preciso abandonar o que não serve mais. Como diz Fuganti “eu só posso seguir de modo intensivo se eu não tenho a menor piedade de destruir os meus estados, destruir corpos e órgãos em mim que não servem mais”¹⁰⁹. É um abandono e uma criação de uma nova possibilidade. A criação de um CsO é feita da inclemência com os órgãos que o corpo já não mais

108 DELEUZE; GUATTARI. 1996, p.13

109 FUGANTI, Luiz. 2011.

necessita. É em movimento com o próprio corpo que abandonamos o que não nos tem mais utilidade e abrimos o corpo para novas possibilidades. Nesse sentido, quando a personagem abandona o corpo professorinha para dar lugar a Rosário, descartando o que não lhe é mais necessário e criando um novo corpo, um novo pensamento, um novo território, está abandonando, esquecendo para dar lugar a um novo corpo, um corpo de potência, um corpo intensivo.

Deleuze e Guattari advertem em muitos momentos que para criar um CsO é preciso prudência. É preciso guardar uma porção de extrato: de organismo, de significação e de subjetivação. O organismo é adjacente ao CsO, ele está acoplado ao organismo, eles coexistem. É no organismo que se guarda essas porções de significância, de subjetivação e do próprio organismo.

200

É necessário guardar o suficiente do organismo para que ele se recomponha a cada aurora; pequenas provisões de significância e de interpretação, é também necessário conservar, inclusive para opô-las a seu próprio sistema, quando as circulações o exigem, quando as coisas, as pessoas, inclusive as situações nos obrigam; e pequenas rações de subjetividade, é preciso conservar suficientemente para poder responder à realidade dominante. Imitem os estratos. Não se atinge o CsO e seu plano de consistência desestratificando grosseiramente.¹¹⁰

A significação que se dá para algumas partes do corpo é política e é ética. Ainda que precisemos guardar uma razão de significância, é preciso entender que

ela atravessa um conjunto de tabus, de proibições, de permissões, de delimitações, de situações onde determinada manifestação é possível e outra não. Sem dúvida o nosso corpo se faz de todas essas produções.

Se pensarmos no corpo bifurcado pelo gênero, parece que não temos espaço para criar outros corpos. Esse corpo com vagina e/ou pênis, vai estar junto na produção de um Corpo sem Órgãos, vai coabitar, mas não irá defini-lo. Porque a construção do CsO nos torna outros. Esse corpo orgânico masculino ou feminino também vai produzir um CsO de diferentes formas, mas isso não vai mais ser determinante. Está para além ou aquém da questão de gênero. A questão de gênero, a partir do CsO, não faz nenhum sentido, é reducionista. Por isso, é preciso sair da representação. Já sabemos que a genitalização foi uma criação histórica e cultural. A sexualidade historicamente, culturalmente, socialmente funcionou a partir da identificação do órgão reprodutor com erotização, como desejo. Isso é uma produção de realidade atrelada à moralidade, no momento em que relacionamos a sexualidade à vagina e ao pênis, invisibilizamos todas as outras práticas sexuais possíveis e reforçamos um regime heterocentrado de representação de corpos. Preciado afirma que:

Os órgãos sexuais não existem em si. Os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais já são o produto de uma tecnologia sofisticada que prescreve o contexto em que os órgãos adquirem sua significação (relações sexuais) e de que se utilizam com propriedade, de acordo com sua “natureza” (relações heterossexuais)¹¹¹

111 PRECIADO, 2014, p.31.

Essa significação dos órgãos e sua redução das zonas sexuais às genitálias é resultado de um disciplinamento dos corpos, das subjetividades e da própria organicidade do corpo. Atrelar significância dos órgãos reprodutivos a supostos órgãos sexuais reduz o corpo a uma função atrelada, necessariamente, a uma moral cristã, pois apenas as práticas heterossexuais são representadas nesse pensamento, com uma finalidade reprodutiva. Para Preciado:

É preciso dinamitar o órgão sexual, aquele que se fez passar pela origem do desejo, por matéria-prima do sexo, aquele que se apresentou como centro privilegiado, no qual se toma o prazer ao mesmo tempo que se dá, e como reservatório de reprodução da espécie.¹¹²

202

É preciso desatrelar atividades relacionadas às genitálias: “A sociedade contrassexual declara e exige a separação absoluta das atividades sexuais e das atividades de reprodução”¹¹³. A questão não é negar a existência de vagina e pênis e suas diferenças anatômicas. O que estou propondo, é uma ressignificação, ou melhor, um abandono da significância desses órgãos enquanto sexuais e de toda a subjetivação capitalística que advém desta perspectiva. Preciado nos diz que “No âmbito do sistema capitalista, o corpo funciona como uma prótese-total a serviço da reprodução sexual e da produção de prazer genital”¹¹⁴. Em todos os casos

112 PRECIADO, 2014, p.80.

113 Ibidem, p.38.

114 Ibidem, p.59.

o corpo segue sendo uma captura da cultura heterocentrada que necessita ser repensada, desierarquizada. Em outras palavras: “É preciso desterritorializar o sexo”¹¹⁵. Por que não criar um CsO para pensarmos essas questões? Quando pensamos, por exemplo, na pele como um órgão sexual, desierarquizamos essa hierarquia anterior. Mas não se trata de transpor a significância sexual de um órgão para outro, mas entender que os órgãos não necessitam de funções pré-determinadas e imutáveis. Neste caso, o CsO funcionaria como “máquina desejante”, na medida em que ele opera através da circulação do desejo e se propõe a resistir. Uma máquina de resistência contra toda a forma de preconceitos quanto a significância dos órgãos, mesmo lembrando que sempre necessitamos guardar uma porção de estrato, uma porção do real que é aceito pelos modos de vida em que vivemos. O CsO pode atuar como máquina desejante e ao mesmo tempo desorganiza o corpo organizado, a hierarquia dos sentidos, do juízo, da moral. É uma abertura de uma fresta para olhar outras possibilidades.

6.2

UM CORPO POR VIR

Pensando que o CsO se faz por e pelo desejo, podemos questionar: O desejo é uma prática de liberdade ou é produto de uma máquina capitalística? A cada transformação caímos em um buraco e somos capturados novamente pela máquina? Então querer é desejar? E o que é o querer? O que é que quer em mim? É o mundo que quer em mim e eu sou uma reverberação, um eco, uma repercussão do que o mundo quer de mim e em mim? Ou eu sou capaz de gerar desejo para além do que o mundo espera que eu deseje? Essa é a tensão da existência que se dá num emaranhado de forças. Esse desassossego é que é potente. Existe uma liberdade real no desejo?

Eu diria que o que existe são pequenas fissuras que somos capazes de gerar nessa grande máquina se subjetivação contemporânea. Talvez esta pesquisa seja uma brecha, uma fissura que é o próprio desejo, que daqui a algum tempo (ou imediatamente após ser escrita) será engolida, capturada, sendo necessária a criação de novos desejos e de novos pensamentos.

Se pensarmos na cartografia como um rizoma, como um agenciamento, onde o que eu escrevo litera-

riamente não é hierarquicamente inferior ao desenvolvimento de conceitos, mas planos acoplados que não existem sozinhos, mas coexistem, onde cada plano desliza em um outro, podemos entender este texto como um Corpo sem Órgãos. Quando eu proponho em minha pesquisa a criação de um CsO, não estou me limitando a um corpo físico. A minha ideia de CsO é a própria cartografia e não a proposta de criação de um corpo esvaziado de órgãos.

Esse corpo que procuro, que desconstrói significações limitantes dos órgãos, que retira gêneros de caixinhas azuis e cor-de-rosa, que desamarra as sexualidades e não fragmenta corpos, talvez, este corpo ainda não exista. Não que seja um corpo utópico ou irreal. É um corpo virtual em vias de se atualizar, em vias de se fazer. Deleuze e Guattari nos falam que “O escritor se serve de palavras, mas criando uma sintaxe que as introduz na sensação, e que faz gaguejar a língua corrente (...) é o estilo, o ‘tom’, a linguagem das sensações ou a língua estrangeira na língua, a que solicita um povo por vir” Para pensar esse corpo, tomo de empréstimo o conceito deleuzeguattariano de “povo por vir”¹¹⁶ e anuncio um *corpo por vir*. Quando perguntado sobre o povo que está faltando Guattari responde:

Sim, eu acredito que exista um povo múltiplo, um povo de mutantes, um povo de potencialidades que aparece, desaparece, encarna-se em fatos sociais, em fatos literários, em fatos musicais. É comum me acusarem de ser exageradamente, bestamente, estupidamente otimista, de não ver a miséria dos

povos. Posso vê-la, mas... não sei, talvez eu seja delirante, mas penso que estamos num período de produtividade, de proliferação, de criação, de revoluções absolutamente fabulosas do ponto de vista dessa emergência de um povo. É isso a revolução molecular: não é uma palavra de ordem, um programa, é algo que eu sinto, que eu vivo, em encontros, em instituições, nos afetos, e também através de algumas reflexões.¹¹⁷

Assim como Guattari, sou otimista (talvez um pouco ingênua) em pensar que um outro corpo, um corpo desacorrentado, liberto de amarras seja possível e esteja por vir. Um corpo *desgenerizado*. Um corpo que não quer equidade de gêneros, que não quer igualdade de gêneros. Um corpo que quer outro modo de vida. Que não quer mais falar em gêneros, que busca outro modo de funcionamento do organismo. Um corpo que quer a própria desconstrução do gênero. Gênero, segundo algumas teóricas feministas, é pura fabricação. Preciado, ao remeter-se a Butler, expressa tal afirmação:

Assim, [Butler] concluirá que os enunciados de gênero, desde aqueles pronunciados no momento do nascimento, como 'é um menino' ou 'é uma menina' (...) não descrevem nada. São mais enunciados performativos (ou realizativos), isto é, invocações ou citações ritualizadas da lei heterossexual.¹¹⁸

Ou seja, o gênero é uma produção de referenciação. Ser mulher é uma pura criação. Voltando a pergunta

117 GUATTARI; ROLNIK. 2013, p.376.

118 PRECIADO, 2014. p.92.

inicial “o que é ser mulher?” podemos pensar em uma resposta, ainda que contingente, pensando que ser mulher é uma fabricação. Ser mulher é pura criação social que acopla genitália a comportamentos arbitrariamente impostos à mulheres. Uma criação de feminilidades. Uma subjetivação de comportamentos e pensamentos, de modos de vida e do próprio corpo feminino. Uma significância de órgãos reducionista que hierarquiza e segmenta o corpo. Nos tornamos mulheres a partir de imposições sociais naturalizadas, dadas como imutáveis. Mas como desconstruir algo dado como natural, algo fortemente enraizado? No documentário *She's beautiful when she's angry*¹¹⁹, que resgata a história do movimento feminista dos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, uma frase de Alice Wolfson chama a atenção por propor uma desconstrução: “Não queríamos uma fatia do bolo. Queríamos mudar a receita”. Se nesta época foi necessária uma grande revolução feminista para adquirir direitos das mulheres, hoje uma nova revolução é necessária. Uma revolução molecular que destitui eixos dicotômicos molares - homem/mulher; macho/fêmea; masculinidade/feminilidade. Neste pensamento molar “O casal feminino-passivo/masculino-ativo permanece (...) uma referência tornada obrigatória pelo poder, para permitir-lhe situar, localizar, territorializar, controlar as intensidades do desejo”¹²⁰. A revolução molecular, nesse sentido, complexifica e transforma essa rigidez em linhas transversais, singulares, heterogêneas que escapam a identidades fixas

119 DORI. 2014.

120 GUATTARI. 1981, p.36

molares e abrem o corpo em nome do devir, da alteridade, da molecularidade. Tentar esfacelar essa identidade molar atrelada ao sexo, mostrando a falta de fundamento quando se apontam aspectos biológicos como fixos, imutáveis sem percebê-los como ficção social tanto quanto os gêneros o são, poderia nos afastar de um essencialismo de gênero heterocentrado e possibilitar o entendimento dos corpos como moleculares. Pensar um uma revolução molecular de gênero, em um CsO como máquina de desejo, são possibilidades de criar outras formas de perceber o mundo, criar outras formas de viver e experimentar o corpo. Guattari corrobora para esta ideia quando afirma:

Parece-me importante explodir noções generalizantes e grosseiras como as de mulher, homossexual... As coisas nunca são tão simples assim. Quando as reduzimos a categorias branco/preto ou macho/fêmea, é porque estamos com uma idéia de antemão, é porque estamos realizando uma operação redutora-binarizante e para nos assegurarmos de um poder sobre elas. (...) A moral sexual dominante exige da mulher uma identificação quase histórica de seu gozo com o do homem, expressão de uma simetria, de uma submissão a seu poder fálico.¹²¹

208

Essas normas binárias externas ao sujeito e arbitrariamente impostas, formam uma hierarquia dos corpos: o macho acima da fêmea, masculinidade sobre feminilidade, mulheres subalternas aos homens. Ora, para desmontar essas dualidades, primeiramente precisamos entender que feminilidades e masculinidades

121 GUATTARI. 1981, p.37

são fabricadas e não inatas aos sujeitos. Se desde o nascimento somos criadas para sermos passivas, submissas, frágeis, dóceis, e homens para serem dominantes, reprodutores, vigorosos, somos impelidos a acreditar que essas são características naturais dos homens e mulheres. Temos nossos corpos castrados desde o nascimento, ou mesmo antes disso, bloqueando nossas potências de existir para além dos gêneros. Para isso, uma parte das teóricas feministas, do chamado feminismo radical, defende que

o objetivo é abolir a noção de gênero como um todo: parar de separar as pessoas em caixas rosas ou azuis, tornar possível o desenvolvimento das personalidades dos indivíduos bem como suas preferências sem a influência coercitiva deste sistema de valores socialmente decretado.¹²²

209

Para desconstruir a noção de binaridade dos gêneros, seria preciso desconstruir o próprio gênero enquanto identidade. Para alguns teóricos, que defendem a teoria *queer*, o problema não estaria na hierarquia dos gêneros, mas na binaridade destes. O problema seria entender o gênero como dual e negar muitos outros espectros possíveis. Neste caso, não nos limitaríamos aos gêneros feminino e masculino, mas teríamos um leque de identidades muito maior: fluido, genderqueer, não-binário, pangênero, poligênero, agênero, semigaroto, semigarota, neutro, aporagênero, lunagênero, *quantumgênero*¹²³ entre muitas outras possibilidades.

122 REILLY-COOPER, 2016.

123 Ibidem, 2016.

A defesa desta vertente é que, desta forma, libertaríamos os sujeitos de ambos os sexos do binarismo que o gênero comporta e pensariamos o gênero como um espectro. Mas se pensarmos que, desta forma, gênero é um espectro infinito entre os extremos masculino e feminino, e que temos uma infinidade de outras formas de referenciar os corpos, continuaremos a encaixar padrões em cada um desses gêneros separando, novamente em caixas pré-definidas e limitantes. Não me parece que isso seja realmente efetivo, pois,

Se gênero é um espectro, isso quer dizer que é um contínuo entre dois extremos, e todos estão localizados em algum ponto desse contínuo. Eu assumo que os dois fins do espectro sejam masculinidade e feminilidade. Há alguma outra coisa que poderia ser? Uma vez que percebemos isso, torna-se claro que todos são não-binários, porque ninguém é pura masculinidade ou pura feminilidade. É claro que algumas pessoas estarão mais próximas a uma das pontas do espectro, enquanto outras serão mais ambíguas e flutuarão pelo centro. Mas até a pessoas mais convencionalmente feminina demonstrará algumas características que associamos com masculinidade e vice-versa.¹²⁴

210

Desta forma, quando proclamamos uma infinidade de gêneros, o que verdadeiramente acontece, é a criação de falsos binários, pois para que alguém possa se declarar não-binário ou agênero, por exemplo, é imprescindível que gêneros binários existam para tal referência. Como alguém poderia ser não-binário

se binários não existissem? Ao invés de libertarmos os gêneros das amarras binárias, apenas inserimos novos elos, aumentando o tamanho dessa corrente, mas não rompendo com o aprisionamento da dualidade. Voltamos ao problema das caixas azuis e cor-de-rosa! Criar novas caixas, colori-las, ainda não resolve o problema de termos identidades fixas de gênero. O que realmente me parece efetivo, é a desconstrução total da ideia de gênero. Uma subversão desta palavra e sua significância para algo completamente novo. Um corpo contingente, aberto a mudanças constantes que não separasse as pessoas por suas genitálias. Segundo Reilly-Cooper

A solução não é materializar o gênero por insistir em ainda mais categorias que definam a complexidade da personalidade humana em maneiras rígidas e essencialistas. A solução é abolir o gênero como um todo. Nós não precisamos de gênero. Ficaríamos melhores sem ele. Gênero é uma hierarquia com duas posições que operam para naturalizar e perpetuar a subordinação de pessoas fêmea à pessoas macho, castrando o desenvolvimento de indivíduos de ambos os sexos. Reconceber o gênero como um espectro de identidades não representa nenhum avanço.¹²⁵

211

Pensar na subversão de gênero é pensar em um *corpo por vir*. Mas como falar desse *corpo por vir* se ainda estamos lutando por salários iguais, pelo aborto legalizado, para não sermos vistas como objetos sexuais, lutar contra a cultura do estupro, contra o feminicídio? Uma revolução não anula a outra. Para uma revolução

molecular de gênero precisamos abrir brechas no pensamento dual, pois ele nunca se desmanchará sem isso. Acredito que, enquanto houver imposição de estereótipos de gêneros, alicerçados em uma cultura bifurcada que impõe a masculinidade sobre a feminilidade, haverá pessoas sofrendo por não se encaixarem em tais padrões. Por isso, parece-me indispensável abolir o gênero e abrirmos outras possibilidades de experimentar os corpos. Um corpo *desgenerizado*. Um corpo por vir.

Em minha experiência durante os caminhos desta cartografia, experimentei uma prática que buscou uma espécie de corpo nômade, uma busca incessante de transformação, de reinvenção, de abertura deste corpo cartógrafa aos fluxos desejantes, às conexões que foram se estabelecendo, aos agenciamentos. Nesse processo, mudei várias vezes o corte de meu cabelo, bem como sua cor. Minhas roupas foram se modificando, fui criando um outro estilo onde a moda pouco me importava. Minha pele foi marcada por tatuagens que acompanhavam as transformações sofridas e vividas intensamente. Não consegui me esquivar dos fluxos de forças que se estabeleciam entre a cartógrafa, as personagens, a pesquisa e o mundo. Busquei desviar de estruturas binaristas, de identidades, de um sujeito mulher subjetivado para abrir-me a novas possibilidades de pensar e viver na diferença. Desafiei-me a enxergar minha imagem refletida e me estranhar, a recusar aquela mulher já conhecida e ensaiar novas formas de perceber este corpo aberto ao devir. Um exercício de desfazimento, uma prática de um Corpo sem Órgãos que desafiava a molaridade do próprio corpo. Um corpo em potência, que tenta escapar de territórios existenciais e que se conecta a novas e infinitas possibilidades de vida.

7 REFERÊNCIAS

ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de; COSTA, Luis Artur; FONSECA, Tânia Mara Galli. Verbetes “Cartografar”. In: FONSECA, Tania Mara Galli; MARASCHIN, Cleci; NASCIMENTO, Maria Livia. (Org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012, v. 1, p. 45-48.

214

BAUM, L. Frank. **O Mágico de Oz**. Tradução Sergio Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2ª ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério Da Educação. **Programa Nacional Mulheres Mil: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável**. 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=8598&Itemid=122> Acesso em 12 de out de 2014.

BUTLER, Judith P. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. Cadernos Pagu, n. 11, p. 11-42, 1998.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. **“L’Abécédaire de Gilles Deleuze”**. Paris: Editions Montparnasse, 1997. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério de Educação, “TV Escola”, 2001.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol. 1. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Vol. 3. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. Vol. 4. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Allonso Muñoz 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DORI, Mary. **She's beautiful when she's angry**. [documentário]. Produção de Mary Dore e Nancy Kennedy. Direção de Mary Dori. EUA, 92 min, 2014.

FARINA, Cynthia. La Formación del Territorio. Saber del abandono y creación de un mundo. In: GÓMEZ, William Moreno. **Educación cuerpo y ciudad**. Funámbulos editores, 2007.

FERREIRA, Gleidiane S.. **Não há igualdade sem diferença, nem diferença sem igualdade**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.23, n.1, p. 273-276, 2015.

FUGANTI, Luiz. **Agenciamento**. 2016. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/agenciamento/>> Acesso em 18 set 2016.

216

_____. **Aula [1 Manhã] Conceito de Cartografia com Fuganti**. 2014a. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fN4suUSqitY>> Acesso em: 16 set 2016.

_____. **Aula [2 Tarde 1] Conceito de Cartografia com Fuganti**. 2014b. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WFzGC8e4aBQ>> Acesso em: 16 set 2016.

_____. **Corpo sem Órgãos**. 2011. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIwxWe_Tvo4> Acesso em: 08 set 2016.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma

estético. Tradução de Ana Lúcia Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 1ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

KING, Stephen. **Sobre a escrita**. Tradução de Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; RIBEIRO, C. J. S.; COSTA, L. A.; ANDREOLI, G. S. Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Orgs.), **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. p. 91-101.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.13, n.3, p. 483-505, 2005.

MENA, Fernanda. **Um terço dos brasileiros culpa mulheres por estupros sofridos**. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/09/1815301-um-terco-dos-brasileiros-culpa-mulheres-por-estupros-sofridos.shtml>> Acesso em 21 set. 2016.

MENDES, Mary Alves. **Estudos Feministas:** Entre Perspectivas modernas e pós-modernas. Cadernos de Estudos Sociais. Recife. v. 18, n.2, p.223-238, jul./dez. 2002.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REILLY-COOPER, Rebecca. **Gender is not a spectrum.** 28 jun 2016. Disponível em: <<https://aeon.co/essays/the-idea-that-gender-is-a-spectrum-is-a-new-gender-prison>> Acesso em: 15 de out de 2016. Tradução de Paula Albuquerque disponível em: <<https://medium.com/@firmafeminista/gênero-não-é-um-espectro-15faefa751ae#.bsy8u13nx>> Acesso em: 15 de out de 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

ROSA, Stela (org) **Mulheres Mil:** do sonho à realidade. Brasília, DF: Ministério da Educação. 2011. Disponível em: <http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/livro_mulheres_mil_portugues.pdf> Acesso em 12 de out de 2014.

SOUZA, Jéssica Horácio de. As implicações do sexismo benévolo na afirmação de estereótipos femininos. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 02, n. 01, p.5-10, 2016.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. **Do estigma à exclusão**: história de corpos (des) acreditados. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2005.

TONELI, M. J. F.; GALVÃO, K.; CABRAL, A. G.. Verbetes "Singularizar". In: Tania FONSECA, Mara Galli; MARASCHIN, Cleci; NASCIMENTO, Maria Lívia. (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 209-210.

MAPA DE INTENSIDADES
Cartografia de uma transformação feminina